

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1969 N.º 16 550 ANO 48.º UM ESCUDO



Mudaram de nave em pleno espaço DOIS DOS COSMONAUTAS RUSSOS

MOSCOVO, 16 — (F. P.) — Os dois cosmonautas engenheiros que se encontravam a bordo da «Soyuz 5» passaram para a «Soyuz 4»

O transbordo dos dois enge-

nheiros, Evgueni Khrunov e Alexei Elisseev, fez-se através de um «túnel» formado pela ligação das câmaras exteriores de junção das duas naves — anunciou oficialmente a Tass.

Segundo a mesma agência, as duas cápsulas tripuladas foram ligadas no espaço, constituindo o que se pode considerar oficialmente a primeira estação orbital tripulada da história de exploração do cosmos.

A estação, com quatro compartimentos e quatro cosmonautas, continua em órbita terrestre firmemente unida após uma manobra de acostagem manual.

A Tass comunicou que a

(Continua na 9.ª página)



A FRANÇA VAI SER JULGADA NO TRIBUNAL DO MERCADO COMUM

BRUXELAS, 16 — (R.) — A Comissão Executiva do Mercado Comum anunciou hoje que levava a França ao Tribunal de Justiça do Mercado Comum por não ter elevado a taxa de juro preferencial para as exportações para os outros países membros.

Os peritos legais da Comissão receberam pedidos para apresentar o caso logo que possível àquele Tribunal, cuja sede é no Luxemburgo.

POLÍTICA EXTERNA NA BÉLGICA

BRUXELAS, 16 — (F. P.) — «A Europa não tem por onde escolher: deve optar pela coexistência pacífica e fundar em cooperação uma ordem de paz» — declarou Pierre Harmel, ministro dos Negócios Estrangeiros belga, defendendo perante o Senado o orçamento do seu departamento. No que se refere à política europeia, o ministro definiu assim a posição belga:

— A Europa Ocidental não deve associar apenas as suas políticas económicas, mas também as sociais, tecnológicas, monetárias, externas e de defesa.

— A Europa dos «Seis»

continua a ser núcleo à volta do qual se deve estender a outros domínios a obra de unificação económica já emprehendida.

— Não há Europa ocidental sem a solidariedade dos seus maiores países.

— Não haverá novas instituições europeias.

— Apesar dos obstáculos ao seu alargamento, é preciso

fomentar o desenvolvimento interno das comunidades.

Falando em seguida do Médio Oriente, Harmel declarou que «só uma acção persistente e urgente levada a cabo no âmbito do Conselho de Segurança pelos grandes com o apoio de todos os nossos Estados poderá impedir novo recurso à força armada».

A manifestação levada a efeito, há dias, junto do edifício da missão diplomática rodesiana em Londres passou a ser conhecida pela designação de «Batalha da Casa da Rodésia». Entretanto terminou em Londres a conferência da Comunidade britânica cujo comunicado final reflecte o desacordo entre a Grã-Bretanha e a maioria dos 27 membros da Comunidade sobre o problema rodesiano.

ACORDO EM PARIS: A MESA SERÁ REDONDA

PARIS, 16 — (F. P.) — Está feito o acordo: a mesa vai ser redonda e as delegações sentar-se-ão no lugar que desejarem, soube-se de fonte norte-vietnamita bem informada.

De cada lado da mesa ficarão outras duas mais pequenas para os secretários.

Entretanto, um informador da delegação

americana informou que a primeira conferência plenária (com as 4 delegações) se realizará no próximo sábado para debater problemas de ordem processual.

Por seu lado, a delegação americana confirma ter sido concluído um acordo completo quanto à forma da mesa permitindo a reali-

zação, no sábado, da primeira reunião plenária das 4 delegações para debater problemas de ordem processual, anunciou um informador da delegação americana.

As quatro delegações reunir-se-ão no centro de conferências do antigo Hotel Majestic, às 10 e 30 de sábado (hora de Paris), em volta de uma mesa redonda.

**É urgente ampliar
o «Metro» até Alvalade**

— tema central
da reunião do Município

(Ler na última página)

HOJE 28 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Porque não começam as obras das estações de camionagem planeadas para Lisboa e Porto?

— perguntou um deputado na Assembleia Nacional

Com a mesma ordem do dia, o aviso prévio sobre a expansão da língua portuguesa, prosseguiram, esta tarde, os trabalhos da Assembleia Nacional.

No período de antes da ordem do dia, o sr. dr. Elísio Pimenta, deputado pelo Porto, começou por louvar a rapidez com que foi iniciada e executada a obra do encontro da estrada marginal de Cascais com a auto-estrada. Em contraste, referiu-se às obras que nunca mais começaram as estações centrais de camionagem, cujo estudo-base, para Lisboa e Porto, foi aprovado pelo ministro das Comunicações, em Janeiro de 1962, isto é, há precisamente sete anos, e consignada a verba de 9 mil contos no já findo Plano Intercalar de Fomento, e a de 241 mil contos no III Plano de Fomento, no seu segundo ano de execução.

Acenou aquele deputado que, apesar disso, nenhuma estação central de camionagem começou até agora a construir-se no País e não, certamente, por falta de meios financeiros, dado que a fonte de financiamento indicado nos referidos planos é o bem abastecido Fundo Especial de Transportes Terrestres. Restringindo as suas considerações às estações do Porto, que foram, há dois anos, objecto de um requerimento, disse, mais adiante, que, de acordo com o Plano Director da cidade do Porto, estão previstas três estações rodoviárias: a estação do Sul, localizada no antigo Parque das Camélias; a estação do Norte, na via de cintura interna e a estação do Leste, junto da de Camanã. E prosseguiu:

«A primeira, isto é, a estação do Sul, foi considerada prioritária no Plano Intercalar de Fomento e dotada com 32 mil contos, conforme o anexo-projecto aprovado em Outubro de 1963, quer dizer, há cinco anos, e, a partir da declaração de utilidade pública.

QUEM ACHOU?

Um nosso camarada de redacção perdeu um relógio de pulso, com bracelete de metal, próprio para caça submarina, desde a Rua Silva Carvalho ao «Diário de Lisboa», parte do percurso no «eléctrico» do Carmo. Agradece a quem o achou o favor de o entregar na nossa redacção.

ca, feita um mês depois, deu-se início ao processamento da aquisição e expropriações das parcelas de terreno que constituirão a área necessária para a instalação da estação, praticamente terminadas há dois anos, com o dispêndio de 16 500 contos. O relatório do decreto n.º 47 790, de 10 de Julho desse mesmo ano de 1967, esclareceu que até ao fim do ano se previa a entrega dos projectos definitivos de arquitectura, estruturas e instalações especiais, devendo a obra ficar concluída dentro de dois anos, isto é, em 1970.

«Temos, portanto, como dados certos, segundo as estações oficiais responsáveis: concluída a aquisição do terreno, entregue os projectos definitivos e incluída no primeiro orçamento do Fundo Especial de Transportes Terrestres para 1967, a verba de oito mil contos para o início da execução da obra. Parecia nada mais faltar para a sua conclusão em 1970».

E o dr. Elísio Pimenta perguntou:

«O que acontece? Neste mo-

mento, princípio de 1969, a um ano ou ano e meio do previsto para a conclusão da estação central rodoviária do Sul, na cidade do Porto, não só a construção não se iniciou, como não consta sequer haver sido aberto o respectivo concurso».

Depois de sugerir outra estação de camionagem (de longo curso) para a zona da Ponte da Arrábida, aquele deputado afirmou, já a concluir:

«Em resumo, e para terminar, sr. presidente, o essencial é que se dê uma solução rápida a uma questão que se arrasta há longos anos, com prejuízo da comodidade do público, da urbanização de uma cidade, que procura adaptar-se às necessidades dos tempos actuais, por vezes entravada ou demorada pela incompreensão, pela inércia ou pela incapacidade, e do prestígio do Poder, sempre valorizado, quando os problemas são enfrentados com a inteligência e a decisão como no encontro das rodovias da Cruz Quebrada».

PEDIDA A CRIAÇÃO EM ÉVORA DE ESCOLAS DE ENSINO SUPERIOR E MÉDIO

O deputado por Évora, sr. Manuel João Cutileiro Ferreira, começou por fazer o elogio da capital do distrito que representa na Câmara:

«Começarei, as minhas simples palavras, por referir que Évora já existia, como cidade, antes de Portugal ser Nação».

Depois de fazer uma súmula histórica da cidade e do distrito, solicitou as providências mais prementes «que facilitem e possibilitem o desenvolvimento que todos, todos sem excepção, desejamos para a nossa região».

E acrescentou:

«Há, antes de tudo, que criar os quadros técnicos que formem os indivíduos, potencialmente válidos, para o desempenho das múltiplas funções que importa se exercerem. Necessitamos de Economistas, de Sociólogos, de Veterinários, de Agrónomos, de Agentes Técnicos de

Engenharia e Técnicos Comerciais. Para isso é urgente que o Governo da Nação considere, e atenda, os alunos do Instituto de Estudos Superiores de Évora. Reque-re-se que tenham título universitário, que bem merecem, e sejam equiparados aos formados pelas Universidades Estatais. Os programas desses estudos foram, em tempo devido, propostos e aceites. Porque se espera para os legalizar? Impõe-se a criação das Escolas Superiores de Veterinária e Agronomia que, em Évora teriam o seu habitat certo. É certo que se processam as maiores explorações agro-pecuárias e é lá por consequência que as Escolas devem ser montadas. O número dos seus alunos seria, infelizmente, superior ao das Escolas congêneres de Lisboa e o seu reflexo técnico teria maior actualidade e repercussão. É em Évora que existe melhor ambiente para o estudo, e in-

vestigação e mais lato campo de acção. É lá que a técnica tem esses campos de acção quase ilimitados e lá, ainda mais fácil seria o ensino. A par da preparação escolástica há a possibilidade de aplicação prática dos ensinamentos teóricos».

Já a terminar:

«Não hesite o Governo. Évora não deverá ter uma Escola Náutica mas pode, pode e deve ter Escolas de preparação para técnicos agro-pecuários. Porque hoje, como aliás sempre, se deve ter em vista o rendimento das explorações. Há que criar Economistas que estudem, e planifiquem, os efeitos económicos. Porque se pretende uma maior produtividade, e que essa produtividade seja orientada no sentido de servir a todos, há que criar Sociólogos que programem no sentido de que a maior produtividade seja encaminhada nesse sentido».

E ainda:

«A criação dos Institutos Industrial e Comercial é outra necessidade urgente, inadiável até. Os indivíduos têm que ser valorizados pelo ensino, para que valorizem as suas actuações. Sem técnicos não haverá técnica e, sem esta não haverá progresso».

«Porque esperamos? Queremos um colapso económico? Não o creio, e por isso, peço ao Governo da Nação que atenda as minhas solicitações, com a urgência que bem merecem».

FIM DE TARDE EM S. BENTO

• Na Assembleia Nacional, no período antes da ordem do dia da sessão de ontem, o deputado por Aveiro, dr. Correia Barbosa, referiu «o mal-estar que se vai verificando entre as populações» porque «o chamado custo de vida sobe assustadoramente, sem que até agora os governantes, não obstante a sua boa vontade, possam opor uma travão eficaz à marcha ascensional dos preços».

• E aquele deputado prosseguiu: «Desde a alimentação ao vestuário, desde as rendas de casa e, agora os transportes, a vida sobe vertiginosamente, constantemente, sem que se lhe possa opor um dique que a contenha. Desta ascensão, quantas vezes incontável e injustificada todas as classes sociais, mais ou menos, sofrem por o rendimento do seu trabalho ou das suas actividades não poder acompanhar a vertigem dessa marcha». Referiu a existência de classes mais duramente atingidas, concluindo por solicitar do Governo a melhoria da situação dos menos favorecidos, como os funcionários administrativos e os dependentes do Ministério da Justiça.

• O deputado por Vila Real, dr. Cunha Araújo, também falou do «desenfreado aumento do custo de vida», queixando-se seguidamente do alto custo do telefone e da forma como são apresentadas as contas, nem sempre certas. Pediu providências para que o assunto seja normalizado e que se possibilite a verificação dessas contas, em caso de reclamação.

• Na ordem do dia, o aviso prévio apresentado pelo deputado dr. Manuel Nazaré, usaram da palavra a sr.ª dr.ª D. Sinclética Torres, deputada por Angola; o sr. dr. Castro Salazar, deputado por S. Tomé e Príncipe; o sr. comandante Gabriel Teixeira, deputado por Lisboa, e o sr. dr. José Manuel da Costa, deputado por Portalegre. Este último discordou da ordem e da maneira como estão a ser inscritos na ordem do dia os avisos prévios.

• Em resposta, além das explicações, o sr. dr. Soares da Fonseca, vice-presidente em exercício, afirmou: «A Assembleia Nacional não teria matéria para ordem do dia a seguir às férias do Natal se o nosso muito ilustre e querido presidente não tivesse marcado para discussão, como o fez, o aviso prévio do sr. deputado Manuel Nazaré, que estava preparado, ao tempo, para o efectivar. É seria difícil e seria penoso e simplesmente desumano, que o nosso presidente mandasse convocar as comissões durante as férias da quadra do Natal. E mais adiante: «Verifiquei que o aviso prévio sobre a defesa da língua não poderia ser marcado para a ordem do dia: os ilustres deputados avisantes não estavam preparados — como qualquer de nós teria de vir — sobre a matéria».

DE ONTEM PARA HOJE

INFORMAÇÃO E TURISMO

O organismo que carrega e dirige a informação portuguesa e orienta o turismo nacional passou agora por grande transformação, elevado que foi a Secretaria de Estado. Transformado foi o organismo e ontem tomaram posse dos seus cargos as pessoas sobre cujos ombros mais pesará a responsabilidade do bom andamento do importante departamento de Estado. Quase todas elas aliás são familiares à casa, pois que apenas trocaram de lugares. Tomaram posse os directores-gerais drs. Clemente Rogeiro, Cactano de Carvalho e eng.º Alvaro Roquette, os inspectores superiores drs. Ramiro Valadão, Judice da Costa e Felner da Costa e os directores de Serviços drs. Peres Rodrigues, Alberto Represas, Manuel San Payo e José Maria Alves. Presidiu à cerimónia da posse o dr. César Moreira Baptista, que lembrou o passado da casa desde o Secretariado de Propaganda Nacional à actual Secretaria de Estado, em quase 36 anos de vida. E depois repetiu as palavras do sr. Presidente do Conselho ao tomar posse: «Sabemos ser dignos desta hora». Dissera antes o secretário de Estado da Informação: «Iniciamos uma nova etapa em que o estilo de actuar será também diferente. Cumpre-nos para tanto, usar meios de agir que não desconheciam as novas técnicas e os novos problemas e se adaptam aos rumos actualizados que temos de percorrer para servir a colectividade nacional à luz dos critérios que irão impor diferentes fórmulas de actuação». Renovação de processos, de ideias, de actuação no sector importante da Informação, propõe portanto o principal responsável pela informação portuguesa, para sermos «homens livres numa nação livre, senhora dos seus destinos». E o orientador da informação portuguesa não deixou também de dizer que «é na retaguarda que uma informação tendenciosa poderá desmoralizar, confundir e inquietar». Esperemos, portanto, com a transformação, aquela hora de informação objectiva e responsável, não tendenciosa e unilateral, que é a de autênticos homens livres num país livre.

ULTRAPASSAGEM NA CURVA

Na curva fatídica que se segue à Fábrica de Cerveja de Coimbra, verificou-

se grande acidente de viação. Um automóvel conduzido por Elias Garcia Cardoso Moleiro, de 34 anos, agente da P. I. D. E., morador em Coimbra e que se dirigia para aquela cidade, acompanhado da esposa e de duas filhas, ia a ultrapassar um autotanque. Foi embater com violência num autocarro de passageiros, conduzido pelo sr. Florindo Coelho da Silva, de 33 anos, também de Coimbra. O

condutor do carro ficou internado nos Hospitais da Universidade. A esposa e filhas receberam tratamento numa clínica particular.

MUNICIPALISMO

Santarém comemora, neste momento, o centenário da sua elevação a cidade. Ontem, nos Paços do Concelho, o antigo ministro dr. H. Martins de Carvalho, proferiu uma conferência sobre o tema «Do municipalismo do passado ao municipalismo do futuro».

acompanhado da esposa e de duas filhas, ia a ultrapassar um autotanque. Foi embater com violência num autocarro de passageiros, conduzido pelo sr. Florindo Coelho da Silva, de 33 anos, também de Coimbra. O

ARQUITECTO BRACARENSE

O arquitecto bracarense André Ribeiro Soares da Silva cujo segundo centenário da morte ora ocorre foi lembrado ontem, numa conferência do prof. Robert Smith proferida na Fundação Calouste Gulbenkian. É dos grandes arquitectos portugueses o homem cuja obra

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu, no Palácio Nacional de Belém, os srs. eng.º Vaz Pinto, ministro de Estado, com o sr. almirante Henrique Tenreiro; dr. Manso Preto, procurador-geral da República; dr. Azevedo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian; deputado José Vicente de Abreu; eng.º Carlos Alves e dr. Francisco Cortes Pinto, presidentes da direcção da Associação Industrial Portuguesa e da Feira Internacional de Lisboa; e Luís C. Lupi; e a directora do Museu dos Coches.

TÁBUA RASA

No Cenáculo Tábuas Raras foi ontem à noite homenageado o director do Conservatório Nacional dr. Ivo Cruz. Presidiu o prof. Hernani Cidade, sendo o elogio do homenageado feito pelo comendador Júlio Navarro Cabral e pelo dr. Luís de Oliveira Guimarães.

ESTA SEMANA

motor

SAI AMANHÃ

com assuntos de grande actualidade, artigos do maior interesse e, além de todas as secções habituais,

uma completa reportagem do «Racing Car Show», de Londres, pelo enviado especial Joaquim Filipe Nogueira

Sai às 5.ª feiras

Preço 2\$50

O PINTOR D. CARLOS DE BRAGANÇA

Por RAUL REGO

O volume agora saído sobre A Obra Artística de El-Rei D. Carlos trouxe de novo a primeiro plano o desenhista e pintor que foi o penúltimo rei de Portugal, continuando as tradições artísticas da família de Bragança. Desde o fundador da dinastia, com obra musical de valia, aos ensaios poéticos e musicais de D. Pedro IV, aos conhecimentos de pintura, de desenho e de mobiliário que notabilizaram D. Fernando II, às traduções de Shakespeare feitas por D. Luís, também amante de violoncelo em que parece desafiava bastante, a dinastia teve fim com o D. Manuel, que se havia de notabilizar no exílio como bibliófilo apaixonado, deixando núcleo de livros antigos portugueses, realmente notável.

Parece-nos todavia que desses temperamentos artísticos dos Braganças o que sobrepõe é o de D. Carlos como pintor. O de que o País mais aproveitou deve ter sido o colecionador e conhecedor que se chamou D. Fernando, casado com D. Maria II, salvando muitas obras-primas que o desleixo e a incuria teriam perdido e estando esse espírito de colecionador na base da formação do nosso Museu Nacional de Arte Antiga.

Sobre D. Carlos não há ainda a serenidade bastante para o apreciar como rei, envenenados que estamos todos, uns e outros, com azedumes e quezílias de pais para filhos, que não deixam equilibrar o raciocínio; mas sobre o pintor que ocupou o trono é que começa a haver unanimidade entre artistas e críticos, historiadores de arte. Poderia sem dúvida ter sido um pintor profissional dos primeiros do seu tempo e no nosso País, ele que, no pastel, ainda se conta entre os maiores praticantes que tivemos.

A Fundação da Casa de Bragança editou o primeiro volume de uma obra monumental sobre «A Obra Artística de El-Rei D. Carlos», escrita pela directora do Museu Abade de Baçal, em Bragança, dr.ª D. Maria de Lourdes Barthelemy, que para a mesma fundação outras obras realizara já. Inventário minucioso e crítico, com indicações de apresentação, de possuidor e de local, além de todas as outras referências necessárias em obras do género, de alguma coisa valeu a este artista o ser rei e chefe da Casa de Bragança, já que outros grandes artistas como Columbano, Silva Porto e Pousão e Amadeu de Sousa Cardoso, Malhoa, Carlos Reis, esperam a instituição oficial ou oficiosa que realize obra semelhante para eles.

Estudos críticos, alguns se contam e de valia, inventário minucioso nenhum deles o tem.

Obras como o «Sobreiro alentejano», em carne viva, o «Marroquino», que se encontra no Palácio de Vila Viçosa, e a «Campina alentejana», estirada, do Museu Nacional de Arte Contemporânea, dão-nos a medida do pintor a pastel; no óleo há um «Casario e Rua», no mesmo museu, que bem poderia ser assinado pelo grande Pousão, nessa altura em Itália, fixando os tipos e as gentes de Nápoles e Capri.

Por outro lado, desenhos à pena, a carvão, a lápis, dão-nos o artista seguro da sua técnica, senhor de si e vibrátil, de fina sensibilidade e a dar vida a alguns retratos e paisagens. Veja-se aquele retrato de senhora que tem o n.º 258, aquele extraordinário retrato do chefe dos guardas Silva (278), que grandes artistas modernos não enfeitariam, algumas marinhas, recantos de Vila Viçosa, terras vastas, em apontamentos leves, e teremos a medida do desenhista de garra que ele era.

Parece já agora perdida para sempre aquela obra que deverá ter sido das melhores de D. Carlos «O levantar de uma armação de atum», por ele oferecida a Guilherme II, da Alemanha, e premiada com a medalha de prata na exposição de Paris, em 1900. Ao vermos a sua reprodução é como se nossos olhos contemplassem as páginas vivas de outro grande artista que também foi chefe do Estado e também não foi feliz e se chamou Manuel Teixeira Gomes. Lembra-se do «Agosto azul» e dessa cena pagã da costa algarvia? Pois enquanto o grande escritor que seria embaixador e presidente da República descrevia maravilhosamente, pintava a a pastel o que era então rei de Portugal! Tanto a

arte irmana os homens mais distantes!

A personalidade de D. Carlos não foi ainda estudada sem paixão; mas o historiador, o psicólogo que empreenda o trabalho, não poderá deixar de se debruçar fundamentalmente sobre sua obra artística. É evidente nesta, por exemplo, o seu á-vontade nos tipos populares, cenas de mercado, guardador de porcos, ou moço de lavoura de jaleco ao ombro a caminhar por aí fora; sentia de forma estranha o mar, o Alentejo, com Vila Viçosa e seus campos a perder de vista e seus recantos pitorescos. Porque será que lhe saem mais espontâneos, firmes, os perfis de varinas, de torsos singularmente fortes e vibrantes, do que certos retratos de damas? Porque será que são relativamente poucas as suas obras de Sintra e não das melhores?

O livro da dr.ª D. Maria de Lourdes Barthelemy, que esperamos não fique truncado, como a tantos outros acontece, dá-nos neste volume o inventário das colecções oficiais, museus e palácios nacionais; supomos que em outro volume nos dará as obras em poder de particulares. Uma observação: a que propósito vem no texto do volume, antes das reproduções, como se fizesse parte do tema do mesmo volume, o rol das obras editadas pela Fundação da Casa de Bragança? O seu lugar não seria ali, mas no começo ou no final e não à laia de capítulo da obra. E porque se retirou, nesse mesmo rol, das obras inspiradas pela fundação, o «D. Constantino de Bragança», onde Aquilino Ribeiro ergueu o melhor dos monumentos ao vice-rei da Índia?

A erudição, os conhecimentos da autora, suas qualidades de investigadora e sentido crítico, ficam documentados no volume que consagra o pintor D. Carlos de Bragança. O artista ocupará entre os seus pares lugar mais cimeiro do que o soberano na nossa História? Parece-nos que sim.

ECOS

FALAMOS há dias, nesta secção, no reaparecimento da crónica em Portugal como género literário que se reafirma através da grande imprensa. E referimos nomes. Pois bem, eis que saiu do prelo um livro que alguma coisa acrescenta ao que dissemos: «Uma voz que se ergue da terra e outras crónicas líricas», de J. M. Boavida Portugal. O nosso saudoso amigo Armando Ferreira afirmou a seu respeito: «Em Boavida Portugal o artista surge constantemente por entre as grades douradas da mais linda gaiola de ideias e sensações: é a rebeldia contra a asfixiação do intelectual às dimensões da sua vida de jornalista na primeira fila do profissionalismo».

É a altura, já que nos prezamos de dar o seu a seu dono, de mencionar outros dois excelentes cultores desta difícil e melindrosa arte, a crónica, que a banalidade pode tornar menor e que com alguns raros se guinda à altura do poema, da reflexão filosófica, do apontamento lapidário. Pensamos em Baptista Bastos, na sua violenta, fogosa e, às vezes, sibilar originalidade, e em José Saramago, que arranca pérolas e pepitas de ouro do quotidiano aparentemente mais vazio, de um quadradinho de rua ou tarde lisboeta, dos bafientos (mas pela sua pena iluminados) recantos da memória.

CAUSAM horror bem compreensível notícias como a que há dias sacudiu o País num frémito de espanto: um motorista de praça, cujo automóvel fora riscado pelo garotio de uma escola, não conseguindo alcançar nenhum dos gaudulos que lhe haviam feito a pirraça, deitou a mãozorra a um pimpolho de seis anos, que, por sinal, não era para ali dado nem achado, e vá de o surrar, a soco e pontapé, acabando por arrojá-lo, mais de uma vez, depois de o despir, para o fojo de uns silvedos, onde a criança ficou toda cortada. Eis uma expressão bem atroz do exercício da lei do mais forte. Passou-se esta monstruosidade entre nós, na bucólica povoação de Várzea de Cavaleiros. Outras barbaridades análogas ocorrem, em maior escala, no Vietnam, na América Latina, nos «ghettos» negros dos Estados Unidos, onde quer que uma brutalidade oficializada, ou tolerada, se exerça contra os fracos.

EM Espanha, parece ter caído em desgraça a música «pop», tal como sucedeu no Egipto, e noutros países árabes, com a mini-sala, tolerada, mas desaconselhada. Triste exemplo de incompreensão. No fundo, tudo isto reverte à velha questão dos bons e dos maus costumes. Como libertar os indivíduos (já que por vezes são eles a fazer uma inconsciente pressão sobre os Estados autocráticos, círculo vicioso de alienação) da opressão resultante do estilo das relações humanas.

Há interdições agressivas na orla mediterrânica da Europa e da África. É fácil verificar que certos hábitos fazem das questões da esfera erótica um tormento constante, tanto para a juventude como, afinal, para os adultos dos dois sexos...

EM importante artigo de Michel Bosquet publicado no Nouvel Observateur com o título «Que resta do socialismo», declara-se que, após as barricadas de Maio em Paris e a crise de Praga em Agosto, a esquerda europeia procura uma nova definição da noção de socialismo. Em 1969, centenas de milhões de pessoas vão querer reinventar o socialismo. Bosquet andou pela Europa Central, especialmente pela Checoslováquia, e comenta: «O Governo contra o qual foi decidida a invasão continua no Poder em Praga. Nem uma só prisão se verificou. Os elementos estalinistas, favoráveis à intervenção soviética, depois de ganharem algum terreno em Outubro, estão novamente na defensiva». Segundo o testemunho directo de Michel Bosquet, a censura, da qual estão rigorosamente isentas as artes e a cultura, praticamente nem existe. A efervescência checoslovaca é mais forte hoje do que seria se a democratização anunciada se houvesse processado normalmente. E maior ainda é o risco de contágio dos países limítrofes. A acusação de reformismo, feita aos checos, poderia, em última análise, ser aplicada ao próprio Lenine. Há quem pense nos países do Leste que só uma revolução socialista, fiel ao essencial do pensamento marxista, pode salvar do imobilismo e da esclerose burocrática as democracias populares. Não estamos tomando posição, mas tão-só registando opiniões, que são honestas e inteligentes. Aliás, Michel Bosquet é o primeiro a concluir que uma coisa é certa: para a falência eventual do socialismo de hoje como para a falência inevitável do capitalismo só pode haver uma resposta socialista, ou não haverá resposta alguma.

A CONTECEU nos subúrbios de Lourenço Marques um camião colidir com um autocarro, devido a manobra manifestamente perigosa. Em resposta, o condutor do autocarro foi-lhe no encalço a todo o gás. «Perseguição cinematográfica», disseram os jornais. Mas, por muito excitante que para os passageiros tenha sido a experiência, cabe perguntar se o responsável por essas vidas teria o direito de as pôr em risco, apenas para identificar o culpado de um acidente irrisório. Claro que é importante, em questões de circulação, castigar os que fazem perigar as vidas alheias. Mas, ao fim e ao cabo, o condutor do autocarro, em seu excesso de zelo, não veio a pecar pela mesma inconsciência, seja qual for a sua perícia?

RECTÂNGULOS DA VIDA

O VELHO E A CASA

O velho disse: «Gosto de viver numa casa antiga entre casas antigas. É como eu gosto de viver. Uma casa acabada de construir, numa rua nova, dir-me-ia constantemente que sou velho, que estou fora do tempo».

«De que tempo?»
«Do tempo das casas, por exemplo. Das casas novas, claro. Aqui não. Aqui estou certo. De vez em quando tenho uma dor mais forte e há um pouco de calíça que cai do tecto sobre a minha cabeça. Metafóricamente, dirá você. «Pronto, metafóricamente. Nada disto tem um ar saudável, se compreende o que quero dizer. Consta para aí que o senhorio tenciona vender o prédio para demolição. Uma casa que talvez morra um dia destes, uma casa em perigo como eu. Às vezes dou comigo a pensar...»

«Em quê?», perguntou o rapaz, por perguntar, só para fazer conversa.
«Aqui, onde eu estou, talvez haja um dia uma parede e este sobrado

onde ponho os pés não exista porque o novo sobrado fica mais acima ou mais abaixo. Talvez aí onde você está sentado seja simplesmente ar, compreende?»

«E depois?»
«Sei lá, depois! Nada. A minha mulher, coitada, anda aflita com a ideia de ter que se mudar. Não é uma parvoíce?»

«Talvez não. Se demolirem a casa talvez tenham de ir para uma dessas

casas novas em ruas acabadas de construir.»

«E então?»
«Mas o senhor não disse agora mesmo...»

O velho sorriu vagamente. «Se me mudar é porque esta casa vai morrer. E o problema é entre mim e ela. Entre mim e esta casa onde nasci. Qual de nós irá primeiro?»

«O problema? Esta casa?»
«Esta casa. A minha mulher diz que até com as casas eu me zango. Entre mim e ela, percebe?»

O rapaz não percebia grande coisa mas não perguntou mais nada porque só ali estava porque queria falar com um colega, que era neto do velho e que ainda não tinha chegado.

Quando meses depois leu no jornal que ele, o velho, tinha morrido, ali, teve pena de que tivesse sido assim. E quando viu o colega perguntou-lhe se sempre iam demolir a casa, até porque achava de súbito que era a mínima das coisas que podiam — ou deviam — fazer pelo velho.

O neto, porém, disse-lhe que o senhorio tinha pensado melhor e ia simplesmente fazer obras.

por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Chefia do Serviço de Orçamento e Administração
CONSELHO ADMINISTRATIVO

Encargos Relativos ao Ano Económico de 1968

Para os efeitos devidos, torna-se público que os pagamentos relativos aos encargos em epígrafe só serão efectuados, de acordo com a lei, até ao dia 14 de Fevereiro de 1969, impreterivelmente, declinando-se toda a responsabilidade no pagamento dos recibos apresentados posteriormente àquela data.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1969.

O PRESIDENTE DO C. A.

Aldemiro da Encarnação Pires
Coronel do S. A. M.



«Atroari» fotografado antes do massacre

Brasil, quem és tu?

Os massacres da Amazônia uma velha questão

MANAUS, AMAZONAS — (Por gentileza da VARIG) — As três últimas expedições organizadas aos territórios dominados pelos índios da Amazônia não voltaram. A última, comandada pelo missionário italiano Calleri, foi recentemente massacrada junto a uma aldeia de índios «atroaris». A Força Aérea Brasileira só recolheu ossadas e poucos objectos. Dos índios nem sinal. O mateiro Alvaro Paulo da Silva, conhecedor profundo das ciladas da floresta e dos seus habitantes selvagens, foi o único sobrevivente dessa expedição de nove pessoas em que havia dois casais. As opiniões dividem-se quanto às causas do massacre, mas a maioria incrimina o padre transalpino. Porque matam os índios os brancos que penetram na floresta?

Neste caso, segundo o depoimento do mateiro, a culpa foi inteiramente do padre. No meu primeiro dia de Manaus procurei esse sertanejo de feições rudes e angulosas, barba de dias, pouco falador. Ele próprio me conta a sua aventura, a sua fuga de dias, sózinho, através da selva, até Itacoatiara, vizinha de Manaus, numa pequena piroga feita por suas mãos quando se apercebeu do perigo que corriam perante a falta de tacto do padre no tratamento com os índios.

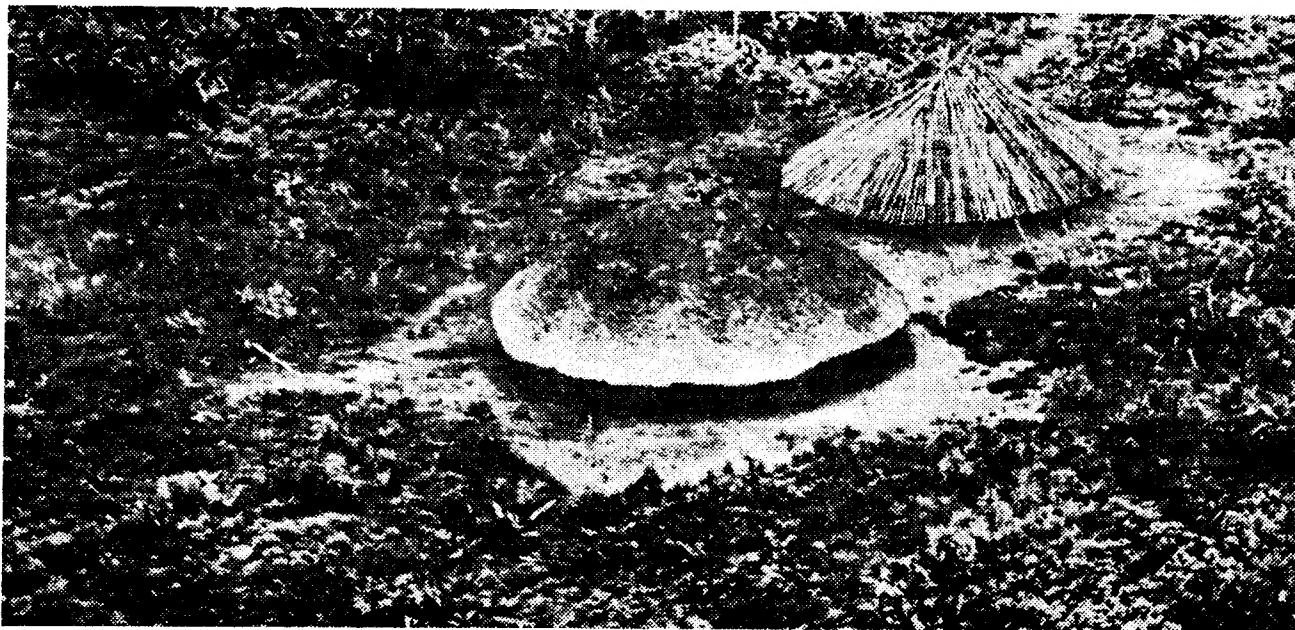
Durante sete horas este homem de poucas falas percorreu silenciosamente os 25 quilómetros que separavam a aldeia índia do acampamento, fugindo de uma morte que antevia certa e que as ossadas confirmaram. E fugiu, enlouquecido, dos restos dos seus companheiros. Fora terrível a vingança dos «atroaris» contra o padre branco e autoritário.

João Américo Peret, da Fundação Nacional do Índio, é da mesma opinião: «O padre quis impor uma situação de domínio, de superioridade. Todos os seus actos o condenaram. A irritação dos índios cresceu até à decisão do massacre final.»

O mateiro conta-me: «O padre passava o tempo a ameaçar os índios que a

naus, na Av. 7 de Setembro, onde visito o «Museu do Índio», e de onde partiu a expedição Calleri, seguro nas minhas mãos uma seta que uma freira me estende. No sua ponta

de pedra tem ainda sangue seco, pele humana e roupa. Foi encontrada junto das ossadas. Vai ser enviada para a Alemanha, para um museu de etnografia.



Aldeia «Atroari»



OS últimos restos encontrados na aldeia

ALGURES NO MUNDO

um repórter do «Diário de Lisboa»

Joaquim Letria

UMA VELHA QUESTÃO

Mas não é nos erros do padre que reside, quanto a mim, a razão fulcral dos massacres feitos pelos índios a expedições pacificadoras que são enviadas ao interior, na região do rio Alalaú, onde vivem as duas tribos consideradas indomáveis.

A questão vem de muito atrás. Desde os primeiros exploradores da Amazônia. E não terá nada que ver com isto o simples facto de, de dois milhões de índios existentes na Amazônia no século XVII, hoje não existirem mais de 200 mil em todo o território brasileiro?

Provenientes da Polinésia, da Austrália e, principalmente, da Sibéria, através do estreito de Bering, milhares de índios (hoje vejo seus descendentes em Manaus, de olhos amarelados, semelhantes a japoneses, e pele de bronze puro) instalaram-se na selva amazónica, e domi-

naram-na pacientemente, descozindo o antídoto contra a mordedura das serpentes muito antes de Pasteur criar a vacina contra a raiva, criando com suas mãos pirogas dignas de Acapulco e inventando essa terrível cozedura de ervas que depois de pronta dá pelo nome de curare, veneno instantaneamente mortal, cuja fórmula os médicos hoje perseguem por ser útil ao tratamento da poliomielite (a freira que mostrara a seta que matara um dos expedicionários conta-me que ao longo de 27 anos de missões no interior jamais conseguiu obter essa fórmula de índios amigos. «É segredo», dizem eles).

Tecliam tapetes maravilhosos, que ainda hoje fazem, de fibras de árvores e de lianas, que ainda hoje podem ser vistos no museu do índio de Manaus: usavam o óleo de babassu para tempéro, e hoje esse produto é parte integrante da moderna

margarina; mascavam casca de quina, para evitarem a malária, muito antes do aparecimento do quinino, e chupavam a casca do salgueiro quando tinham dores de cabeça, muito antes também de o salicilato dessa casca se transformar na Bayer em aspirinas que o mundo consome. Em pouco tempo cresceram e multiplicaram-se; utilizavam a raiz de «mandrake» contra o cancro e andavam em sandálias de borracha derretida e depois seca ao sol. Eram pacíficos e não conheciam as armas de fogo, contam os historiadores da época. Mas então veio a praga.

Durante dois séculos a ordem foi «diminuir índios». Pedro Teixeira, com os seus 1200 homens sobe o Amazonas em 70 barcos e o genocídio come-

(Continua na 14.ª página)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

acerto Lloyd Bridges, Andrew Keir e Sue Lloyd.
EM COMPLEMENTO: A Pantera também se passeia agora pelo Politeama: e briga com o vizinho. Convém não perder

E. P. C.

• NO ODEON

TÍTULO — «A Guerrilha».

REALIZAÇÃO — Fernando Moyrata.

INTERPRETES — Carmen Sevilla, Vicente Parra e Julio Aleman.

«A Guerrilha», o filme ontem estreado no Odeon, retoma o estilo folhetinesco de tantos filmes de Carmen Sevilla. A acção desenrola-se durante a revolução mexicana de 1913, cujo ambiente é dado com a superficialidade e a falta de perspectiva histórica que seria de esperar. A realização de Fernando Moyrata limita-se a encontrar para o tipo de filme, o tipo de estilo adequado. — J.

«A Caixa de Pandora»

(de Fernando Amado)

na Casa da Comédia

Está marcada para a primeira semana de Fevereiro a estreia, no palco do Teatro das Janelas Verdes (Casa da Comédia), do capricho teatral de Fernando Amado «A Caixa de Pandora» com direcção de Norberto Barroca.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- A montagem da nova revista do Maria Vitória pertence aos cenógrafos Ernani e Rui, sendo os figurinos de Mário Alberto.
- O teatro ABC reabre ao público ainda este mês, segundo declaração do próprio empresário José Miguel.
- É muito provável que a companhia do Teatro Capitólio faça a reposição

da peça «Frei Luís de Sousa» antes de apresentar a peça «Os visigodos». A actriz Florbela Queirós vai regressar ao teatro Villaret para participar numa comédia, o género que mais lhe agrada. Continua a falar-se na ida ao Brasil da companhia do Teatro Vasco Santana para apresentação da peça «Bocage, alma sem rumo».

«AS 4 ESTAÇÕES» EM BREVE NO TEATRO VARIEDADES

No Teatro Variedades, para subir à cena a seguir à comédia «O Amor 68», Paulo Renato ensaia dois excepcionais artistas: Eunice Muñoz e Fernando Gusmão, no original de Arnold Wesker, «As quatro estações».

Vasco Morgado, ao apre-

sentar este espectáculo, coloca Lisboa ao nível das grandes capitais, pois esta peça é presentemente o maior cartaz do teatro parisiense e as críticas consideram a mais bela ideia de teatro admiravelmente servida por dois actores.

ESTREIA-HOJE

AS 21.45
(ADULTOS)

ROMA

UMA COMÉDIA DE SITUAÇÕES INCRÍVEIS!

CATHERINE SPAAK



ELA TEM 20 ANOS O MARIDO TEM 60!

POR FORÇA DAS CIRCUNSTÂNCIAS
COMPREENDER-SE-Á PERFEITAMENTE
QUE ELA DIGA...

O marido e meu mato-o quando me apetece

HUGH GRIFFITH

Exclus. FILME OCIDENTE
TECHINOCOLOR

AMANHÃ NO COLISEU

Às 21 e 30

M/ 12 anos

Sensacional **ESTREIA**

de uma GRANDE COMPANHIA
INTERNACIONAL DE CIRCO

UM TIGRE A CAVALO!

Elefantes, leões, tigres, póneis,
palhaços, etc.

Um extraordinário conjunto
Números únicos no mundo

Preços populares — Bilhetes à venda

SÓ MAIS
10 DIAS

NO TEATRO
VARIEDADES

HOJE, ÀS 21.45 H. (ADULTOS)
UMA FANTÁSTICA COMÉDIA
DE HENRIQUE SANTANA

O AMOR-68

com HENRIQUE • IRENE • COSTI-
NHA • SEMEDO • LIA • ANA-
BELA e ADRIANO REYS
Dir. plástica de F. RELÓGIO
Encenação de MARIA HELENA
SÁBADO: 2 sessões, 20.45 e 23 h.

VÁ HOJE

ÀS 21 HORAS
OU ÀS 23 H.

AO TEATRO
VILLARET

VER

«A PREGUIÇA»

com RAUL SOLNADO

ADULTOS



TRINDADE

— F.N.A.T. —
HOJE, ÀS 21.45 (17 anos)
o T.N.P., sub. pelo Fundo
do Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto
na protagonista
SÁBADO, tarde às 16 h.

LUSTRES

de sonho para a sua casa.
Fábrica, Av. 5 de Outubro,
203, r/c, Esq. — Telefone
77 16 39 (Ao Campo Pequeno)



SALVADOR
no «compère»

MARIA VITÓRIA

• TODAS AS NOITES ÀS 20.45 E ÀS 23
HORAS, A FAMOSA REVISTA DA GAR-
GALHADA EM SENSACIONAL 5.º MÊS

GRANDE POETA É O ZÉ!

COM

SALVADOR • VIANA • MARIEMA
MAX • ANITA • DORA • V. MENDES

A FRENTE DE UM NOTÁVEL ELENCO
COM A GRANDE ATRACÇÃO

MAY AVRIL

• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS •



MARIEMA

VIDA MUSICAL

Musica de órgão na Sé

Decorre no domingo, às 16 e 30, na Sé Catedral de Lisboa, o segundo dos recitais que integram o ciclo de música de órgão, legendado «Bach e os seus precursores», que a Fundação Calouste Gulbenkian promove, prosseguindo, assim, a obra que se insere no seu Plano de Ressurgimento da Cultura Organística em Portugal. O concerto está a cargo de Jean-Louis Durand, titular dos órgãos de St. Maclou, em Rouen.

O terceiro recital do presente ciclo de música de órgão decorrerá no dia 26 e a sua realização foi confiada ao organista Antoine Sibertin-Blanc, nome bem conhecido no nosso meio musical.

A venda de bilhetes efectua-se nas bilheteiras do Cinema Tivoli e na Sé Catedral, no próprio dia do recital — beneficiando os estudantes de 50 % de desconto, revertendo a receita obtida a favor das obras assistenciais da paróquia da Sé.

Admissões à Orquestra de Câmara Gulbenkian

Até ao dia 18, encontra-se aberta a inscrição para o concurso de admissão à Orquestra de Câmara Gulbenkian, para efeito de preenchimento de uma vaga existente no naipe dos violinos.

Os instrumentistas que desejarem concorrer deverão enviar uma carta ao Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, contendo os seguintes elementos: nome completo, filiação, naturalidade, data do nascimento, estado, mo-

rada numero e data do bilhete de identidade e arquivo que o passou, habilitações literárias e musicais.

A data da prestação de provas e o programa das mesmas serão, oportuna e directamente, comunicados aos interessados.

Elisabeth Schwartzkopf será substituída por Siw Ericsdotter na ópera «O Cavaleiro da Rosa»

Por motivo de doença, comunicado ontem telegraficamente ao Teatro Nacional de São Carlos, a cantora Elisabeth Schwartzkopf, que deveria apresentar-se no papel de «Marechala» da ópera «O Cavaleiro da Rosa», que será cantada no mesmo teatro nos próximos dias 17 e 19, será substituída pela cantora Siw Ericsdotter, que também pela primeira vez canta ópera no nosso País, e que é, igualmente, considerada uma das mais perfeitas intérpretes daquela personagem.

Assim, a temporada de ópera de 1969 do Teatro Nacional de São Carlos prossegue no próximo dia 17, às 21 e 15, com a anunciada recita da ópera «O Cavaleiro da Rosa», de Richard Strauss, com Siw Ericsdotter, Wandy Wine, Irmgard Stadler, Georg Schnapka e René Kollo nos principais papéis e à frente de um grandioso elenco de grandes cantores dos teatros líricos de expressão alemã e de carreira internacional, e também de distintos cantores portugueses. De tal elenco fazem parte: Andreas Angreli, Gisella Neuner, Horst Ruther, Gisella Graf, Walter

Hagner, Karl Krollmann, Carlos Xavier, Suzette Dias, Sara Rosa, Maria Luísa Viagas e Cecília Correia. Dirige a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional o reputado maestro Hans Georg Ratjen e a encenação é do dr. Werner Kelch, um dos mais reputados encenadores alemães de hoje.

Lição sobre música folclórica argentina na Fundação Gulbenkian

No auditorio da Fundação Gulbenkian, a musicóloga e compositora argentina Alicia Terzian começa hoje, às 18 e 30, o anunciado ciclo de lições sobre Música Folclórica Argentina.

A lição de hoje terá o sumário: «A etnomusicologia e a música dos aborígenes. Sistema tonal, melodia, harmonia, forma. Grupos aborígenes: os seus instrumentos, danças e cerimónias». A entrada é livre.

As restantes lições realizar-se-ão no mesmo local e à mesma hora nos dias 21, 23, 28 e 30. Este ciclo é ilustrado com a audição de música gravada e a projecção de diapositivos.

Alicia Terzian é uma das mais destacadas figuras da vida musical argentina e ocupa, actualmente, em Buenos Aires, as funções de professora de Composição no Conservatório Nacional, de História da Ópera no Instituto Superior de Arte do Teatro Colon, e de História da Música na Escola Superior de Belas-Artes da Universidade Nacional de la Plata.

ora diga-nos...

— Como se defende da chuva?

Isto tem sido um caso sério de chuva. O facto é que, apesar dela, as pessoas que trabalham não podem ficar em casa de papo para o ar a ouvi-la cair na janela... As pessoas têm que sair, andar de um lado para o outro, calçar as ruas. Como se defendem elas da chuva?



— Uso guarda-chuva, gabardina e botas com sola de borracha. E mais nada — afirmou-nos o José António Oliveira Dias, empregado de escritório.

— Mas apesar disso molha-se...

— Um bocadinho. Especialmente nas pernas, em baixo. E a minha já está a fugir à moda, abaixo do joelho. Mas mais comprida, fica muito mal.

— Por sua vez, o sr. António Maria Martins, empregado comercial, disse-nos:

— O mais próprio é o guarda-chuva. O pior é que este inverno já lá vão dois — este é o terceiro... Gabardina? É contra o meu feitio, tolo-me os movimentos.

E a concluir:

— Quando ao sair de casa está a chover muito também costume trazer botas de borracha. Mas não me agradam muito — dão mau andar. Eu fui criado á chuva, ela não me mete medo...

— Sou de Pampilhosa da Serra, embora esteja em Lisboa há 20 anos. Lá chove bastante e as



pessoas arranjam-se. Vou à Pampilhosa todos os anos passar as férias e ver os «velhotes».



— Para me defender do mau tempo uso aquilo que é normal — guarda-chuva, gabardina e sapatos de sola de borracha — declarou-nos, por último, Carlos Beato, funcionário corporativo e aluno (voluntário) de Direito. — Evito, ou tento evitar, os efeitos da chuva.

— E na cabeça, usa alguma coisa — boné, boina, etc.?

— Não, nunca me habituei. Ou talvez ache um pouco exótico.

SÃO JORGE 2.ª SEMANA

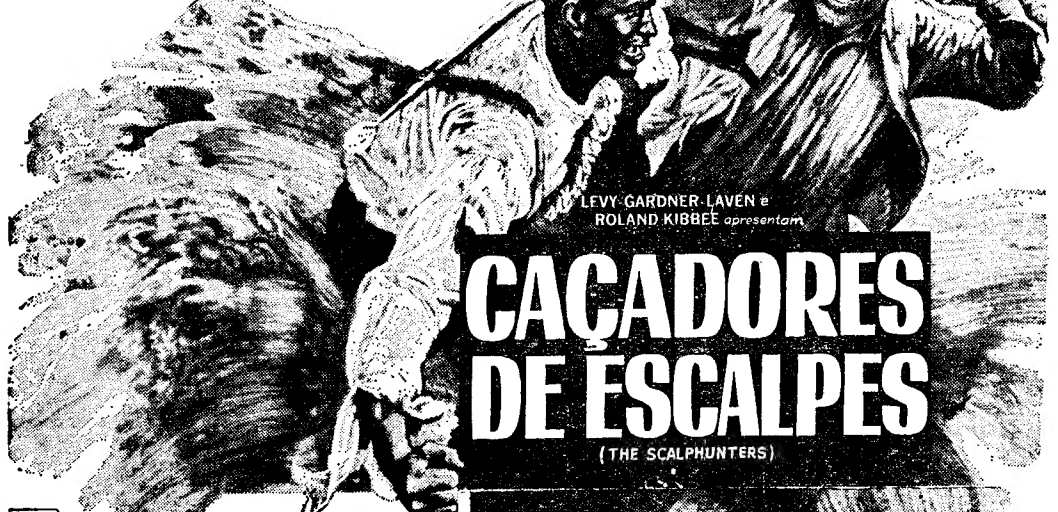
BURT LANCASTER

CINEMA DENÚNCIA...

TRUCULENTO, VIRIL, ACTUAL!!!

SHELLEY WINTERS TELLY SAVALAS OSSIE DAVIS
(FIXE ESTE NOME)

NA ESPECTACULAR REALIZAÇÃO DE SYDNEY POLLACK



CAÇADORES DE ÉSCALPES

(THE SCALPHUNTERS)

Argumento de WILLIAM NORTON Realização de SYDNEY POLLACK Música de ELMER BERNSTEIN LEVY GARDNER LAVEN Prod. de JULES ARTHUR ARNOLD PANAVISION COLOR DeLuxe United Artists Adultos

As estreias de hoje

No Roma
Título em português — «O marido é meu, mato-o quando me apetece»
Produção — Italiana
Realização — Pascoal Festa Pampanile
Intérpretes — Catherine Spaak e Hugh Griffith.
Gêner. — Comédia
Distribuição — Filmes Ocidente
Processo — Technicolor
Classificação — 17 anos

No Estúdio 444
Título em português — «Le viol — o desconhecido desejado»
Produção — Franco-sueca.
Realização — Jacques Doniol — Valcroze
Intérpretes — Bibi Andersson, Bruno Cremer
Gêner. — Aventura
Distribuição — Doperfilme
Processo — Eastmancolor
Classificação — 17 anos.

CAPITÓLIO
Telef. 32 03 79
21,45 h (M. 17 anos)
TANGO
O segundo mês de um êxito triunfal, pela Companhia do TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Sábado e domingo às 16 horas

SALDOS
Toalhas turcas, jogos turcos das melhores qualidades, sem qualquer defeito, a preços excepcionais.
Atoalhados de mesa a metro, lindos padrões e boa qualidade, a 37\$50 o metro. Sem defeito (era de 52\$50).
Opais suíços para camisas de noite a 25\$00 (eram de 57\$50).

LAVORES FEMININOS
Avenida Guerra Junqueiro, 3-D
LAVORES
Rua Áurea, 197 — LISBOA

MADALENA IGLÉSIAS NO FESTIVAL DA IMPRENSA

Mais uma grande artista, Madalena Iglésias, vedeta do Rádio, da Televisão e do Cinema, estará presente no mais representativo festival organizado pelos jornalistas portugueses, a 8 de Fevereiro, no Pavilhão dos Desportos, no «show» da entrega dos «Prémios da Imprensa». Madalena Iglésias, em fins do mês corrente, vai cumprir um magnífico contrato de oito dias na melhor «boite» madrilena: o «Pasapoga». Depois, no regresso a Portugal, prevê como única apresentação pública (antes de participar no «Grande Prémio da TV da Canção Portuguesa») a intervenção no Festival para entrega dos «Prémios da Imprensa».

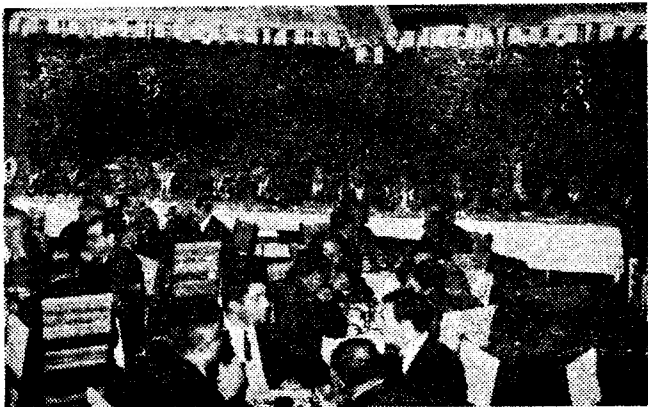
VASCO MOREGADO NO LAURA-AIVES
As 21.45 (Adultos) T. 864756
AOS SABADOS 2 SESSÕES AS 20.45 e 23 HORAS

EM TRIUNFAL 5.ª SEMANA

O JOVEM MENTIROSO

UMA PEÇA PARA RIR E PENSAR QUE CON-SAGROU UM JOVEM ELENCO!

SABADO «MATINÉE» ESPECIAL dedicada a estudantes com preço único de 10\$00
Manuela Maria



O almoço de confraternização que assinalou a abertura do estágio no Muxito

Os inspectores de seguros da Império e Sagres participaram num estágio promovido pelas suas empresas

Durante alguns dias estiveram reunidos no Muxito, num estágio promovido pelas companhias de seguros Império e Sagres, cerca de setenta inspectores destas empresas. Trata-se de uma iniciativa que se realiza pela segunda vez e que tem por finalidade confrontar os problemas internos daquela importante organização com os problemas comerciais de cada região, ligados à actividade daqueles funcionários. Desta vez, porém, e ao contrário do que sucedera no ano passado, o estágio reuniu os inspectores das duas empresas seguradoras.

Em todas as reuniões do estágio, orientadas por funcionários superiores da Império e Sagres, esteve presente o tema «marketing», em virtude de aquelas empresas terem adoptado uma filosofia de mercado nesta fase de renovação da sua vida interna, e que visa naturalmente uma revisão de to-

do o comportamento no trabalho de prospecção e promoção de vendas. A política renovadora da Império e Sagres, cujo objectivo principal é o de transferir as duas empresas em curto espaço de tempo, para uma fase avançada da industria seguradora depende naturalmente da actividade dos seus inspectores, na medida em que estes constituem o principal elo de ligação entre a companhia e os seus agentes.

Assim, durante as reuniões do estágio, os inspectores presentes tomaram contacto prático com a nova filosofia de empresa relativamente à sua actividade de prestação de serviços, segundo a qual o cliente deve ser considerado no início do ciclo de produção e, consequentemente, elemento fundamental em toda a actividade da empresa. Considerado como filosofia de mercado, o «marketing» levará a industria a sair dos seus moldes clássicos, tornando-a uma actividade maleável e susceptível de se adaptar permanentemente à evolução do tipo de cliente que ela visa.

Na sessão que assinalou a abertura do estágio, o dr. Viegas Dias, administrador-delegado da Império e Sagres, usou da palavra para salientar o significado de que se reveste, na fase de renovação das duas empresas, a nova filosofia de mercado agora adoptada. Afirmou ainda a sua esperança de que os inspectores contribuam de forma determinante no sentido de se alcançarem os objectivos planeados para o futuro imediato.

Todos os presentes receberam as suas palavras como um importante estímulo para a obra de readaptação que lhes cabe levar a cabo nas suas tarefas habituais.

TEATRO PARA OPERÁRIOS

Está em cena, como se sabe, no Teatro Vasco Santana, a peça «Noite de Verão», onde se afloram problemas de carácter sindical. Por esse motivo, a empresa daquele teatro, que já concedia aos estudantes 50% de desconto no preço dos bilhetes, resolveu ampliar esse benefício aos operários que, na bilheteira, exibam o seu cartão sindical.

ANGOLA MOÇAMBIQUE

Ag. Téc. Eng. Química oferece-se para entrada imediata. Resposta ao n.º 76, à Delegação deste jornal — Rua do Almada, 30-2.º — Porto.

Sociedade Portuguesa de Medicina Tropical

A Sociedade Portuguesa de Medicina Tropical (secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa) realizou a sua primeira sessão do corrente ano académico, com a qual inaugurou as actividades científicas.

A sessão abriu com uma alocução do respectivo presidente sr dr João Pinheiro, que fez a revisão das actividades científicas e associativas da Sociedade, tendo acentuado a necessidade da sua extensão ao Ultramar. Anunciou, depois, a realização de um colóquio em Moçambique na segunda quinzena de Julho, com o seguinte tema principal: «Planificação sanitária no Ultramar; Problemas ligados à saúde pública — sua importância sob o aspecto médico-social».

Falou, depois, o sr. dr. Rui da Costa Pinhão que apresentou uma comunicação sobre «Filariase linfática de Timor — Etiologia e Transmissão».

O leilão da biblioteca de F. Ressano Garcia

Ressano Garcia foi um nome grande na política portuguesa dos últimos tempos da monarquia portuguesa. A biblioteca do conselheiro Frederico Ressano Garcia foi incorporada no leilão que ontem principiou e cujo catálogo o livreiro Arnaldo Henriques de Oliveira organizou com a sua habitual competência.

Não é uma biblioteca das grandes, mas um conjunto de livros de utilidade, onde se encontra realmente o volume a que se recorre quando necessário, na literatura nas artes, na divulgação.

Ontem foi o primeiro dia do leilão, não faltando os habituais frequentadores das obras de Teófilo Braga as

de Almeida Garrett, Fortunato de Almeida, António Barão João de Barros e outras.

Salientemos entre as obras vendidas as de Rafael Bordallo Pinheiro, cujos «Pontos nos 1.º» atingiu 1250 escudos, a «Paródia» 1100 escudos, «A Lanterna Mágica», 300 esc. Dos contos deu a «História de Portugal» de Fortunato de Almeida. Não tinha o leilão a «História da Igreja em Portugal» do mesmo autor, que trepa bem mais alto.

O «Romanceiro do Algarve» de Atide e Oliveira foi vendido por 650 escudos.

Este o tom geral do leilão que esta noite continua no Centro de Profilaxia à Praça do Rio de Janeiro.

ANTÓNIO MOURÃO NO FESTIVAL DA IMPRENSA

A poucos dias da abertura da bilheteira para o sensacional espectáculo do Pavilhão dos Desportos (8 de Fevereiro, às 21 45 horas) a Casa da Imprensa orgulha-se de poder apresentar no festival para entrega dos «Prémios de Imprensa», o maior e melhor cartaz até hoje reunido em tabladões portugueses.

Assim, pode hoje acrescentar-se ao opulento elenco já reunido a actuação (saliente e distinguida) de António Mourão, consagrado intérprete de fado que, por especial gentileza para com os jornalistas portugueses, aceitou ao convite para actuar neste espectáculo único no desempenho de alguns dos grandes êxitos populares que o tornaram figura de vanguarda no nosso meio radiofónico.



ELE É UM ENTENDIDO...

Sabe o que é a pesca.
Conhece o valor de uma rede.
Por isso já usa as novas redes TREVIRA que garantem:

- longa duração
- resistência aos efeitos do sol
- óptima extensibilidade
- mínima absorção de água
- rompimento quase nulo
- alta flexibilidade mesmo a baixas temperaturas



FÁBRICA DE REDES DE PESCA MARINA S.A.R.L.

ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO 13941/75 PORTO

Actualidade internacional

CRIAÇÃO DE UMA FROTA DA ALIANÇA ATLÂNTICA NO MEDITERRÂNEO

BRUXELAS, 16 — (F. P. e R.) — A criação de uma frota simbólica da N.A.T.O. no Mediterrâneo — baseada no modelo da que existe há um ano no Atlântico — será encarada hoje na reunião dos ministros da Defesa da Aliança Atlântica, segundo se soube de fonte geralmente bem informada.

Os Estados Unidos — pensa-se — poderiam eventualmente participar nesta frota ao lado da Grã-Bretanha, da Itália, da Turquia e da Grécia. Esta esquadra não seria constituída em detrimento das frotas nacionais actualmente existentes no Mediterrâneo, mas com unidades novas.

Decidindo reduzir progressivamente o seu papel militar a leste de Suez, a Grã-Bretanha espera, como se sabe, poder trazer navios para o Atlântico e para o Mediterrâneo.

A Aliança Atlântica dispõe já no Mediterrâneo, desde o fim do ano passado, de uma força aero-naval de vigilância cuja criação fora decidida no Conselho do Atlântico de Reikjavik na Primavera de 1968 para observar, nomeadamente, os movimentos da frota soviética naquela área.

Na véspera da sessão, os ministros da Defesa conferenciaram sobre o estabelecimento de um ponto de vista europeu mais coerente acerca de problemas de Defesa da N.A.T.O.

A ideia é conseguir uma opinião europeia comum nas questões de Defesa da N.A.T.O., que pudesse ser apresentada ao Governo americano do novo presidente Richard Nixon.

Representantes da Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, Itália, Holanda, Luxemburgo, Dinamarca e Noruega conferenciaram durante um banquete oferecido pelo ministro da Defesa belga, Paul-Willem Segers, a noite passada na capital da Bélgica.

O «Enterprise» deverá regressar aos E. U. A. para ser reparado

HONOLULU, 16 — (R.) — Técnicos navais estavam hoje atarefados a avaliar os estragos causados no porta-aviões nuclear «Enterprise» pelas misteriosas explosões e incêndios registados a bordo na terça-feira passada mas poderá ser ordenado que o gigantesco vaso de guerra regressasse aos Estados Unidos, a fim de sofrer reparações.

Morreram 25 homens e 85 outros ficaram feridos devido ao desastre, que ocorreu quando o «Enterprise», conhecido pelos soldados americanos como «Big E» (o «Grande E»), efectuava manobras a 120 quilómetros ao largo do Havai, antes de seguir para o Vietnam.

Um tripulante é ainda dado como desaparecido, mas 16 outros, que se receava terem morrido, foram encontrados vivos, após uma revista feita a bordo do porta-aviões, que se encontra agora nas docas de Pearl Harbour. Quinze

aviões foram também destruídos pelo fogo.

O almirante John Hyland, o comandante da esquadra do Pacífico, disse que técnicos de reparações navais, que vieram especialmente de aviões de San Diego e San Francisco, iam inspecionar o navio.

Contudo, não é provável que o «Enterprise» seja reparado no Havai devido a haver muito trabalho nos estabelecimentos navais de Pearl Harbour, segundo disseram fontes não oficiais.

No entanto, a Marinha declarou que se ignorava ainda onde seriam feitas as reparações.

Não se sabe ainda ao certo o que originou o desastre, mas uma fonte afecta a comissão de inquérito declarou que se julgava que uma bomba ou foguetão, debaixo das asas de um jacto «Phantom F-4» pronto para descolar num exercício de rotina, provocara as explosões.

O almirante Hyland sobrevoou ontem num helicóptero o porta-aviões e, depois, esteve a bordo a inspecioná-lo. Afirmou que as explosões e o incêndio abrangeram os últimos 46 metros do tombadilho de voo do navio.

O comandante do «Enterprise», capitão Kent Lee, de 45 anos, declarou que os in-

Casamento electrónico

ADELAIDE, 16 — (F. P.) — «O computador não se pode enganar», declararam Yvonne Addis, de 30 anos, e Geoffrey Twining, de 34, membros do departamento psicológico da Universidade de Adelaide.

Yvonne e Geoffrey, cujo casamento está marcado para o próximo sábado encontraram-se graças a um computador que em Junho último considerou que eles formavam o casal perfeito.



Rompendo com todos os protocolos, o neto do presidente Johnson «provoca» o avô (desafiando-o para uma luta de boxe) no decorrer de uma cerimónia oficial efectuada na Casa Branca.

Bombardeadas posições de «Al Fatah» na Jordânia

TEL-AVIV, 16 — (F. P.) — Dois aviões israelitas bombardearam, esta manhã, posições do movimento «Al Fatah» em território jordano.

Segundo um informador militar de Tel-Aviv, esta acção foi decidida depois de as referidas posições terem alvejado com «bazookas» e armas automáticas uma patrulha israelita próxima da localidade de Maoz Haym, no vale do Jordão.

Não se assinalam vítimas do lado israelita.

Por outro lado, deu-se ontem uma violenta explosão, que só fez alguns estragos materiais, no escritório dos governadores militares de Gaza.

Foram presos 17 suspeitos árabes.

MOVIMENTOS DE POPULAÇÃO

CAIRO, 16 — (F. P.) — As tropas israelitas procederam a importantes deslocações de população do deserto do Sinai, afirma o jornal egípcio «Al Ahrâm». Não só prosseguir a evacuação da população de El Kantara, na margem do canal de Suez, para El Arish, como diversos chefes de tribos beduínas foram afastados de pontos estratégicos.

Por outro lado, ainda segundo o «Al Ahrâm», foram reforçadas com cinco brigadas as tropas israelitas esta-

cionadas ao longo da linha de cessar-fogo israelo-jordana.

MANIFESTAÇÃO

PARIS, 16 — (F. P.) — Realizou-se, ontem à noite, uma manifestação da juventude judaica francesa diante do monumento ao mártir judeu desconhecido, a qual reuniu 1500 pessoas segundo o serviço de ordem e 5000 segundo os organizadores.

Os manifestantes exibiam letreiros onde se podia ler: «Amizade França-Israel», «Não ao embargo», «Israel viverá». Alguns dos manifestantes traziam na cabeça a tradicional «Kipa» dos judeus. Bandeiras com a estrela de David ondeavam ao lado de bandeiras francesas e ouviam-se os hinos dos dois países.

A manifestação, que durou meia hora, decorreu calmamente e as forças policiais mobilizadas não tiveram que intervir.

Antes de se dispersarem, os manifestantes aprovaram uma moção pedindo o levantamento do embargo.

MOTIM A BORDO

MARACAIBO (Venezuela), 15 — (F. P.) — Elementos da Guarda Nacional venezuelana entraram a bordo do petroleiro norueguês «Cuyahoga», de 11 931 toneladas, para pôr termo a um motim ocasionado por 17 dos 32 tripulantes sul-coreanos que acabaram por abandonar o navio alegando que eram mal tratados.

As autoridades portuárias de Maracaibo estão a tratar do repatriamento dos sul-coreanos desembarcados, seguindo os restantes com o petroleiro na sua viagem para Espanha.

Francês condenado na Bulgária por espionagem

SOFIA, 16 — (F. P.) — Um francês de 26 anos foi condenado, ontem pelo tribunal de Sofia a 15 anos de prisão por espionagem, actividades subversivas e porte de arma proibida. Três emigrantes bulgares residentes em Paris foram condenados a revelar a diversas penas de prisão.

Constituído o novo Governo do Líbano

BEIRUTE, 16 — (F. P.) — Após oito dias de crise ministerial, Rachid Karame conseguiu formar um gabinete de 16 membros, cuja base assenta numa ampla coligação nacional.

Depois de ter comunicado à nação a lista do novo governo, pouco antes da meia-noite local, o primeiro-ministro fez a seguinte declaração: «Conseguimos formar um governo que satisfaz todos os libaneses. Cabe a este governo realizar as aspirações do povo, que se podem resumir do seguinte modo: 1. Instituição do serviço militar obrigatório e fortificação das povoações da fronteira israelita. 2. Apoio às causas árabes, em todos os domínios. 3. Coordenação da política externa do Líbano com as dos outros países árabes. 4. Manutenção duma política conforme à da Liga Árabe e das conferências cimeiras».

Todas as tendências e a maioria dos partidos políticos libaneses estão representados no novo governo, à excepção do Partido Liberal Nacional, do antigo presidente da República Camille Chamun. Oito ministros fazem parte da Frente Democrática e Parlamentar de Rachid Karame, enquanto os outros sete estão apartados com a Aliança Tripartida (tendências Chamun, Pierre Gemayel e Raymond Eddé). Há também um ministro arménio, considerado independente. Ao fim da noite, soube-se que a Aliança Tripartida ainda não tomou

posição acerca do novo governo libanês.

OBJECTIVOS DE ISRAEL

NOVA YORK, 16 — (F. P.) — «Não há campos de treino de «fedayin» no Líbano. Só há campos de refugiados palestinos» — declarou numa entrevista ao «Middle East Report», boletim bi-mensal consagrado ao Médio Oriente e publicado em Nova York, Kessuran Labaki, embaixador do Líbano na Bélgica e Países Baixos e membro da delegação libanesa junto das Nações Unidas, especialmente criada para tratar da questão da incursão israelita contra o aeroporto de Beirute.

Para Labaki, o incidente do avião da companhia «El Al» em Atenas, não passou de um pretexto para os israelitas, os quais haviam preparado há muito uma incursão contra o aeroporto de Beirute. E o embaixador citou várias razões em que baseia esta sua tese. Israel sabe perfeitamente que a incursão não poria fim às actividades dos «Fedayin» — salientou. Na realidade, a incursão foi decidida na esperança de pôr termo à coexistência pacífica entre as comunidades muçulmana e cristã no Líbano. Ao proceder assim, Israel quis demonstrar ao mundo não ser aplicável a ideia de um Estado israelo-muçulmano em Israel. Em seguida, a política de Israel seria «barcanizar» o Médio Oriente e criar novos estados religiosos (um Druzistão, um Curdistão, um Estado alaúita, um Líbano maronita, etc.).

L. B. J. VAI-SE EMBORA

Após cinco anos na Presidência dos Estados Unidos, Lyndon Baines Johnson vai regressar ao seu estado natal, o Texas. Foram cinco anos difíceis para a América, para o mundo e para Johnson.

No último ano do mandato, o presidente deu, finalmente, a medida da sua grandeza. Infelizmente para ele, essa medida foi dada pela renúncia a uma nova candidatura.

A 22 de Novembro de 1963, L. B. J., por morte do seu antecessor, ocupou o lugar que mais poder confere a um homem, e também o mais pesado. Na verdade, a democracia americana baseia-se na entrega, de quatro em quatro anos, de um poder quase ditatorial a um homem. O presidente dos Estados Unidos, embora necessitando em parte do «agrément» do Congresso, detém nas suas mãos um poder como o, provavelmente, nenhum homem teve até hoje. Nem mesmo Hitler, que não tinha a bomba atómica e muito menos a de hidrogénio e os mísseis. E na verdade um cargo bem pesado. Mas Johnson há muito que o desejava...

A política encetada pelo presidente que agora vai descansar era muito mais ambiciosa e positiva do que aquela pela qual a história o julgará. O seu cavalo de batalha era a «great society», a criação na América de uma sociedade sem pobreza, sem racismo, com cidades limpas e onde seria agradável viver.

Mas para construir uma grande sociedade é preciso muito dinheiro. Esse dinheiro começou a faltar de forma alarmante pouco depois da eleição de Johnson para presidente, em 1964. A causa dessa falta é o «leitmotiv» de toda a administração Johnson — a guerra do Vietnam.

Johnson percebeu a tempo de se retirar que os fins que se tinha proposto ao concorrer à Presidência não poderiam ser atingidos devido à guerra. Desistiu da Presidência e deu um primeiro, mas tímido, passo em direcção à paz.

Contudo, na sua última «mensagem do Estado da União», L. B. J. não mostrou ter desistido totalmente da sua política pa-

ra o Sueste Asiático, apesar de ela o ter obrigado a dar o mais doloroso passo da sua carreira. A sua ideia de paz continuava a ser a da vitória dos Estados Unidos, embora o não diga abertamente. «Os norte-vietnamianos sabem que não podem alcançar os seus objectivos agressivos pela força. Haverá dura luta antes de se alcançar uma solução, mas não haverá vitória para os comunistas», afirmou Johnson. E referindo-se à Ásia, sublinhou que os países «divers» daquele continente têm agora a certeza que «os Estados Unidos se preocupam com a sua liberdade e pelos seus interesses vitais na Ásia e no Pacífico».

Johnson tem ainda esperanças que o seu país possa manter uma «pax americana» no continente asiático, mesmo à custa de intermináveis guerras que, no dizer de Walter Lipman, são «catastróficas» porque se travam do outro lado do mundo com um exército recrutado por meio do serviço militar obrigatório.

A. V. C.

Ataque «vietcong» a uma base norte-americana

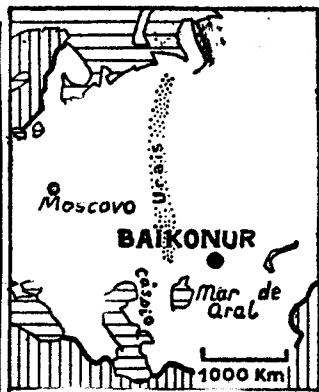
SAIGÃO, 16 — (A. N. I. e R.) — Com seis granadas-foguete, o Vietcong fez ir pelos ares, ontem à noite, um depósito de combustível da base aérea norte-americana em Pleiku, 530 quilómetros a nordeste de Saigão. Ardearam 27 000 litros de combustível e ficaram feridos seis norte-americanos.

Por outro lado, fuzileiros navais dos Estados Unidos surpreenderam, durante a noite, 20 soldados norte-vietnamitas a minarem uma estrada na província de Quang Nam, ao norte do país, e mataram treze deles.

Um informador militar americano anunciou hoje nesta capital que os «mari-

nes» estavam a ocupar posições defensivas nocturnas a oito quilómetros a nordeste de An Hoi, quando depararam com os norte-vietnamitas. Antes destes terem tempo para disparar, 13 deles foram mortos por fogo de morteiros e de artilharia dos americanos. Os sete outros conseguiram fugir.

Durante a noite e às primeiras horas de hoje, «B-52» americanos bombardearam áreas de armazenamento e de abastecimento norte-vietnamitas na província de Quang Nam numa zona onde soldados de Infantaria americanos descobriram ontem um depósito de munições.



O local do cosmódromo soviético Baikonur, na Ásia Central.

JAZIGOS DE URÂNIO NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 16 — (F. P.) — Foram descobertos jazigos de urânio no norte do Brasil, entre Belém e Recife, anunciou ontem o ministro brasileiro das Minas e da Energia, Costa Cavalcanti.

O CARDEAL ALFRINK REIVINDICA UM «PLURALISMO LEGÍTIMO» NO SEIO DA IGREJA CATÓLICA

por HENRI FESQUET

NOORDWIJKERHOUT — Janeiro. — A presença de uns cento e trinta jornalistas na terceira sessão plenária do concílio pastoral holandês provou, por si só, o interesse desta reunião, única no seu género, em que os diversos representantes de uma Igreja nacional se encontram lado a lado, para se manifestarem num ambiente admiravelmente democrático. Em parte alguma, é certo, excepto na Holanda, os católicos da Europa tiveram ocasião de viver uma experiência comparável: a de uma total liberdade de expressão, que não é entravada pela presença do Internúncio nem a dos sete bispos diocesanos, entre os quais o cardeal Alfrink. Sempre sereno, o arcebispo de Utrecht conseguiu a façanha diária de não se deixar ultrapassar. Mantém o melhor possível a ligação com o Vaticano, inquieto com a efervescência de uma Igreja que brinca com o fogo ao dar provas de uma inocência de uma espontaneidade certamente incompreensíveis para os espíritos latinos.

O concílio holandês quer ser apenas um encontro paciente que permita auscultar a opinião a todos os níveis e edificar uma comunidade em que o autoritarismo de outrora dá pouco a pouco lugar à participação de todos.

Presidida por dois leigos a assembleia plenária tem cento e nove membros com voto deliberativo, entre os quais sessenta e quatro leigos (vinte e nove homens e trinta e cinco mulheres). Não toma propriamente decisões, mas procede a análises e ratifica «recomendações pastorais» elaboradas em várias fases por comissões e delegações diocesanas.

Ao abrir a última sessão, o cardeal Alfrink acentuou «a firme vontade da Igreja holandesa em permanecer unida à Igreja universal que nos é cara. Desejamos, acrescentou, um pluralismo legítimo. A unidade da Igreja de Cristo não pode existir na Terra sem a realidade das Igrejas locais. A cada uma destas Igrejas locais compete a responsabilidade de prever de que maneira concreta deve realizar o mistério da unidade da Igreja. A responsabilidade da Igreja local e a responsabilidade da Igreja universal, longe de excluir-se, atraem-se mutuamente».

«Procuramos, declarou por outro lado o cardeal, o valor da nossa fé na unidade com a tradição da Igreja: que os que dão a conhecer as nossas sugestões e discussões fora das nossas fronteiras não as apresentem de outro modo que como busca em curso; mais ainda, que não as apresentem como decisões válidas para toda a Igreja».

Depois de ter debatido, nos anos anteriores a autoridade, as missões, o auxílio aos países subdesenvolvidos, o concílio tratou, este ano, da atitude moral do cristão, do casamento e da juventude. Os dois pri-

meiros temas foram objecto de discussões animadas e de opiniões contraditórias (os tradicionalistas são ouvidos com muito «fair-play»).

O padre Schillebeeckx afirmou que o relatório acerca da moral era, teologicamente falando, uma pérola. Nesse documento lê-se designadamente que as normas morais não vêm directamente de Deus. A Revelação mostra o homem como aquele que deve pôr ordem no mundo e submetê-lo. O homem é moralmente autónomo pela vontade divina, e a responsabilidade que acompanha esta autonomia o coração da lei divina. Não são as leis que determinam o homem. As estruturas biológicas e psicológicas são também elas submetidas ao poder que este possui de criar a cultura e o seu sentido. É preciso não lhes atribuir valor absoluto. O único valor absoluto é o amor. A Igreja deve, sem cessar, fazer a sua autocrítica e ter em conta observações vindas do exterior para se encontrar em condições de cumprir a sua vocação».

RECUSA DA ENCÍCLICA

O relatório acerca do casamento, já iniciado antes de ser publicada a «Humanae Vitae», conclui não existir razão para afastar este ou aquele método contraceptivo. A comissão pensa que a recusa da encíclica não é arbitrária. O apelo à consciência não é um apelo à desobediência mas à conformação com uma verdade moral. A assembleia considera indispensável prosseguir os debates acerca da encíclica.

Quatro ginecologistas contestaram, por carta, a competência e a representatividade da comissão acerca do casamento, tendo a assembleia decidido, por 77 votos contra 15, convidar um deles a expor o seu ponto de vista.

O mesmo relatório aborda o espinhoso problema do divórcio. Pode pronunciar-se a dissolução de um casamento quando a união dos esposos, praticamente destruída, já não permite falar de consentimento mútuo. A assembleia plenária suplica às instâncias qualificadas da Igreja para procurarem uma resposta real aos problemas teológicos e práticos que a indissolubilidade do matrimónio levanta. Um projecto preparatório evoca o problema do aborto e da inseminação artificial, incluindo os celibatários, assim como as relações sexuais antes do casamento. Um porta-voz de estudantes pediu que a Igreja tome em consideração o casamento civil, o que lhe permitiria reconhecer o divórcio.

(Exclusivo «Le Monde» —
«Diário de Lisboa»)

ACOSTAGEM NO ESPAÇO

A TV soviética transmitiu a manobra de junção

(Continuação da 1.ª página)

operação de acoplamento se realizou às 11 e 20 de Moscovo (9 e 20 de Lisboa) sobre a União Soviética no momento em que a «Soyuz 4» percorria a 34.ª órbita e a «Soyuz 5» a 18.ª.

A Rádio e a Televisão de Moscovo interromperam os programas da manhã para anunciar a acostagem e ligação.

Segundo um comunicado oficial, a operação foi executada manualmente pelo tenente-coronel Vladimir Shatalov, tripulante único da cápsula «Soyuz 4». As duas cápsulas ficaram firmemente unidas tendo sido posta em comunicação a instalação eléctrica de ambas.

A Televisão de Moscovo emitiu em fita gravada (videotape) a operação de ligação uma hora depois de ter sido realizada. O comunicado oficial informava que a manobra completa desde o início da aproximação da cápsula até à união final durou 43 minutos.

A Tass disse que o tenente-coronel Boris Volynov, comandante da «Soyuz 5» (com três tripulantes) orientou a estação orbital cósmica para a posterior execução do programa.

A agência comunicou também que todos os sistemas de bordo funcionaram normalmente durante as fases de aproximação, acostagem e ligação. Toda a manobra foi transmitida para a Terra por meio de câmaras de Televisão colocadas do lado de fora das cápsulas.

Foram estabelecidas ligações telefónicas internas entre os diversos compartimentos.

Esta ligação assinala a primeira vez que quatro homens se encontram simultaneamente em órbita no espaço.

SÉRIE DE EXPERIÊNCIAS

A Tass comunicou que a estação espacial tinha quatro compartimentos para a tripulação e «tinha possibilidades de iniciar uma vasta série de experiências e simultaneamente de proporcionar condições confortáveis para trabalho e para descansar».

O comandante Shatalov da cápsula «Soyuz-4» anunciou que toda a aparelhagem da estação estava a funcionar normalmente e que todos os cosmonautas se sentiam bem após a histórica manobra.

A agência Tass forneceu a seguinte descrição das manobras de união:

A aproximação automática das naves, que resultou na redução da distância entre elas até 100 metros começou às 10 e 37 (8 e 37 de Lisboa).

Vladimir Shatalov assumiu o comando manual e, manobrando a sua cápsula «Soyuz-4» encostou-a à «Soyuz-5».

«Depois da acostagem efectuada a ligação mecânica entre as duas cápsulas que ficaram a constituir um conjunto rigidamente unido e com os circuitos eléctricos interligados».

«Assim começou a funcionar na órbita de um satélite terrestre artificial a primeira estação cósmica experimental do Mundo com quatro compartimentos para a tripulação».

A informação de que tinha sido feita a ligação telefónica entre as duas partes da estação cósmica indica que o coronel Shatalov estaria isolado da outra parte formada pela «Soyuz-5».

Pensava-se que a próxima manobra seria a passagem de um dos tripulantes da «Soyuz-5» para o compartimento da «Soyuz-4» onde se encontra o coronel Shatalov.

A estação orbital está sob a orientação do coronel Tegeny Volynov, antigo oficial da força aérea e engenheiro investigador, que se encontra a bordo da «Soyuz-5».

A Tass comunicou também que a tripulação continua a realizar o seu programa de trabalho e as comunicações com os cosmonautas pela rádio continuam estáveis.

Finalmente anunciou que a estação experimental cósmica continua a trajectória.

TERCEIRA NAVE?

BOCHUM, 16 — (R.) — A estação de rastreo espacial de Bochum (Alemanha Ocidental) captou hoje sinais indicativos de que a União So-

viética poderá ter lançado uma terceira nave espacial.

O director do observatório Heinz Kaminski disse que os sinais eram semelhantes aos que tinham sido captados nos dois dias anteriores ao lançamento das cápsulas soviéticas «Soyuz-4» e «Soyuz-5».

Kaminski afirmou que os sinais foram captados entre as 6 e 44 e as 6 e 56 T. M. G. (7 e 44 e 7 e 56 horas de Lisboa).

A nova cápsula poderá ser uma adição a uma das que já se encontram em órbita com uma nave independente. Se isto se verificar significará que os soviéticos estão a efectuar experiências com uma estação espacial tripulada.

Dezoito milhões de contos

— crédito suplementar

concedido ao Exército alemão

BONN, 16 — (F. P.) — O Governo alemão concedeu 25 milhões de marcos (cerca de dezoito milhões de contos) de créditos suplementares ao Ministério da Defesa federal a fim de reforçar o equipamento do Exército no âmbito dos esforços empreendidos pelos diferentes países da N. A. T. O. a fim de aumentarem o seu potencial militar durante o período de 1969/1975.

Estes créditos tinham sido pedidos pelo ministro da Defesa, Schroeder, no final de 1968 e destinam-se a financiar a aquisição do seguinte material:

88 aviões «Phantom» de reconhecimento;

50 aviões «Starfighter»;

4 fragatas para substituir cinco torpedeiros velhos emprestados pelos Estados Unidos;

135 helicópteros de transporte médio, para o Exército de terra;

1560 canhões antiaéreos (20 mm geminados).

Os efectivos do Bundeswehr, actualmente de 460 000 homens, serão reforçados com uma reserva permanente de 10 000 a 20 000 homens.

Schroeder mencionará estes créditos suplementares durante a conferência ministerial da N.A.T.O. que se reúne hoje em Bruxelas a fim de planificar o esforço de defesa comum.

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.

TELEF. 369384

MORADIA NO RESTELO

MAGNÍFICA COMPRA

Bem localizada, construção de luxo, composta de 3 pisos, com salão, sala de jantar, cozinha, copa, marquise, 4 casas de banho, 6 quartos grandes, com grandes varandas, disfrutando de lindas vistas, grande jardim com cerca de 1000 m², garagem para 2 carros. Vende-se por preço abaixo do seu real valor.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2. — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

ASSUMAR



Josepha de Moura Romão Tenório FALECEU

José Alfredo Nobre Cartaxo e mais família participam o falecimento da sua sogra e parente e que o funeral se realiza amanhã, 17, pelas 13 horas em Assumar.

SOU ITALIANO

O MEU NOME É

Giannini

FALAREI DE MIM SÓ NO DIA 27

Os lucros do Banco Fonsecas & Burnay foram de 32 475 contos em 1968

Encontra-se publicado o relatório do Banco Fonsecas & Burnay em que se mantém a tradicional sobriedade de linguagem, confiando-se nos números a missão de fazer.

Os lucros líquidos desse grande estabelecimento de crédito, em 1968, elevaram-se a 32 475 700 escudos.

No relatório se refere ter o capital do banco atingido, por escritura de 23 de Maio de 1968, a soma de 1 milhão de contos. E depois: «O alargamento da nossa rede de balcões, indispensável à nossa afirmação como banco comercial, definiu-se, em 1968,

pela abertura de uma delegação em Coimbra, ainda em instalações provisórias, de quatro agências de província, no Fundão, Lousã, Redondo e Vila Verde, e de duas dependências urbanas, uma em Lisboa, no Bairro da Pontinha, e outra no Porto, na Praça de Santo Ildefonso. Entretanto, iniciaram-se já as obras para a instalação de mais uma dependência urbana, também em Lisboa, no Bairro da Graça, aguardando-se a sua abertura ao público para os primeiros meses do ano em curso.»

Os depósitos à ordem e a prazo, eram em 31 de Dezembro de 1968, 4 447 211 contos, sendo o capital e reservas de 1 milhão de contos.

O presidente da assembleia geral é o antigo ministro eng.º José Frederico Ulrich, sendo o presidente do Conselho Geral o também antigo ministro e governador do Banco de Portugal, dr. Rafael Duque.

A assembleia geral encontra-se convocada para o dia 30 do corrente, pelas 11 horas.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Teve a amabilidade, que agradecemos, de vir ao nosso jornal, apresentar cumprimentos de despedida, o sr. dr. Caetano de Carvalho, que ontem deixou de exercer as funções de director interino dos Serviços de Informação do S. N. I. para ocupar o cargo de director-geral de Cultura Popular e Espectáculos da nova Secretaria do Estado de Informação e Turismo.

Colóquio dirigido pelo dr. Rui Grácio

Na série de palestras realizadas na igreja de Santa Isabel, iniciada com a conferência do dr. Joel Serrão, nosso distinto colaborador, sobre os Direitos do Homem, vão falar ainda outras personalidades conhecidas.

Hoje, às 21 e 30, falam José Manuel Félix Ribeiro e Teresa Maria Barata Salgueiro sobre os «Direitos da Juventude»; no dia 23, o bispo da Igreja Anglicana, O. Luís Pereira da Silva de «Os Direitos à Liberdade Religiosa»; em 30, é a dr.ª D. Maria de Lourdes Belchior que fala de «O Direito à Educação e à Cultura».

A série de colóquios finda em 6 de Fevereiro com o do nosso prezado colaborador dr. Rui Grácio sobre os «Direitos da Família». A conferência assiste o sr. bispo de Teótepe, D. Manuel Falcão.



A MODA DOS CABELOS — Os cabeleiros passaram a imitar os costureiros, criando novos penteados para cada temporada. As mais recentes criações para a Primavera foram apresentadas na Alemanha Ocidental. Tendência: cabelos compridos

A PARTIR DE 1 DE FEVEREIRO

As inspecções médico-sanitárias dos condutores passam a ser da competência de qualquer médico

Entram em vigor no dia 1 de Fevereiro as novas disposições do Código da Estrada sobre as inspecções médico-sanitárias dos condutores cuja realização fica mais facilitada.

Com efeito, e salvo nos casos especiais definidos no respectivo diploma e na sua regulamentação, aquelas inspecções que, até agora, eram realizadas nos serviços da Direcção-Geral de Saúde, passam a ser da competência de qualquer médico e podem ser feitas nos seis meses que antecedem aquele em que se completarem as idades estabelecidas para o efeito.

Para a inspecção médico-sanitária, o condutor apresentará ao médico o bilhete de identidade e os impressos para o boletim de inspecção e para o atestado (modelos 921 e 922 da Imprensa Nacional). Estes impressos, depois de preenchidos pelo médico e de reconhecida a assinatura deste, são entregues na subdelegação, delegação ou inspecção de Saúde da área, que devolve o atestado para o interessado o entregar em qualquer Direcção de Viagem até ao último dia do mês anterior àquele em que completa a idade respectiva.

As idades das inspecções obrigatórias foram estabelecidas do seguinte modo: condutores não profissionais: 40, 50, 60, 65 e 70 anos. A partir dos 70 anos, o atestado deve ser entregue de dois em dois anos; condutores profissionais: 35, 45, 50, 55 e 60 anos. A partir dos 60 anos, o atestado deve ser entregue de dois em dois anos. Verificam-se, pois, várias

inovações em relação às disposições anteriores. Como essas inovações colidem, em alguns casos, com a validade actualmente averbada nas cartas, foi estabelecido o princípio de se respeitar a validade actual.

O facto provoca, porém, as seguintes situações puníveis:

a) A validade averbada coincide com as novas disposições, e só há que aplicar estas, sem qualquer adaptação;

b) A validade averbada não coincide com a idade exigida para a próxima inspecção do titular, e a carta será apresentada em qualquer Direcção de Viagem, antes de terminar o prazo averbado, e revalidada (sem necessidade de inspecção) até à data regulamentar imediatamente seguinte.

Por exemplo, no caso dos

condutores não profissionais ter-se-á, consoante a sua idade em 1 de Fevereiro de 1969 o seguinte: menos de 35 anos (antes dos 35, a carta é revalidada até aos 40); 35 feitos e menos de 50 (nada a averbar: inspecção aos 50); 50 feitos e menos de 60 (nada a averbar: inspecção aos 60); 60 feitos e menos de 70 (nada a averbar: inspecção aos 70); 70 feitos e menos de 75 (antes dos 75, a carta é revalidada até aos 76); 75 feitos e menos de 80 (nada a averbar: inspecção aos 80); e assim por diante.

Para o caso especial dos condutores que completam em Fevereiro uma das antigas idades regulamentares, cuja carta caduca, por conseguinte, no fim do corrente mês, está estabelecido que as inspecções serão ainda reali-

zadas nos Serviços de Saúde oficiais, mas a revalidação da carta só tem efeitos a partir de 1 de Fevereiro e, logo, será feita de acordo com as novas disposições, aplicando-se-lhe o que foi indicado nas alíneas a) e b), atrás referidas.

Outro caso especial é o dos condutores cujas cartas caducam no fim dos meses de Fevereiro a Junho, completando nos meses imediatamente seguintes uma das idades regulamentares.

Aqui, o prazo de antecedência permitido para a inspecção será apenas de um a cinco meses (dependente da data do aniversário).

Recorda-se que os condutores que não se tenham submetido a alguma das inspecções obrigatórias estão sujeitos a multas de 1000 escudos e inibição de conduzir durante um mês.

Na Ordem dos Advogados tomou hoje posse o Conselho Superior

Na sede da Ordem dos Advogados, ao Largo de São Domingos, tomou hoje posse esta manhã, às 10 e 30, o Conselho Superior daquele organismo.

Presidiu à cerimónia o bastonário dr. Pedro Pita que salientou a importância da colaboração dos componentes do organismo para o prestígio da Ordem e dignificação cada vez maior da profissão.

O Conselho Superior tem por presidente o dr. Madeira

Pinto e por vice-presidente o nosso distinto colaborador dr. António Macedo. Secretário é o dr. C. E. Dias Ferreira. São vogais os d.ºs. Acácio Gouveia, Carlos Ferreira de Almeida, J. A. Lopes Cardoso, J. P. Canceleiro de Abreu, J. Jaime Neves, José Paredes, Vasco da Gama Fernandes e Mário Furtado.

Amanhã, à mesma hora, toma posse o conselho geral da Ordem, a que preside o próprio bastonário.



O cabelo já vai faltando a muitas histórias que eles contam

SÃO SÓ 15 DIAS!!

CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

DESDE 40\$00

RESTOS DE COLEÇÕES

SAPATARIA LISBONENSE

R. AUGUSTA, 202 * R. DA ASSUNÇÃO, 57

AS JÓIAS, AS PRATAS DA

Curiosaria da GUIA

SÃO DIFERENTES!

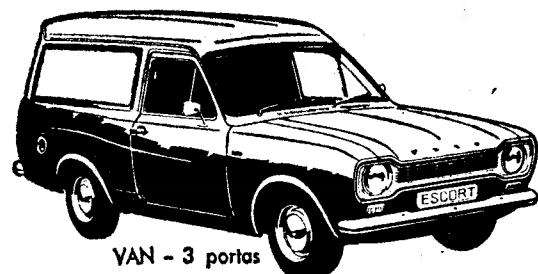


RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

SÓ SÃO PEQUENAS NO

Escort

GRANDES EM ECONOMIA E ESPAÇO COMPLETAMENTE MODERNAS



A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 461 47

AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 6691 41

AUTO RALI, S.A.R.L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 41832 Av. Eng.º Fre

SAUDADES DO «COLÉGIO»

MENINOS DA LUZ DE HÁ 50 ANOS
COMERAM CABRITO AO JANTAR

Há quase cinquenta anos um jovem aluno do Colégio Militar, repreendido por engano na Ordem do Batalhão, achou que devia reclamar e fê-lo em público. Chamado pelo director, argumentou de tal modo que este (caso nunca visto) resolveu pedir-lhe desculpa diante dos camaradas. Meio a rir, meio a chorar, o subdirector soprou ao ouvido do rapaz: «Tens sorte, ó 181, se fosses fuzilado não havia remédio!»

Com larachas deste género, contadas por homens que hoje são oficiais-generais, directores de empresas, médicos, engenheiros, veterinários ou simples cidadãos comuns, ganhou animação mais um jantar de velhos «ratas» (caloiros) ontem realizado a preceito na sede da Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar, à Calçada Marquês de Abrantes. Repastos periódicos juntam ali pessoas de variada extração, interessadas num convívio que apaga todas as cerimónias, todas as diferenças, para só ficar aquilo que ouvimos na boca dos oradores eventuais: o espírito de camaradagem.

— Ouve cá uma coisa, ó Girão.

O brigadeiro Marques Girão, director da Junta Autónoma de Estradas, saiu do círculo dos seus contemporâneos para escutar um ex-Menino da Luz quinze anos mais novo.

— Diz lá, Nascimento.

Era um problema qualquer, simples ou complicado, e que de facto não metia brigadeiros. Mas conversas deste género são raramente possíveis noutro ambiente.

O jantar de ontem, reunindo os «ratas» de 1916,

1917, 1922 e 1923, teve sopa de legumes, ensopado de cabrito, vinhos, doce, café e brandy. Quanto ao cabrito, servido abundantemente, fez nascer recordações dum prato forte, a «pelanca», guisado de carnes com batata (mais peles que carne, segundo as más línguas) que sucessivas gerações de alunos inscreveram nas suas ementas escolares.

Quem andou no Colégio Militar? Muita gente. Por exemplo o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Venâncio Deslandes, que é precisamente o presidente da direcção da A. A. A. C. M. Um governador-geral (da Guiné), brigadeiro António Spinola. Um comandante-chefe das Forças Armadas (de Angola), general Almeida Viana. O secretário-adjunto da Defesa Nacional, general Paiva Brandão. E a lista não se esgota aqui.

Os três antecessores do almirante Américo Thomaz na Presidência da República foram Meninos da Luz. Lá estão os retratos na Associação, em lugar de relevo. Outros nomes ainda: Júlio Dantas, Tomás Alcaide, Carlos Selvagem, Raul Ferrão, Raul de Carvalho, Artur Semedo. Um ministro actual: comandante Pereira Crespo. Um ex-ministro entre muitos: eng.º Arantes e Oliveira. Um técnico de reputação internacional: eng.º Manuel Rocha, director do L. N. E. C.

Se passarmos ao desporto, temos o famoso Tibério, guarda-redes da Académica, em 1939 (hoje o dr. Tibério Antunes, médico-parteiro), os não menos famosos Armando Sampaio, Pessoa Duarte e João Bello, e, até mesmo, um árbitro (ou veterinário, como

se quiser), o dr. Décio de Freitas.

Os ex-Meninos da Luz dizem, depois do jantar:

— Isto é uma família. Que procuramos nós? Manter a dignidade, a lealdade e o espírito de entreadada em todas as circunstâncias da vida.

Um ex-aluno invisível foi localizado em circunstâncias dramáticas na cidade de Lisboa: vendia lotaria. Passado o primeiro momento de espanto, uma cadeia de boa vontade pôs-se em andamento para melhorar a sorte do colega infeliz.

— É que não podia ser! A gente a viver na calma... Não podia ser.

Dois cônegos na lista

A Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar tem à volta de dois mil sócios. Como todos eles podem falar quando lhes apetece, registámos, ontem, propostas do seguinte género:

— Faça-se um jantar em honra do nosso camarada Raul de Carvalho, ex-actor do Nacional!

— E um jantar dedicado aos ex-alunos não distintos!

— Claro, claro: aos que não atingiram o generalato na vida militar nem na vida civil.

— Não esquecer a direcção actual, que deu vida nova à associação. Ora at est! uma ideia: homenagear a direcção na própria sede...

Do lado veio o aplauso de um engenheiro:

— A direcção actual? Sim senhor, merece. «Coitadinhos!»

Não era piada, mas somente concordância bem disposta. Os actuais corpos gerentes, tão organizados que ao fim de vários anos ninguém pensa em substituí-los, têm feito o possível por vivificar as relações entre ex-alunos. Vão mais longe: auxiliam muitas viúvas de camaradas, acodem aos antigos em necessidade, armazenam fardamento (oferecido) para distribuir pelos «ratas» cujos pais não podem pagar o enxoval.

É uma espécie de Amicale. Onde se procura abolir toda a discriminação. Onde se recorda, até, que no número dos ex-alunos figura um cônego, e que esse cônego...

— Quem havia de ser? O José Bernardino Corrêa de Sá, o Asseca. Sucessor de outro ex-aluno que também chegou a cônego.

O futuro cônego José Corrêa de Sá apanhou no Colégio Militar o mesmo número do futuro cônego Manuel Serra. Também tiveram o mesmo número no seminário. E foram ambos promovidos a cônego no mesmo dia. E chegaram, um depois do outro, a capelães da Armada.

Só nós, heim? Uma coincidência destas!

As onze da noite ainda tudo conversava. O tema, conhecido anualmente por mais de seis centenas de alunos, é inesgotável.

o Repórter de serviço

Silva Pinto

UMA BOFETADA SEM MÃO

Não sou capaz de passar na marginal sem me lembrar do menino que há dias me deu uma bofetada sem mão. Quer vá a setenta (que é o limite), quer vá mais devagar (que o cotovelo já ceifou algumas vidas), em chegando à curva do Mónaco, é fatal: vem fazer-me companhia, pelo menos assomando à janela da memória, a face morena do miúdo. E pronto. Lá tenho que prometer a mim próprio que não voltarei a praticar a falta que com ele cometi — isto para que me deixe de atormentar a consciência...

Eu conto o que se passou. Foi na semana passada, quando um carro pequeno se despiçou e galgou a muralha da fatídica curva, indo mergulhar no rio. A sorte, que estava com a condutora e com os dois sobrinhos que a acompanhavam, deixou que os banhistas forçados chegassem a casa sem mais do que um susto valente. Era notícia: tanto ou mais do que se tivessem morrido no desastre.

Ora, o guarda da P. V. T. que, no local, procurava elementos para compreender o acidente, só me soubera dar elementos sobre a identidade da senhora. Dos sobrinhos, nem uma palavra. Como concluisse que só na residência da condutora me poderia informar correctamente, carro para que te quero: aí fomos nós a Nova Oeiras, a dois passos. Lá descobrimos a morada. A porta, a ambulância que ali acabava de deixar, enregelados, os náutragos da estrada, e, a receber os repórteres, um magote de garotos. Vozes:

— Eu sou da família.

— Tire-nos o retrato.
— É para vir no jornal?
— Está tudo bem...

A porta estava entreaberta: os bombeiros passavam recibo do socorro prestado; uma senhora telefonava, a sossegar alguém; num quarto, ao fundo, uma cama de ferro, um rosto espreitava de entre um monte de cobertores. Um dos pequenos, do grupo, exclamou orgulhoso:

— É do «Diário de Lisboa»!

Acabado o telefonema, expliquei à senhora que lamos pela identidade dos meninos, mas logo vi que a nossa presença não fora bem vista: eram quase duas da tarde, apertava para o almoço, se alguma coisa quiséssemos saber perguntássemos à Polícia, aos bombeiros, ou fosse a quem fosse...

Era escusado. A fonte (de informações) estava seca e o melhor seria ir beber a outra bica ou ficar simplesmente com a sede a apertar a garganta — que é como quem diz: com a notícia incompleta. Ossos do ofício.

A saída outra vez o magote e, desta vez, o silêncio. Entre a turma, lá estava o garoto que me anunciara. Era uma oportunidade:

— Então, como se chamam os teus primos?

A resposta foi uma bofetada, a tal bofetada sem mão:

— A minha mãe já disse que nada informava e eu não posso ir contra o que ela disse. O sr. compreende...

Tinha razão, o catraio, e isso lho disse eu. Mas o «sopapo», esse é que ninguém mo tirou. Nem tira.

ATENÇÃO!

O azeite é um produto cuja existência tem sido ultimamente muito discutida. Pode falar de um momento para o outro... Pode aumentar de preço na primeira ocasião... É necessário estarmos prevenidos, sobretudo nesta quadra festiva em que a sua presença se torna indiscutível e necessária. O azeite é uma riqueza nacional e a ele se devem, muitas vezes, os saborosos pratos que se servem à mesa de cada um de nós. Tratado pelos mais modernos processos de produção, o azeite resulta num elemento indispensável à alimentação do Homem, sem alterar o paladar da comida preferida. Nós fornecemos-lhe, com muito gosto, azeite de primeira qualidade, aos preços estabelecidos superiormente. Esperamos, tanto, a sua visita!



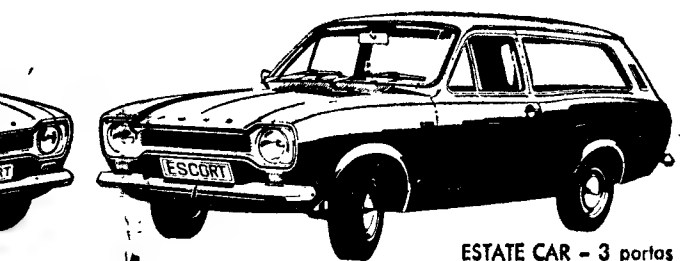
CASA AGRÍCOLA SANTOS JORGE

Rua Braancamp, 50-A — Tel. 48639

Rua Coronel Bento Roma, 45-D — Tel. 711849

(ENTREGAS AO DOMICÍLIO)

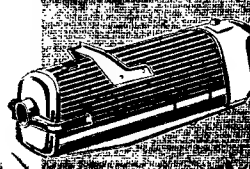
NO PREÇO



ESTATE CAR - 3 portas

Telef. 461 47

332 Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 280537 - Cascais

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZO DIA DE AMANHÃ
NINGUÉM O VIU.
UMA JOIA É SEMPRE
UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

PRINCE ROYAL

Excepcional poder de aspiração!

Produzido pela melhor e mais antiga fábrica de aspiradores do mundo
A VINDA MAIS QUALITATIVA DE ELECTRDOMESTÍCIOS

O ministro do Ultramar visitou as zonas de exploração petrolífera da barra do Quanza

LUANDA, 16 — (L.) — O ministro do Ultramar, acompanhado pelo Governador-Geral, pelo secretário provincial da Economia e pelos elementos da sua comitiva, deslocou-se esta manhã em visita às zonas de exploração petrolífera de Cabo Ledo e Guenguelas, na região da Barra do Quanza. Ali, o inspector provincial de Geologia e Minas, Jeremias Godinho, explicou o que tem sido a actividade local, iniciada em 1910, com a con-

cessão de um exclusivo a Canha e Formigal. No regresso a Luanda, o sr. prof. dr. Silva Cunha visitou o Hospital Universitário e o Laboratório de investigação do departamento de engenharia civil da Universidade de Luanda, após o que iniciou reuniões de trabalho com o Governador-Geral e com os governadores de distrito. Ao fim da tarde, assiste a uma recepção em sua honra no Palácio do Governo.

Angola e Moçambique poderão produzir carnes verdes para os países do Mercado Comum

BEIRA (Moçambique), 16 — (L.) — «Com as possibilidades que se antevêm, Moçambique e Angola poderão tornar-se duas parcelas importantes no Mundo, porque a produção em grande escala de carne implicará que outros sectores se verifique ainda mais progresso», declarou ao «Notícias», jornal que se publica nesta cidade, o prof. dr. Philip Lamour, consultor económico da O.N.U., que visitou Angola e Moçambique, para estudar as possibilidades dos dois territórios como abastecedores de carnes verdes para os países do Mercado Comum.

Depois de esclarecer que a sua visita se relacionava com a necessidade de detectar espaços livres para a pro-

dução de carne, e de acentuar que as suas impressões sobre as duas províncias portuguesas são deveras satisfatórias, o visitante acrescentou: «Em Moçambique e em Angola, aliás como acontece em grande parte da África Austral, existem ainda vastas regiões livres e de fácil acesso, o que é de importância primordial para a produção de carne».

SOCIEDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS

Amanhã, às 18 horas, no anfiteatro de Botânica da Faculdade de Ciências de Lisboa, o sr. dr. Armando de Lemos Bastos, chefe do serviço de Citologia do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil, fará uma exposição intitulada «Da definição da célula tumoral ao estudo da carcinogénese».

Assinado o contrato entre o Governo e a Cabinda Gulf Oil

Foi já assinado, no gabinete do ministro do Ultramar, um contrato entre o Governo português e a Cabinda Gulf Oil Company, introduzindo determinadas alterações ao contrato de concessão de pesquisa e exploração de petróleo em Cabinda, de que é titular aquela empresa, de harmonia com o Decreto n.º 48 803, de 27 de Dezembro de 1968, conforme oportunamente noticiámos.

Outorgaram o contrato, pelo Ministério do Ultramar, o subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, sr. dr. Rui Patrício, e, por parte da Cabinda Gulf Oil Company, o presidente do conselho de administração, sr. eng.º José Veiga Lima, e o administrador sr. Herbert B. Hansen. Assistiram ao acto o secretário-geral, em exercício, do Ministério do Ultramar, dr. Ferreira da Silva, o director-geral de Economia dr. Ruy Ribeiro, o delegado do Governo junto da Companhia, coronel Themudo Barata, e o administrador por parte do Estado, prof. dr. Luís Teixeira Pinto.

5.000 LIVROS DE GRAÇA!

Remeta 2\$00 em selos do correio para despesas e receberá em sua casa um volume de uma das colecções que pretendemos divulgar. O objectivo desta oferta é angariar novos clientes, e as obras foram seleccionadas para atingir o fim em vista. Pedidos a **LIVRARIA CIVILIZAÇÃO** — Rua Alberto Aires de Gouveia, 27 — PORTO ou a **Fátima, Av. Almirante Reis, 102 r/c, dir. — LISBOA 1**

Nome e direcção bem legíveis

Oficial da F. A. P. condecorado pelo Governo alemão

O presidente da República Federal da Alemanha agradeceu o sr. tenente-coronel António da Silva Cardoso, chefe da 3.ª Repartição do Estado-Maior da Força Aérea, com o grau de oficial da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha. As insignias da Ordem e o diploma da condecoração foram entregues aquele oficial pelo embaixador da Alemanha, sr. dr. Herbert Müller-Roschach, em comitiva a que assistiram o adido aeronáutico alemão, o chefe dos Serviços Centrais de Ligação Alemães em Portugal e os srs. general Guilherme Dias Costa e tenente-coronel António Celorico Borba da Silva, do lado português.

OUTRA ESPERA-NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PRESO A 13 METROS DEBAIXO DE ÁGUA

ST. PETER PORT (Guernsey), 16 — (R.). Um polícia em Guernsey, a ilha britânica do canal da Mancha, narrou ontem a um tribunal como prendera um transgressor treze metros debaixo de água.

O culpado era o homem-rã David Kempthorne-Ley, acusado de pescar no fundo do mar um marisco conhecido como orelha marinha, um manjar local, durante a época de protecção às espécies.

O longo, mas molhado, braço da lei, representado pelo guarda David Archer, também um homem-rã, tocou no ombro do pescador e fez-lhe sinal: «para a superfície».

Ontem no tribunal, o réu foi multado em 20 libras por pescar ilegalmente 86 orelhas marinhas. Negou a acusação.

O polícia, com traço de homem-rã, que fez a primeira prisão debaixo de água que se conhece na Grã-Bretanha, vigiava os leitões de orelhas marinhas, protegidos por uma lei de 1898.

Faleceu o marítimo espanhol agredido a tiro

PORTO, 16 — No Hospital de São João, onde se encontrava internado desde a madrugada de sexta-feira última, faleceu o marítimo espanhol Leandro Martín Garcia de 30 anos, de Miguepura, Villa Real (Espanha), tripulante do navio finlandês «Sommaro» que, conforme noticiámos, foi agredido naquela madrugada com três tiros de pistola, durante uma zangafa em que intervieram mais quatro companheiros do seu navio, a porta do bar «Beira-Rio». A P. J., que procede a investigações para a descoberta do agressor, prendeu dois jovens de Matosinhos que se encontravam naquela bar, os quais foram, porém, postos em liberdade. Até agora ainda não foi descoberto o autor da agressão nem a arma que motivou a morte do marítimo espanhol.

CONSELHO COORDENADOR DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

Depois de seis anos de interrupção, começou hoje a funcionar o Conselho Coordenador do Ministério da Saúde e Assistência.

Presidiu aos trabalhos, o titular da pasta, dr. Canela de Abreu. Estiveram presen-

tes os directores-gerais da Saúde, Assistência e Hospitais; os directores dos Institutos Maternal, dos Tuberculosos, Psiquiátrico, Família, Inválidos, Menores, Sanguine e Leprosos; o inspector-chefe da Assistência Social, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, os representantes do Patriarcado de Lisboa e da Ordem dos Médicos; e o chefe de repartição da Contabilidade Pública junto daquele ministério.

O Conselho Coordenador reunir-se-á periodicamente nas primeira e terceira quinta-feira de cada mês.

O PREÇO DA BATATA NO BARREIRO

BARREIRO, 16 — Em virtude de se ter acentuado o aumento de preços da batata comum, que se estava já a vender a 2\$60 e a 2\$70 o quilo, os fiscais da Intendência Geral das Actividades Económicas da zona de Setúbal estiveram hoje nos mercados deste concelho, ordenando a baixa do seu preço para 2\$30, com o que a população se regozijou.

A mesma fiscalização começou a exercer acção sobre o preço da venda ao público de artefactos e artigos de utilidade doméstica não tabelados, aos quais se estava a notar ultimamente uma margem de lucro excessiva, de cerca de 100 %.

O CHEFE DO ESTADO VISITA A CIDADE DO PORTO NESTE FIM-DE-SEMANA

PORTO, 16 — Numa conferência com os representantes da Imprensa, ao princípio da tarde, no Governo Civil, o sr. dr. Jorge da Fonseca Jorge deu a conhecer o programa da visita do Chefe do Estado, que é o seguinte: Depois de amanhã, às 18 e 30, o sr. Presidente da República chega num comboio especial à estação das Devesas, em Gaia, de onde segue para o quartel-general e ali pernitará. No domingo, o sr. almirante Américo Thomaz visita as instalações da «Fábrica», em Leça da Palmeira, onde almocará; às 15 e 15, irá ao Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito do Porto; às 16 horas, presidirá à inauguração do Centro n.º 2 de Formação Profissional Acelerada, no Bairro do Cerco do Porto; e à noite, na União de Grémios dos Comerciantes do Distrito do Porto, ser-lhe-á oferecido um jantar.

Na segunda-feira, às 11 horas, o Chefe do Estado parte da estação das Devesas, também em comboio especial, para Lisboa.

Inspeção Superior de Obras Públicas

O júri do concurso para a promoção a engenheiro inspector superior de obras públicas ficou constituído pelo presidente do Conselho Superior de Obras Públicas, sr. eng.º Raul de Mesquita Lima, como presidente; pelos engenheiros inspectores-gerais de obras públicas srs. José Filipe Rebelo Pinto e Carlos Guilherme Craveiro Lopes Couvreur e engenheiros inspectores superiores de obras públicas srs. Germano Joaquim Venade e Luís de Castro Ferreira de Carvalho.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compro	Vende	Ultramarinas	étec.	Compro	Vende
Consolidado 2 3/4% ...	532\$	530\$	532\$	Diamantes Angola	1.310\$	1.310\$	1.315\$
Consolidado 3%	555\$	555\$	560\$	H. E. Revus	600\$	590\$	610\$
Consolidado 3 1/2%	655\$	650\$	660\$	Ilha do Príncipe	—	750\$	—
Centenários 4%	1.501\$	1.500\$	1.503\$	Moçambique	80\$5	80\$	81\$
Obriga. Tesouro 5%	1.000\$	1.000\$	—	Sonete n.º	—	318\$	320\$
Ext. 1.ª Série	—	650\$	680\$	Sonete p.	—	45\$	46\$
Ext. 2.ª Série	—	750\$	815\$	C.ª Diversas	—	—	—
Ext. 3.ª Série	—	700\$	750\$	Cida	—	6.900\$	—
Ext. 4.ª Série	910\$	900\$	910\$	Ord. Leão	—	2.300\$	2.450\$
Cautelas 3.ª Série	—	170\$	190\$	Ord. Tejo	—	3.300\$	—
OBRIGAÇÕES	—	—	—	Ord. Navegação	—	650\$	655\$
Agua Lisboa 5%	—	470\$	—	C. U. F.	—	1.070\$	1.090\$
A. P. 1.ª Série 5%	—	—	—	Ind. Aliança	—	—	—
A. P. 2.ª Série 5%	—	—	—	Nac. Navegação	1.650\$	1.630\$	1.670\$
A. P. 3.ª Série 5%	925\$	923\$	930\$	Petroquímica	—	2.350\$	—
C. P. 4.ª Série 5%	—	—	—	Port. e Colónias	—	1.225\$	1.230\$
C. P. 5.ª Série 5%	—	1.000\$	1.007\$	Port. Celulose	—	—	—
C. U. F. 6%	997\$	995\$	1.000\$	Port. Pesca	—	—	—
C. U. F. 6% 68	—	850\$	—	Port. Tabacos	—	521\$	525\$
Gás Elect. 4% 48	—	805\$	—	Socor	4.830\$	4.800\$	4.850\$
Gás Elect. 4% 51	—	910\$	—	Siderurg. a Nac.	1.275\$	1.215\$	1.230\$
Gás Elect. 5% 52	—	910\$	—	Socel	—	2.150\$	2.170\$
Gás Elect. 5% 58	—	910\$	—	Tabacos de Portugal	—	—	960\$
Gás Elect. 5% 59	—	931\$	—	Tabacaria	—	10.500\$	10.800\$
Gás Elect. 5% 62	—	920\$	—	U. F. Azoto	—	710\$	720\$
Gás Elect. 5% 63	—	920\$	—	Agua Electr. e Gás	—	—	—
Gás Elect. 5% 65	—	1.020\$	—	Agua Lisboa a	—	390\$	420\$
Gás Elect. 5% 67	—	825\$	—	Agua Lisboa 34	—	410\$	420\$
H. E. A. Alentejo 5%	840\$	—	—	Agua Lisboa 36	—	390\$	—
H. E. Cávado 5%	998\$	997\$	1.000\$	Elect. Beira	—	1.505\$	1.520\$
H. E. Cávado 5%	840\$	840\$	—	Gás Elect.	394\$5	394\$	394\$5
H. E. Douro 5%	999\$	998\$	999\$	H. E. Alto Alentejo	1.585\$	1.585\$	1.59\$
H. E. Douro 6%	—	—	—	H. E. Cávado	1.255\$	1.255\$	1.260\$
H. E. Norte Port 5%	—	980\$	—	H. E. Douro	1.245\$	1.240\$	1.245\$
H. E. S. Estrela 6%	—	840\$	850\$	H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	840\$	—	H. E. S. Estrela	—	1.700\$	1.800\$
H. E. Zêzere 5% 57	—	840\$	—	H. E. Zêzere	—	1.310\$	1.320\$
Lisnave 6%	1.003\$	1.003\$	1.005\$	Nac. Electricidade	1.310\$	1.305\$	1.315\$
Metropolitano 4%	—	890\$	905\$	Termoelectr. Port	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	1.018\$	—	U. E. P.	194\$	193\$5	194\$5
Moçambique 5%	—	730\$	—	FUNDOS DE INVESTIMENTO	—	—	—
Nac. Electr. 5%	—	850\$	—	F. Atlântico	—	154\$3	159\$
Nitratos 5%	—	—	—	F. I. D. E. S.	—	104\$9	108\$
Nitratos 5% 60	—	—	—				
Petroquímica 5%	—	860\$	—				
Port. Celul. 5%	—	940\$	—				
Socor 5% 54	—	920\$	—				
Socor 5% 60	—	820\$	—				
Siderurgia 5% 2.ª	—	820\$	—				
Siderurgia 5% 3.ª	—	820\$	—				
Siderurgia 5% 4.ª	—	805\$	—				
Sonete 5%	—	—	—				
T. A. P. 4%	—	820\$	830\$				
Termoelect. Port 5%	—	82\$7	83\$				
U. E. P. 3 3/4%	—	83\$	84\$				
U. E. P. 4%	—	—	—				
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—				
U. E. P. 5%	82\$6	82\$6	83\$				
U. E. P. 5% 60	820\$	—	830\$				
U. E. P. 5% 63	—	—	—				

ACCÕES			
Bancos			
Agricultura	1.010\$	1.005\$	1.010\$
Alentejo	650\$	650\$	651\$
Angola	—	1.700\$	1.720\$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	1.925\$	1.925\$	1.930\$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.º	—	—	—
Fonseca S. n.º	12.500\$	12.400\$	—
L. & Açores n.º	—	3.920\$	3.960\$
L. & Açores n.º	—	—	—
P. Atlântico n.º	—	—	6.000\$
Portugal n.º	—	—	—
Portugal n.º	2.720\$	2.700\$	2.750\$
Totta Aliança	4.700\$	4.700\$	4.720\$
Ultramarino n.º	1.689\$	1.681\$	1.690\$
Ultramarino n.º	1.890\$	1.880\$	1.895\$
Seguros			
Alentejo	—	66\$	70\$
Douro	—	—	980\$
Mundial	430\$	425\$	435\$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	40.000\$	45.000\$
Ultramarina	—	8.500\$	—
Ultramarinas			
Agúcar de Angola	—	750\$	770\$
Ag. Cascaes	570\$	565\$	572\$
Ag. Incamati	—	—	—
Ag. Neves	—	180\$	230\$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Borac	—	—	150\$
Buzi	—	61\$	62\$
Cabinda	—	131\$	140\$

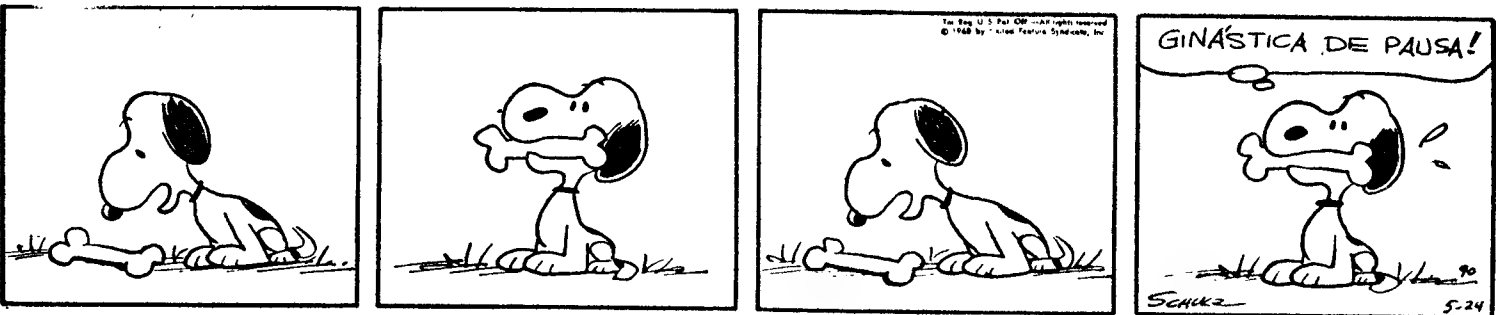
ÍNDICE BORGES & IRMÃO COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65=100)

	9/1/69	15/1/69	16/1/69
GERAL	109,5	109,8	109,8
METROP.	107,8	108,0	107,9
ULTRAM.	121,7	123,3	123,6

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand... ..	36\$00	36\$50
América:		
— Dólar de 1 a 2... ..	28\$20	28\$60
— Dólar de 5 a 1000	28\$40	28\$80
Canadá — Dólar	26\$30	26\$80
Alemanha — Marco	7\$07	7\$27
Austria — Shilling	1\$08	\$15
Braçil — Cruzeiro Novo	6\$00	8\$00
Espanha — Peseta	39\$5	\$41
Holanda — Florim	7\$80	8\$05
Inglaterra — Libra	67\$00	69\$50
Itália — Lira	304\$5	304\$7
Marrocos — Dirham	45\$75	52\$25
Bélgica — Franco	53\$5	56\$5
Frância — Franco	53\$30	58\$80
Suécia — Franco	65\$55	68\$75
Dinamarca — Coroa	34\$65	4\$00
Noruega — Coroa	3\$80	4\$10
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isab. 320\$00	320\$00	335\$00
Inglaterra — 1/2 Libra 245\$00	245\$00	265\$00
Ouro fino — Barra	39\$00	40\$50

J. BURNAY, L. DA Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 321273

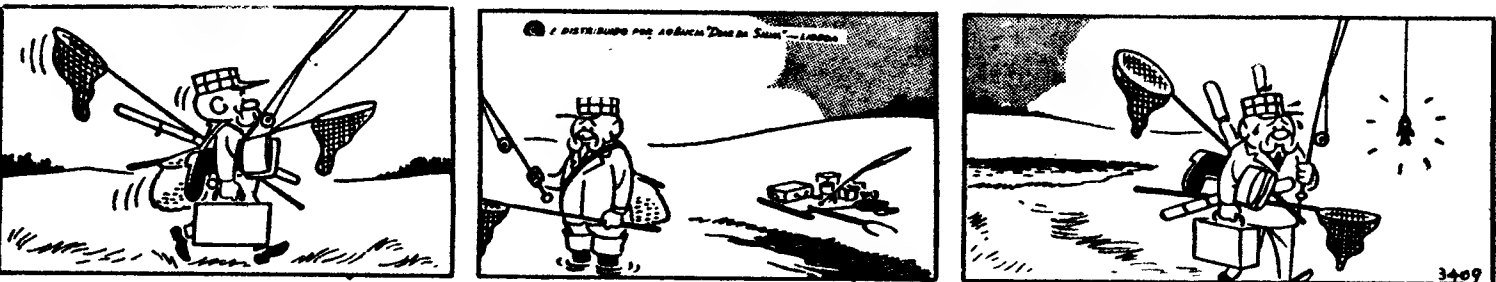
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Janeiro de 1939 publicava:

«O «Petit Parisien» afirma: «Não é necessário ser muito subtil para entrever que a evacuação das posições italianas em Espanha é considerada em Roma como uma moeda de troca, que deve servir para obter da França satisfação noutros domínios. «É provável que as reivindicações italianas acabem por se fixar nas vantagens que a Itália deseja obter no Mar Vermelho, especialmente no Canal de Suez, no caminho-de-ferro Djibuti-Adis Abeba e no estabelecimento de um porto livre em Djibuti.»

CAMINHOS DE FERRO

SABUGO, ALMORNOS, ALMARGEM DO BISPO, MACHADOS, D. MARIA, ALBOGAS, CAMARÕES, COVAS DE FERRO, NEGRAIS E CANEÇAS

Comunica-nos a C. P. que a partir de 15 do corrente todas as estações de caminho-de-ferro despacham mercadorias, incluindo pequenos volumes, para Sabugo, Domicilios, Albogás, Negrais-Central e Caneças-Central.

Por seu turno, nos Despachos Centrais de Negrais e Caneças expõem-se igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

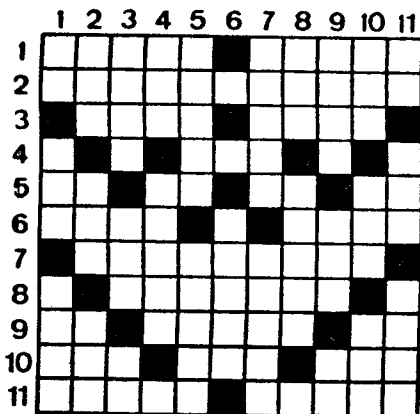
Também em Sabugo (exceto quanto aos domicilios), Almornos, Almargin do Bispo, Machados, D. Maria, Camarões e Covas de Ferro se recebem e expõem remessas ao abrigo da Tarifa 8/198 — Grande Velocidade.

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

(NOVA MODALIDADE)



PROBLEMA N.º 5060
HORIZONTAIS: 1 — Içava. Bambus. 2 — Traireis á memória. 3 — Ecoam. Carimbas. 4 — Base aérea portuguesa. 5 — Rei de Basá, gigante que se opunha á passagem dos israelitas. Pronome pessoal. Nota musical. Letra grega. 6 — Nome que os negros feitiçistas do Brasil davam a S. Jerónimo. Aquele que. 7 — Nome vulgar de várias plantas da família das Asteráceas. 8 — Acorrentei. 9 — Campeão. Queimem. Cãnhamo de Manila. 10 — Preposição. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande numero de nomes irlandeses e escoceses. Sete em romano. 11 — Letra grega. Avivou.
VERTICAIS: 1 — Viração. Por baixo de. Armadilha. 2 — Vés. Cidade de França. Rulão. 3 — Serra de Portugal. Mãe de Rómulo e Remo. Pronome pessoal. 4 — Vai pelo ar com grande velocidade. Bando. 5 — Equipou. Cidade de Itália. 6 — Carência. 7 — Lugarejo. Esbogo. 8 — Medida de superfície. Para cá de. 9 — Variedade de arroz, com casca, da Índia Portuguesa. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! 10 — Camareira. Rente. Voz do gato. 11 — Abreviatura de Santíssimo. Semelhança. Tombou.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5059
HORIZONTAIS: 1 — Fiada. Maçar. 2 — Artur. Anote. 3 — Irá. Sam. 4 — DURO. Lema. 5 — Ana. Aam. Ror. 6 — Rs. Ciar. DE. 7 — Agua. Teca. 8 — Oro. Asi. 9 — Assas. Itaca. 10 — Soer. Orão. 11 — Arremessais.
VERTICAIS: 1 — Fardar. Cosa. 2 — Ir. Ursa. Sor. 3 — Atira. COSER. 4 — DURO. Curare. 5 — Aro. Anós. 6 — Pal. DE. 7 — Mos. Mat. 8 — Anal. Restos. 9 — COMER. Ciara. 10 — At. Moda. Cai. 11 — Repare. Laos.
Proverbio: DURO DE COSER, DURO DE COMER.

PROBLEMA N.º 8904
HORIZONTAIS: 1 — Abreviatura de «post escriptum». Cidade de Itália. Ruim. 2 — Medida de líquidos usada no Alemanha, Holanda e Suíça. Preposição. Igual. 3 — Após. Executará. 4 — Economizaram. 5 — Freguesia do concelho e distrito de Coimbra. Inflamação da íris (Med.). 6 — Rio da Suíça. Conjunção. 7 — Carimbas. 8 — Enguia. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Nome de um jogo. 9 — Intercalarium. 10 — Procedera. Arreata. 11 — Saudável. Transpira. Oceano.

VERTICAIS: 1 — Antiga moeda brasileira de prata que valia aproximadamente 32 centavos. Caminharás. 2 — Rio da França e da Alemanha. Gelha. 3 — Nome de mulher. Lazer. 4 — Estará. Sufixo que designa estado. 5 — Antes de Cristo. Que vendem caro. 6 — Popularidade (fig.). Rio de França. 7 — Prefixo de negação. Correrá suavemente. 8 — Executará. Nota musical. 9 — Cidade de França. Remam para trás. 10 — Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Baixela. 11 — Fios de latão. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8903
HORIZONTAIS: 1 — Caril. Falua. 2 — Atia. Til. Rs. 3 — Lua. Somaras. 4 — Ar. Pena. 5 — Rolada. Mês. 6 — Riga. Surra. 7 — Ma. Figa. 8 — Ega. Arai. Mó. 9 — Residir. Ser. 10 — Na. Tua. Cota. 11 — Arear. Pelar.

VERTICAIS: 1 — Colar. Bema. 2 — Aturar. Gear. 3 — Rio. Limas. 4 — Ia. Pagá. Ita. 5 — Seda. Adur. 6 — Tono. Frio. 7 — Fima. Mugli. Ce. 9 — Roera. Sol. 10 — Ura. Se. Meta. 11 — Asso. Adorar.



Dizem os leitores...

ANOMALIAS A CONSIDERAR NO BAIRRO DO RESTELO

Recebemos do sr. Dinis M. da Silva a seguinte carta sobre um problema de interesse colectivo, e com aspectos, também, que interessam à estética e ao ambiente próprio de uma zona urbana de sugestões históricas. Reproduzimos a missiva do nosso leitor para conhecimento das entidades competentes:

«Sr. director: — Por virtude de o seu conceituado jornal ter sempre abertas as suas colunas a todas as causas justas e de interesse colectivo, ousamos vir junto de V. pedir-lhe que seja intérprete dos nossos reparos junto da entidade competente, neste caso, a Câmara Municipal de Lisboa, no assunto que intitulámos («Os muros da vergonha... do Restelo») e que a seguir tomamos a liberdade de expor:

«Moramos em prédio próprio, na Encosta do Restelo (junto ao Ministério do Ultramar), que muitos dizem ser uma das zonas mais bonitas de Lisboa — e como tal era considerada pela C. M. L., quando, tempos atrás, autorizava a construção dos prédios, dentro dos seus moldes e exigências arquitectónicas. No entanto, talvez porque há já bastante tempo se encontravam por terminar os arruamentos e passeios do lado nascente, precisamente, entre o Ministério do Ultramar e os prédios em face, entenderam por bem os respectivos serviços da C. M. L., que era chegada a altura de procederem ao seu acabamento.

«Com efeito, começaram aqueles serviços camarários, por mandar erguer, entre o já citado lado nascente do Ministério do Ultramar e os prédios com os n.ºs 1, 3 e 5, da Rua Jorge Álvares, um inestético muro a dividir dois arruamentos. Simplesmente, no nosso modesto entender, o projecto delineado para o efeito é de um inaudito mau gosto, se considerarmos o local e a proximidade em que nos encontramos, das verdadeiras reliquias arquitectónicas que nos legaram os nossos antepassados. Mas, se aquele muro (de vergonha... do Restelo), fere a linha arquitectónica, anteriormente, tão defendida pela C. M. L., muito por agora a acontecer com a construção de um outro muro, partindo do prédio com o n.º 1 da Rua Jorge Álvares, para a Rua de Gonçalves Zarco, criando deste modo um recanto propício a montureira, e que é a indecorosa micróbia pública, o que, provavelmente, virá a acontecer e acarretará graves prejuízos morais e de saúde para os inquilinos, cujos andares se situam sobranceiros ao dito recanto B, por a visão que agora se obtém deste novo conjunto arquitectónico ser desesperante, custa-nos a crer que tal projecto tenha sido delineado por um arquitecto com conhecimento pessoal do local referido.

«Assim, pelo que fica exposto, agradecemos a publicação desta nossa carta, certos de que as nossas lamentações não cairão no esquecimento das entidades que poderão interferir no assunto, remediando, enquanto é tempo, o que se está a construir erroneamente.»

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram, em combate na província de Moçambique, junto à fronteira norte, o primeiro-cabo 116131/767, José Lopes Pereira, e o soldado 075319/67, Hildio Ferreira, natural do concelho de Chaves, filho do sr. José Ferreira e da sr.ª D. Maria Isabel Ferreira.

Novo índice tarifário do Município de Coimbra para fornecimento de energia

COIMBRA, 16

Na reunião da Câmara Municipal, com a presença de todos os vereadores e sob a presidência do sr. eng. Araújo Vieira, foi aprovado o novo índice tarifário de correcção para o fornecimento de energia eléctrica à cidade.

Falando sobre o assunto, o presidente começou por dizer que, devido ao que estabeleceu a comissão arbitral, procurou, à margem da mesma, um acordo entre a Câmara e as empresas fornecedoras de energia e transformamos, mas uma vez, que os factores de correcção da fórmula tarifária variaram entre 1,33 e 1,75 tendo-se fixado no último estudo em 1,7226884, valor calculado, pois se consideram os encargos da exploração. Assim não seria presunção, desde logo para um outro de transição conveniente ao Município, não se podendo, também esquecer que ainda se está na vigência do contrato até 31 de Dezembro de 1970.

Proseguindo, disse que, por tal motivo, a Câmara devia defender neste período transitório, até termo do contrato, um factor de correcção que lhe permitisse um valor do terceiro escalão; nos usos domésticos gerais, não superior a \$10, preço competitivo com a energia calorífica produzida por outros combustíveis; e que o factor correspondente para uma utilização da ponta de 1000 horas é da ordem de 1,5, o que dá, nestas condições, um preço médio de aquisição ligeiramente inferior a \$10; e que, embora não satisfaça os encargos de exploração, cobre, no entanto, os que correspondem à aquisição.

O acordo foi aprovado por maioria

Acrescentou o sr. eng. Araújo Vieira que, considerando que a energia vendida neste escalão dos usos domésticos gerais é de 13 por cento da energia fornecida aos consumidores, resulta por esse facto, a preocupação da Câmara na resolução do assunto pretendendo, por um lado, não elevar excessivamente aquela escada e, por outro, não comprometer a economia dos Serviços Municipalizados, nem distorcer o sistema tarifário com uns escalões baixos e outros excessivamente altos. Sendo, assim — disse — manteve-se esta posição, mas, mantendo-a na comissão arbitral, seria um malogro, pois ali só contam valores de correcção resultantes de estudos económicos; e por isso — acrescentou — e por isso — vinha um entendimento,

com a intervenção do director geral dos Serviços de Electricidade que estabeleceu com outra fórmula, um valor de correcção de cerca de 1,55; o qual parecia aceitável.

Depois de salientar a melhor compreensão do delegado das empresas, sr. eng. Inácio Ferreira, e de manifestar o seu reconhecimento ao director-geral dos Serviços de Electricidade, o presidente pôs o acordo à aprovação da Câmara, que tomou conhecimento dele e introduzindo-lhe as necessárias alterações, o aprovou por maioria.

O sr. eng. Araújo Vieira comunicou também, que tivera uma conversa com o sr. ministro do Exército sobre a transferência da Carreira de Tiro para outra localidade e que aquele membro do Governo não desmentava essa transferência desde que a Câmara proporia, nas condições em boas condições.

O sr. dr. Francisco Cortes, disse estar em esboço dos terrenos em São Paulo das Freguesias de São João e de São Pedro, dependendo o seu apro-

veitamento do parecer dos técnicos daquele e Ministério que brevemente, visitarão os mesmos.

O sr. eng. Azevedo Sobral teve, depois, uma larga intervenção sobre a construção da variante Norte da Estrada Nacional n.º 1 salientando a necessidade de se fazer essa obra, tanto para o serviço do trânsito, incompatível com as condições deficientes da actual via de saída para o Norte, como pela melhoria de tudo quanto se liga com aquela zona industrial da cidade.

Em resposta o presidente informou que sua intenção apresentava o assunto ao sr. ministro das Obras Públicas na visita que fará a Coimbra no fim de dia.

Obras nas piscinas municipais

A Câmara adjudicou a obra de tratamento de água das piscinas municipais pelo montante de 107.600\$000 e de aquecimento da piscina coberta, respectivamente, de 157.000\$000 e 157.000\$000.

Medidas preventivas contra a «gripe de Hong-Kong»

COIMBRA, 16 — Nos Hospitais da Universidade, houve uma importante reunião entre o provedor e director clínico daqueles estabelecimentos, respectivamente, srs. dr. Mário Norton e prof. dr. Antunes Azevedo e os srs. drs. Arnaldo Sampaio director do Centro Nacional de Gripe e Rosa Peixão inspetor superior da Direcção Geral de Saúde, ainda com a presença dos srs. dr. Fernando Sardo, delegado de Saúde; prof. Bartolo Pereira, director dos Serviços de Urgência daqueles hospitais; profs. Gouveia Monteiro e Ramos Lopes, dos Serviços

de Pneumologia e Infectologia e José Cavallero, director adjunto dos serviços clínicos dos mesmos estabelecimentos hospitalares.

Os trabalhos, que decorreram a nível restritamente hospitalar, tiveram o objectivo de, em presença de manifestações da «gripe de Hong-Kong», que, aliás, segundo o delegado de Saúde informou, não se registaram ainda, pois, até ao momento, não houve qualquer caso a assinalar.

Preparam-se os serviços hospitalares para que possam dar cumprimento à sua missão.

MEDIDAS GOVERNAMENTAIS SOBRE A INDÚSTRIA TÊXTIL ALGODOEIRA

NA SEDE do Grémio Nacional dos Industriais Têxteis, realizou-se no dia 14, uma prolongada reunião conjunta do Conselho Geral e da Direcção daquele organis-

nistério das Finanças, diploma estes já publicados na imprensa diária e que estabelecem medidas acerca da situação da indústria têxtil algodoeira.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Isabel Botelho Barão
Com 100 anos, faleceu hoje a sr.ª D. Isabel Botelho Barão, mãe dos srs. Pedro dos Reis Barão, João Barão Botelho e Manuel de São Pedro. O funeral realizou-se amanhã, às 10 horas, da igreja de São João de Deus para o cemitério de Idanha-a-Nova, de onde a extinta era natural.

D. Candida Emilia Soares Vieira de Sousa Torres

Faleceu a sr.ª D. Candida Emilia Soares Vieira de Sousa Torres, de 61 anos, natural de Almeida. A extinta era casada com o sr. Manuel Henriques de Sousa Torres e mãe dos srs. Manuel Henrique Vieira de Sousa Torres e José Alfredo Vieira de Sousa Torres.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã às 10 e 30 da igreja de Santo Condestável para o cemitério da Ajuda.

José Pinto da Cruz Pombo

COIMBRA, 16 — Faleceu o sr. José Pinto da Cruz Pombo, de 57 anos, armazeneiro de materiais para a construção civil e proprietário de camionagem de carga. Era casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Pombo e pai das sr.ªs D. Maria Odete da Conceição Pinto e D. Maria da Conceição Pinto. O sr. José Pinto da Cruz Pombo foi sempre afeiçoado às suas ideias liberais, era muito estimado na região.

FUNERAIS

José Xavier da Costa

Da igreja da Boa Hora para o cemitério da Ajuda, realizou-se hoje o funeral do sr. José Xavier da Costa, de 89 anos, secretário do Instituto Superior de Agronomia.

O extinto que era pessoa muito considerada pelas suas qualidades de carácter, residia na Rua do Cruzeiro, 17, 1.ª. esc.

António Teles

MONTARGIL, 16 — Em Foros do Mocho, onde residia, faleceu o sr. António Teles, casado, de 86 anos, natural desta freguesia, pessoa muito estimada na região. O funeral sairá, com grande acompanhamento, após missa de corpo presente para o cemitério local.

Os massacres da Amazônia

(Continuação da 4.ª página)

ça. O chefe-piloto dessa expedição escrevia no diário de bordo:

«São tão numerosos (os índios) que se lançasse uma flecha no ar ela não cairia no chão, mas sobre a cabeça de algum».

Ao longo de duzentos anos, foi a matança. Das escopetas passou-se às espingardas da grande época da borracha, à tortura e, modernamente, à metralhadora. Mas o Governo brasileiro quer que se respeite o índio e criou a Fundação do Índio, que procura conquistar pela docura os últimos refractários do Mato Grosso, os «Tocantins», e os nortenhos «Atoaris» e os «Valmerris», últimos resistentes da sua raça. No entanto, ainda há semanas os jornais noticiavam que 150 índios teriam sido chacinados na área do rio Alalaú, acto que contraria o que a Fundação pretende.

Para além do direito humanitário que os índios têm de ser respeitados, está uma forte razão, interesseira embora, que deveria justificar a maior protecção das autoridades a essa raça quase extinta: os seus conhecimentos cen-

tenários, a sua técnica e engenho seriam auxilio decisivo na conquista da grande Amazônia.



O mateiro Alvaro Paulo da Silva, único sobrevivente da missão

AMANHÃ

MANAUS, CAPITAL DO «INFERNO VERDE»

Estudos médicos no Hospital do Ultramar

Na primeira reunião ordinária do corpo clínico do Hospital do Ultramar, referente ao ano de 1968/69, foi orador o sr. dr. Esteves de Sousa que falou sobre a «Acção da M. C. T. no combate às glossinas na província de Moçambique».

Após ter esquematizado a actual posição das glossinas naquela província, abordou vários aspectos das soluções que têm sido dadas ao problema e concluiu ser hoje possível recuperar as vastas áreas glossinadas em relativamente curto espaço de tempo.

No início da sessão falou o subdirector do Hospital, sr. dr. António Jorge de Barros Lima que se referiu às actividades culturais daquele estabelecimento hospitalar, pondo em relevo a acção desenvolvida pelo ex-director, sr. dr. João Pedro de Paria-



Reunião de trabalho no Grémio Nacional dos Industriais Têxteis, com a presença do presidente da Corporação da Indústria

mo, na qual foram pormenorizadamente apreciados e estudados os problemas relacionados com o despacho conjunto dos ministros das Finanças e da Economia e com o decreto-lei emanado do Mi-

nistério das Finanças, diploma estes já publicados na imprensa diária e que estabelecem medidas acerca da situação da indústria têxtil algodoeira.

Dada a extrema importância dos assuntos em causa, dignaram-se assistir àquela reunião o senhor presidente da Corporação da Indústria, dr. Augusto de Sá Viana Rebelo, e o senhor Albino Car-

que acompanhadas pelo secretário-geral daquela Corporação, dr. Henrique Sequeira, se deslocaram propositadamente a esta cidade para tomarem parte na referida sessão de trabalho.

canal da crítica

CINCO ALÍNEAS IMPOSSÍVEIS
PARA A «MISSÃO IMPOSSÍVEL».

A «Missão Impossível» regressou aos nossos televisores. Regressou para mais uma demonstração da «guerra-fria»: os componentes do grupo vão a um país do campo socialista defender os interesses dos Estados Unidos.

Assim: um certo primeiro-ministro de certa república, a U. C. R. deseja estabelecer um acordo cultural com a América, mas o vice-ministro Kuro, partidário da «linha dura», pensa afastá-lo. Logo, torna-se indispensável eliminar o Kuro. Essa a missão confiada ao Jim e ao seu grupo.

Como sempre, o grupo consegue o objectivo mediante a utilização dos últimos conhecimentos da ciência. Desta vez, vem a ser que uma pessoa enquadra num feixe de certos raios, deixa de ouvir tudo o que se passa à sua volta, seja mesmo um tiro de canhão.

Como já disse, são nítidos os propósitos de guerra-fria desta série, propósitos que aparecem em quase todas as séries americanas nossas conhecidas. O pensamento de uma personagem no episódio de ontem explicava a razão desta insistência: «A guerra no espírito dos homens: quem vencer essa guerra, vencerá tudo...»

Não me parece que essa «guerra» se vença, com as «armas» utilizadas em «Missão Impossível» e que não contam, de maneira nenhuma, com a inteligência do espectador. Apenas será vulnerável o telespectador que acredite:

a) Na possibilidade de se agir tão livremente em terreno inimigo;

b) na possibilidade de prever o local, a pessoa, o minuto, a tão longa distância e sem a mínima falha;

c) na possibilidade de toda a inteligência estar concentrada apenas no grupo ianque;

d) na possibilidade de as pessoas tomarem os rostos umas das outras, utilizando máscaras;

e) na possibilidade de todos os inimigos do grupo serem venais e hostis às suas pátrias.

Quem acredite nisto (e

noutras coisas), pode apreciar a «Missão Impossível». Há quem aprecie? Talvez. Ai está uma coisa que infelizmente impossível, não é.

AS QUERIDAS
MULHERES
DOS FRANCESES

Não se pode dizer que a série «As nossas queridas mulheres» constitua uma sátira, uma crítica à vida ou à mentalidade da burguesia média em Paris. A série aproveita-se de alguns elementos dessa vida para uma caricatura risonha, bem disposta, que não ultrapassa nunca os limites de um humor não corrosivo, que nunca infringe as regras do jogo. Nesta série, contam-se pequenas histórias em família.

Essa caricatura assume, por vezes, aspectos que ao nosso «provincianismo» se tornam inquietantes. Aspectos de tal modo exagerados que, de súbito, nos julgamos

(Continua na página seguinte)

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Rádio

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 6: Notícias; 6 e 30: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira. Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emilia Canele de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Solistas ligeiros, 20 e 37: 21.º episódio do folhetim «A história da Rainha Santa»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A orquestra de Roy Conniff; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de teatro «Ifigénia em Aulide» (Eurípedes) — versão setecentista de Manuel Figueiredo, em arranjo radiofónico de Leopoldo de Araújo, intérpretes: Alvaro Benamor, Assis Pacheco, Fernando Gusmão, Eunice Muñoz, Carmen Dolores, Mário Pereira, Manuel Correia, Maria José, Cremilda Gil e Lourdes Lima; 23 e 42: Programa da noite 1.º Fecho

2.º programa — 3.º, r — 155 kc/s — As 16 e 30: 3.º e 4.º actos da ópera «Os Contos de Hoffmann»; 18: Música do século XX — Obras de Bela Bartók; 19: Horizonte, semanário de letras e artes 9 e 30: Folclore português — música da Beira-Baixa e da Beira-Alta, recolhida por Artur Santos (Gravações cedidas pela BBC); 19 e 45: O pianista Erwin Lászlo na execução de obras de Sibelius; 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Música Sinfónica; 20 e 30: Concerto pelo Coro-Bach de Lisboa, sob a direcção de Pierre Salzmann, realizado na Igreja Evangélica Alemã e preenchido com obras de Schütz. Cinco Motetes (Henrich Schütz); 20 e 49: Album-Sonata em Lá Bemol maior (Wagner); 21: Concerto em dó maior, K. 299, para flauta, harpa e orquestra (Mozart); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista e compositor Eurico Tomás de Lima; 22 e 11: Abertura da ópera «As Vésperas Sicilianas» (Verdi) — Orquestra Sinfónica de Viena dirigida por Wilhelm Leibner; 22 e 20: Poemas sinfónicos

3.º Programa — Cultura em MF 2) — 94,3 mc/s — As 23: Música de piano — Fantasia opus 17, em dó maior (Schumann) por Géza Ando; 23 e 30: Concerto pela Orquestra Nacional de Radio-difusão-Televsão Francesa; 0 e 35: Sonata em M maior, BWV 1035 para flauta continuo (J. S. Bach); 1.º Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande Roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário Rural 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 58: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 23 e 08: Grande Roda; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbio-oc; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 05: Rádio Pícaro; 20 e 20: Norte da a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 10: Orquestra; 21 e 15: Sô-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 03: O Sonho; 22 e 15: Hoje é vedeta...; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Canções da Itália; 18 e 30: Terço e Bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: A orquestra de Augusto Algueiró; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2: Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30.

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Vamos jogar no Totobola; 20 e 55: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema; 23 e 45: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º Programa — As 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Recital pelo pianista Jacques Genty; 22 e 15: Tom Sawyer; 22 e 40: Variedades; 23 e 30: Telejornal e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — 1.º Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Quarto dos Brinquedos; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 25: Cartaz TV; 20 e 50: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: «As Nossas Queridas Mulheres»; 22 e 20: História da Música, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 50: High Chaparral — «A Vacação»; 23 e 45: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º Programa — As 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Noite de Teatro — «As Primeiras Cerejas do Ano», de Salvatore di Giacomo; (Apresentado no 1.º Programa no dia 8 de Janeiro às 22 e 20). 22 e 35: TV Mundo — Clark Gable (Apresentado no 1.º Programa em 5-1-69 às 19 e 50; 23 e 30: Telejornal e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

TV
dia a dia

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA:

«O CADILLAC
DE OIRO»

EM «NOITE DE CINEMA», que a R. T. P. apresenta pelas 21 e 55, hoje há comédia, uma comédia de êxito de alguns anos atrás. Trata-se do filme «Cadillac de Ouro» com actores Judy Hollyday, Paul Douglas, Fred Clark e John Williams.

É uma divertida e mordaz comédia que nos apresenta a organização das «grandes empresas norte-americanas» e devassa alguns dos seus problemas. Gangsterismo e bom-humor, um contraste flagrante que poucos filmes conseguiram atingir com o êxito deste «Cadillac de Ouro» do realizador Richard Quine, expressivamente assinalado ao tempo da sua estreia nos grandes «ecrans».



JUDY HOLLYDAY é uma das intérpretes — excelente intérprete — de «O Cadillac de ouro»

«AS NOSSAS
QUERIDAS
MULHERES»:EVA EM
S. TROPEZ

NO TEMPO que corre presentemente, é um prazer recordar o Verão. Assim, na série de filmes que vêm sendo exibidos com Michelle Presle e Daniel Gélín — Eva e Pedro — casal burguês de «As nossas queridas mulheres», que logo pelas 21 e 55 se deslocam à célebre estância francesa de Saint-Tropez.

Mas, mesmo lá, Eva tem os seus problemas...

2.º PROGRAMA

Recital de piano, «As aventuras de Tom Sawyer» e «music-hall» italiano

O PIANISTA JACQUES GENTY dará, pelas 21 e 50, um recital, cujo programa, gravado nos estúdios do Lumiar, foi realizado pelo dr. Jorge Lis-topad.

O emissor VHF, de Lisboa, inclui ainda na sua emissão de hoje a reposição do 6.º episódio da série juvenil «As aventuras de Tom Sawyer», com Roland Demongeot e Mau di Napoli nos principais papéis. O referido episódio será exibido pelas 22 e 15.

Seguir-se-á, cerca das 22 e 40, também em repetição, o programa musical produzido pela Radiotelevisão italiana «Sábado à noite», com alguns dos nomes mais famosos dos «music-hall» italiano.

É imperioso chegar-se a uma solução

(já apresentada há meses, aliás)

quanto às transmissões pela TV
dos jogos oficiais de futebol—diz-nos Alves
dos Santos(Jornalista e comentador
desportivo)

ALVES DOS SANTOS: a paixão pelo futebol vem da meninice

Uma vida dedicada ao jornalismo e ao desporto, um figura popular, mesmo entre aqueles que só sabem ver futebol pela televisão. É Alves dos Santos. — Porque gosta do futebol?

— O futebol é o meu desporto favorito desde sempre. Tinha 10 anos quando vi aquele que foi o meu primeiro ídolo: Jorge Vieira. Daí por diante, a par de estudar, lia tudo quanto se escrevia sobre futebol.

(Continua na 24.ª página)



DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM

Andares de 2 a 10 divisões ou em apartamentos, mobilados no centro da Amadora, na Reboleira, na Venda Nova e em Paço d'Arcos

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125\$00 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.

Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente. Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização. Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670.

AZULEJOS

AZULEJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DESDE \$55 E 1\$50

Preços sem concorrência em Banheiras de chapa esmaltada e ferro fundido (esmaltados) Cerâmicos sanitários, ferragens, ferramentas, tintas e drogas.

Distribuidores para os Distritos de Lisboa e Setúbal dos produtos da Fábrica Valverde da Marinha Grande, tais como, painéis, portas extensíveis, plásticos cancelados para revestimentos e decoração de lambrins e tectos em estabelecimentos e salas.

Queluz — Rua D. Maria I, 30 — Tel. 952021/22.

Amadora — Praça Padre Eduardo Ferreira do Amaral n.º 3 A — Tel. 934005.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

no puro reino da ficção, da invenção pura e simples.

Tal foi o que sucedeu ontem. O comportamento ambíguo dos dois amigos que dormem juntos e tomam o pequeno almoço na cama; o banho colectivo na piscina de plástico; a limpeza da casa antes do regresso de Júlia — tudo isso reflectiu, talvez, mais do que uma realidade: reflectiu, talvez, o desejo de uma realidade. O pequeno burguês sonha aproximar-se do médio burguês e este esforça-se por atingir os privilégios do burguês «tubarão». A piscina de plástico é a «aproximação» na lotaria da distribuição da fortuna. «Parce que estamos em Hollywood...» diz, a certa altura, o marido de Eva.

De qualquer modo, a média burguesia francesa pro-

vou-nos, ontem, que pode, também, ter as suas orgias romanas, mas, enfim, faz-se o que se pode...

Existiu, ainda, gritante e implicitamente no episódio de ontem, uma saudade do paraíso perdido, ah, como tudo seria bom se não fossem as mulheres, a gente cá se arranjava, etc...

Esta americanice que vem de Paris encontra-se tão longe da nossa maneira de ser e de viver como as americanices que vêm da América. Uma série nascida para fazer rir, em França, só consegue fazer chorar fora dela: chorar de pena por mais uma ilusão que morre: a ilusão da «douce France».

MÚSICA

A Checoslováquia, como todos muitíssimo bem sa-

bem, está na berra. Na última, Fica bem falar-se da Checoslováquia, por tudo e por nada, nas esquerdas e nas direitas ainda que, nem de um lado nem de outro, se saiba com exactidão o porquê do que lá se passou ou passa.

Aquele país esteve ontem presente na Televisão portuguesa por intermédio de um trio que tocou Dvorák. A realização ficou a cargo de outro checo radicado há anos em Portugal: Jorge Listopad.

Ouvir música é, por vezes, mais agradável do que ouvir falar de política. Não pretendo com isto dizer que a actividade musical seja independente da política, dado que política é tudo, mesmo o que não é política.

Desconhecemos totalmente a personalidade do «curriculum» do trio. Por tão pouca sorte a Televisão nada nos disse sobre o assunto. Apenas nos foi dado ler os seus nomes, com todos os inconvenientes que derivam de uma leitura complicada, no insólito das suas consoantes e de signos para nós totalmente estranhos. E era tão fácil, com Listopad ali à mão...

Mas Dvorák vale sempre a pena. E vale a pena ver o entusiasmo que os artistas põem na interpretação. Como valeu a pena assistir ao trabalho de Jorge Listopad que, inteligentemente, soube jogar com a verdade do grupo e com a verdade de cada participante.

Enfim, pela música todos se entendem. É o grande poder da arte, não?

M. C.

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS



Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.

Telefs.: 72 76 54 - 72 49 75 LISBOA

DINHEIRO

PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS Juros de tel RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL R. CONDE REDONDO, 14-2º TELEFNS. 52248-556580

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha Rua Nova do Almada, 64 LISBOA

MOSCAVIDE

OPORTUNIDADE ÚNICA

Motivo de partilhas, vende-se prédio de construção em cimento armado, revestido a evinil, composto de 1.º/2.º e 3.º andar, 2 inq. por piso, habitaç. de 4 divisões. RENDE 88 200\$00. Alugado com rendas baixas. PREÇO 1450 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

COMUNICADO

A Cerâmica da Madalena comunica que acaba de remodelar toda a sua unidade industrial especialmente no fabrico de azulejos, à base da Técnica Italiana, equipando-se com maquinismos e fornos ultramodernos que lhe permitem o fabrico de produtos de alta qualidade.

É distribuidora exclusiva desta fábrica para os Distritos de Lisboa e Setúbal, de Azulejos e Loijas Sanitárias, a organização J. Pimenta, com estabelecimentos em Amadora e Queluz

Futebol pela TV

(Continuação da pág. anterior)

Aos 15 anos comecei a trabalhar em jornais, mas só a partir dos 17 passei «também» a escrever sobre desporto em geral e futebol em especial.

Alves dos Santos trabalhou no «Jornal de Sports», do Porto, «A Bola», «Record» e, actualmente, é o chefe dos serviços redactoriais da delegação em Lisboa do nosso prezado colega «O Comércio do Porto».

— Qual a equipa do futebol mundial que mais o impressionou?

— Sem dúvida, a do Real Madrid dos tempos áureos.

— Que pensa do público perante o futebol?

— O público procura no futebol, ou sente perante o futebol, desporto competitivo, o veículo de descarga dos seus impulsos agressivos; de tensões acumuladas por frustrações de várias espécies e ordem, ou, até, pela sua necessidade de «competir» de fora para dentro do campo de luta, através da sua paixão clubista. O futebol como espectáculo pago enriqueceu-se como tal, como espectáculo, mas empobreceu-se como desporto na sua fun-

ção educativa e firmativa de caracteres. Por isso mesmo, parece-nos, o «mal» terá de ser combatido à custa de uma persistente campanha educativa junto dos jovens, formando-os desportivamente desde bem cedo por forma a que possam tomar parte, praticando ou vendo, em manifestações competitivas com espírito «amadorista».

— Concorda com as transmissões directas dos jogos de futebol?

— As transmissões directas dos jogos de futebol foram um problema durante anos em toda a parte do mundo. Mas o problema resolveu-se lá fora. Aqui, na nossa terra, é imperioso chegar também a uma solução, apresentada até já há meses. Tudo leva o seu tempo, ainda que creia que em nenhuma parte do mundo se tivesse levado tanto como por cá.

E sem solução, acrescentamos nova pergunta:

— Qual a frase que mais lhe ocorre ao pensamento?

— Esta frase do escritor Albert Camus: «Aquilo que sei de mais seguro sobre a moral e as obrigações dos homens, devo-o ao futebol».

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

CÂNDIDA EMÍLIA SOARES VIEIRA DE SOUSA TORRES

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Manuel Henrique de Sousa Torres, Manuel Henrique Vieira de Sousa Torres e sua mulher, José Alfredo Vieira de Sousa Torres (ausente em Moçambique), Lucília Vieira de Sampaio e filhos, Ilda Lucinda Soares Vieira de Mendonça Carvalho e filhos, Maria Isabel Vieira Crisóstomo e filhos e mais família, participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença a sua muito querida Mulher, Mãe, Sogra, Irmã, Tia, Cunhada e parente, e que o funeral se realiza amanhã às 10.30 horas, da Igreja de Santo Condestável, para o cemitério da Ajuda.

P. N. A. M.

AGENCIA BARATA

D. HILDA DE CASTRO

GOMES ORAM

FALECEU

William Lawrence Oram, mulher e filha, Marjorie Gladys Oram e filhos, Antónia de Castro Gomes Costa e marido, sobrinhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida extremosa mãe, sogra, avó, irmã e tia e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, no cemitério inglês.

AGENCIA MEGA

DES POR TO

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Braga-Belenenses	X
Setubal-Benfica	X
Sanjoanense-Porto	X
Leixões-Académica	1
Varzim-C. U. F.	1
Atlético-Guimarães	X
Salgueiros-Tirsense	X
Tramagal-Boavista	2
Alhandra-Peniche	1
Almada-Sintrense	2
Lusitano-Seixal	1
Montijo-Luso	1
Oriental-Sesimbra	1

ONTEM À NOITE EM CARACAS

O Sporting venceu

o Deportivo Português (3-2)

• Dois golos de José Moraes e um de Pedras

CARACAS, 16 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — A equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal venceu a do Deportivo Português, da Venezuela, por 3-2, num encontro particular efectuado ontem à noite no Estádio Olímpico da Cidade Universitária, em Caracas. Os golos foram marcados pelo brasileiro José Moraes (aos 27 e aos 70 minutos), e por Pedras, aos 33. Os tentos do Deportivo Português, foram marcados por Lima ao primeiro minuto do jogo e aos 88 minutos.

Ao intervalo o Sporting ganhava já por 2-1.

As equipas alinharam:

SPORTING — Damas; Celestino, Armando, José Carlos e Pedro Gomes; Gonçalves e Pedras; Chico, Lourenço, José Moraes e Máximo.

D. PORTUGUÊS — Pompeia; Benítez, Valência, L. Carlos e Pedro; Paucar e Garrinchinha; Marcano, Lima, Ulloa e Salcedo.

O jogo decorreu com animação, sobressaindo a superior técnica dos jogadores sportingistas.

Ernesto e Hilário: lesionados a longo prazo

Nota-se, na formação apresentada pelo técnico Mário Lino, a ausência do dianteiro Ernesto e do defesa-lateral Hilário, que, lesionados, não puderam dar o seu contributo ao Sporting. Aliás, o caso de Hilário preocupa Mário Lino, porquanto o lateral esquerdo dos «leões» (que fizera a viagem à Venezuela em precárias condições físicas) res-sentiu-se da lesão anterior e não deve estar em condições de enfrentar o União de Tomar, no jogo de Alvalade que conta para o «Nacional».

Quanto a Ernesto, julga o massagista Manuel Marques que dentro de dez dias possa retomar os treinos: o que, igualmente, desde já é afasta do «team» que «irá pelo frente» o grupo orientado por Teixeira.

Um êxito amorfo

No «conce» do Deportivo alinha um antigo jogador português, o médio Dan el que, com a camisola listada do Sporting de Espinho, atingiu o primeiro golo na competição da 2.ª Divisão de Portugal.

Como já dissemos, o jogo acabou por se revelar uma agradável partida de futebol, com o Sporting a tentar recuperar o mau juízo do sábado, a respeito da sua capacidade e o grupo local a esboçar toda a gama dos seus recursos (e o máximo da sua coragem) no sentido de vencer um «conce» constante na tradição do futebol português.

Até a hora em que estubo a acompanhar a ligação com Lisboa, não está decidido sobre a próxima exibição do Sporting Clube de Portugal. Porém, tudo leva a crer que o «leão» verde-branco enfrente o Deportivo Itália, na noite de sábado. A ser assim, a comitiva de Alvalade só regressará a Lisboa no próximo domingo, muito provavelmente depois de ter feito escala no aeroporto de Nova York.

E conclusão: o Sporting conseguiu um resultado favorável mas o seu adversário (por inferior valia técnica e acentuada «ruidaria» dos seus elementos) nada acrescenta ao prestígio e ao «palmarés» do «conce» de Alvalade.

Os jogos de ontem das provas europeias

LONDRES, 16 — (A.N.I.) — Resultados dos jogos disputados ontem para diversas competições europeias:

Taça das Taças — Quartos-de-final (primeira «mão»): em Dunfermline — Dunfermline (Escócia) — West Bromwich (Inglaterra), 0-0.

Taça das Cidades com Feira — Terceira eliminatória (primeira «mão»): em Amesterdão — D.V.S. de Amesterdão (Holanda) — Rangers (Escócia), 0-2; (segunda «mão»): em Edimburgo — Hibernian (Escócia) — Hamburger SV (Alemanha Federal), 2-1, (o Hamburger qualificou-se para os quartos-de-final); em Newcastle — (Newcastle (Inglaterra) — Saragoça (Espanha), 2-1, (o Newcastle qualificou-se para os quartos-de-final).



JOSÉ MORAIS

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL — Resultados dos jogos do Campeonato Regional de Reservas, ontem, à noite, disputados: Passos Manuel-Técnico, 23-22; e Campo de Ourique-Belenenses, 25-19.

BASQUETEBOLE — Nos jogos da Zona Sul, respeitantes ao Campeonato Nacional Metropolitano Feminino, observaram-se os seguintes resultados: Benfica-Encarnação, 50-34; C. U. F. Nacional, 35-23; e C. I. F. Vitória de Setubal, 37-25.

ESGRIMA — Numa cerimónia que se realizou ontem, à noite, na respectiva Federação, tomaram posse os dirigentes daquele organismo eleitos em assembleia geral de 27 de Setembro último.

NO PORTO

ANDEBOL — Os campeonatos regionais de andebol de sete da Associação portuguesa continuaram, ontem, a disputar-se com os jogos pertinentes à antepenúltima jornada na categoria de juniores e seniores da 1.ª Divisão. O F. C. Porto triunfou em ambas as categorias, assegurando a conquista dos respectivos títulos.

Resultados dos jogos efectuados — 1.ª Divisão: C. D. U. P. 29-Palhoense, 11; Leça 18 F. C. Porto, 21; juniores: 7; Boavista, 12-Gaia, 15; e F. C. Porto, 33-Paroquial, 4.

ASSEMBLEIA GERAL — Na assembleia geral ordinária ontem efectuada na sede da Académica de Espinho, foi decidido que o ginásio espinhense passasse a denominar-se de «Pavilhão Leão».

JOSÉ JOÃO GUERREIRO

venceu o torneio de infantis de Faro

O torneio de infantis de Faro, para a categoria de 11 anos, promovido pela Associação de Faro, daquela cidade, foi ganho por João José Santos Guerreiro, do Nautico do Guadiana. Em 2.º lugar classificou-se Gabriel Guerreiro, do Faro e Benfica, seguido de Vítor Manuel Vicente, do Nautico do Guadiana.

Provas do Mundial de Condutores (Fórmula 1) em 1969

1 de Março — G. P. da África do Sul.
1 de Maio — G. P. de Espanha.
18 de Maio — G. P. de Mônaco.
8 de Junho — G. P. da Bélgica.
22 de Junho — G. P. da Holanda.
19 de Julho — G. P. da Inglaterra.
3 de Agosto — G. P. da Alemanha.
7 de Setembro — G. P. de Itália.
21 de Setembro — G. P. do Canadá.
5 de Outubro — G. P. dos Estados Unidos.
2 de Novembro — G. P. do México.

Reis». Naquela reunião foram aprovados o relatório e contas da gerência anterior. Os novos corpos gerentes foram, também, eleitos, tendo sido indicados para presidir os seguintes nomes: **assembleia geral** — Dr. Joaquim Pinto Moreira da Costa; **directão** — Arq. Jerónimo Ferreira Reis; **conselho fiscal** — António Ferreira Gaio.

HOJE À NOITE

BOL — No Pavilhão do Campo de Ourique, Jogos do Campeonato de Lisboa da I Divisão: Madre de Deus-Almada, às 20 e 30; Passos Manuel-Técnico, às 21 e 45; e Campo de Ourique-Belenenses, às 23 horas.

— No Pavilhão da Ajuda, Jogos do Campeonato de Lisboa da II Divisão: C.D.U.L. Encarnação, às 20 e 30; C.N. O.C.A.-Casa P.A., às 21 e 45; e Oriental-Cova da Piedade, às 23 horas.

— No Pavilhão do Campo de Ourique, Jogos do Campeonato de Lisboa de Juniores: Benfica-C.I.F., às 19 e 20.

BASQUETEBOLE — No Pavilhão da Ajuda, Jogos do Campeonato Nacional Feminino da II Divisão: Ferroviários-Sporting, às 21 e 15; e Atlético-C.D.U.L., às 22 e 15.

— Campeonato de Lisboa da II Divisão: Quiluz-Rio Seco, em Quiluz, às 21 e 30; e Sporting de Torres-Mar-a-Pa, em Torres Vedras, às 22 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa de Seniores: I Divisão: Avila-Belenenses, Paço de Arcos-Sporting, G.I.P.A.-Intendente e Centro Católico-Benfica.

II Divisão: Amoreiras-Lisboa, Arte e Sport-Armadorense, Rodrigues Cordeiro-Académica da Amadora e Comandos-Arcos.

III Divisão: Económicos-S. L. Aguiar, Atlético do Cam-de-Desp. Ovarino, Moscavide-Mirandense e Estrela da Amadora-Reconstrução Apolo.

Promocão: Arraio-Cmentios Tejo, Casa Pia-Carregado, Deep, da Graça-Andorinha e Mem Martins-Clube Badminton.

VOLEIBOL — No Ginásio da Faculdade de Ciências, Jogos do Campeonato de Lisboa de Seniores: Faculdade de Ciências-Moscavide, às 22 horas (honra) e às 23 horas (reserva).

— Campeonato de Lisboa de Juvenis, Nacional de Ginástica-Benfica-A, em Oeiras, às 21 e 30.

NO PORTO

BILHAR — Campeonato Regional de 2.ª Categoria (uma tabela): jogos a partir das 21 horas, na sala do Café Astória.

FUTEBOL — Campeonato Distrital de Amadores da A. F. do Porto: Paraíso da Foz-Núcleo de Vilar, no campo do Ramaldense, às 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional de Juniores: C. P. N. C. D. U. P., Portuense Desporto-São Roque, F. C. do Porto-Mocidade e Cultural das Antas-Arvim-negro. Jogos nas salas dos primeiros, a partir das 21 e 30.

UM ADVERSÁRIO DE PORTUGAL EM WEMBLEY

A ROMÉNIA EMPATOU COM A INGLATERRA (1-1)

• O escasso poder de remate dos ingleses realçou (ainda mais) a coesão da defesa romena

A equipa da Roménia (adversária de Portugal na fase preliminar do Campeonato do Mundo de Futebol) conseguiu ontem a proeza de empatar a um golo em Wembley com a Inglaterra, num jogo amistoso em que os ingleses dominaram territorialmente em quase todo o desafio.

Todavia a excelente organização defensiva dos romenos aliada a uma flagrantemente incapacidade dos visitantes para concretizar os lances gizados na grande área adversária, justifica plenamente a igualdade.

Essa insuficiência ofensiva foi, de resto, a nota gritante do desafio. Os avançados ingleses raramente encontraram o momento exacto para o remate, mostrando-se timoratos e particularmente ineficazes. E de tal modo se sa-

lientou essa inoperância que o tento obtido pelos insulares foi obra de uma defesa, Jackie Charlton que concluiu de cabeça um canto marcado por Ball. O poderoso defesa inglês foi na verdade a figura destacada do jogo, pois para além do golo obtido esteve também na origem do tento dos romenos obtido na conversão de uma grande penalidade por ele provocada.

Mas para além desse mau labor dos ingleses, merece uma palavra de elogio o comportamento dos romenos. Serenos e firmes na cobertura da sua baliza, os visitantes jamais se impressionaram com a pressão territorial a que foram submetidos.

Revelando invulgar espírito de entreajuda e uma lucidez na neutralização dos avançados contrários, toda a equipa romena fez «vincar» ainda mais a descrença dos ingleses nos seus méritos de rematadores.

Quanto aos problemas criados aos defensores ingleses temos de convir que foram realmente muito poucos uma vez que os romenos foram pouco audaciosos. Apenas o extremo-esquerdo Leccescu obrigou Wright a passar alguns maus bocados o que provocou, por vezes, a oscilação do sector defensivo inglês. Esse facto, porém, não trouxe consequências de maior, dadas as poucas ambições ofensivas dos visitantes.

Sob a arbitragem do galês Jim Calloghan, as equipas apresentaram:

Inglaterra — Banks; Wright, J. Charlton, Hunter e McNabb; Stiles e B. Charlton; Radford, Hunt, Hurst e Ball.

Roménia — Gornea; Stamenareanu, Boc, Dinu e Deleanu; Anca e Nunweiler; Dembrarschi, Domide, Dumitrache e Leccescu.

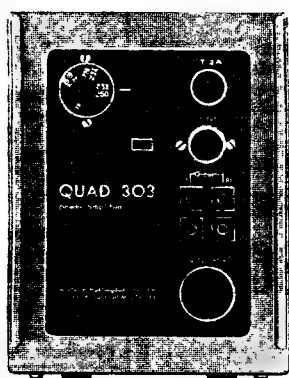
Os golos foram obtidos aos 27 e 74 minutos por Jackie Charlton, pela Inglaterra, e Dumitrache, pela Roménia.

ACOUSTICAL

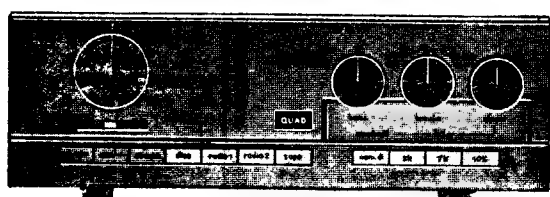
QUAD for the closest approach to the original sound

*NOVO!

CONJUNTO ESTEREOFONICO
TOTALMENTE TRANSISTORIZADO
33- Unidade de controle / 303- Unidade de potência



Os fabricantes do melhor amplificador do mundo para fins profissionais e cadeias de alta fidelidade apresentam a nova versão **QUAD** 2x40 watts (8 ohms) Distorsão a nível máximo: 0,03%!



Peca uma demonstração aos
PROFISSIONAIS DO SOM
ALENTIM DE CARVALHO
COMERCIO E INDUSTRIA, S.A.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95, 87-LISBOA
Telex: VADECA — R. de S. de Antónia, 219 — PORTO



Dick Fosbury já tem uma discípula em Portugal: a filha do antigo campeão benfiquista Fernando de Matos Fernandes que ontem, no Pavilhão Universitário, saltou 1,47 metros utilizando o estilo do sensacional campeão olímpico. Eis Fátima de Matos Fernandes na passagem da fasquia

NO PAVILHÃO UNIVERSITÁRIO

CINCO «RECORDS» NACIONAIS NO TORNEIO EM PISTA COBERTA

Promovido pela Associação de Atletismo de Lisboa, disputou-se, ontem, à noite no Pavilhão do Estádio Universitário, o primeiro torneio da temporada de pista coberta, e no qual participou mais de meia centena de atletas em representação do Sporting, Benfica, Belenenses, Universitário, Vitória de Setúbal e Atlético de Moscavide.

Nesta primeira competição — a Associação organizará ainda mais três provas de pista coberta — foram já batidos cinco «records».

Eis os seus autores: 500 m — (Juniões) — Amélia Carrico (Vit. Set.), 1m 27 s.; Altura — (Juniões e Seniores) — Maria de Fátima Fernandes (Bf.), 1,43 m (absoluto); Comprimento — (Seniores) — Faria Rodrigues (Sp.), 6,28 m; Comprimento (Juniões) — José Singéis (Bel.), 6,12 m.

Para um primeiro ensaio a sessão foi excelente. Isto é, os atletas revelaram o seu interesse por estas competições e demonstraram, sobretudo, que estão na firme disposição de se prepararem intensamente para as grandes competições oficiais em pista ao ar livre.

Não há dúvida, que os cinco «records» são uma afirmação perene da vitalidade da modalidade.

Apresentaram-se assim, em boa forma a setubalense Amélia Carrico (500 metros), que arrebatou o máximo a Fernando Pinto (Bf.), que desde 1967 se fizera em 1 m. 30,5 s.; a benfiquista Maria Fátima Fernandes, foi, sem dúvida, a atleta da noite, pois só a sua parte quedou-se com dois «records» — o da sua categoria (juniões) e o absoluto, no salto em altura com 1,43 metros.

Os anteriores máximos pertenciam: o de juniores já estava de sua posse desde o ano passado, com 1,40 metros e o de seniores a ultramarina Kathleen Binda (F.B.), com 1,42 m desde 1968.

Outra surpresa da noite foi-nos dada pelo juvenil do Belenenses José Singéis, com um pulo de 6,12 m que pode valer em pista ao ar livre 6,60 m. Também no salto em comprimento, Faria Rodrigues (Spt.), melhorou o máximo de seniores, para 6,82 m. O anterior «record» pertencia ao benfiquista Rogério Soromenho, com 6,75 m obtido em Madrid o ano passado.

Nas suas actuações saltaram-se ainda: Umbelina Nunes (Benf.), 7,2 s. nos 50

m (ficou a 2/10 do «record» que lhe pertence) e Adelaide Marques do Vit. de Setúbal (7,2 s.).

Nas provas masculinas, Artur Pinto (Benf.), que tem vindo a fazer uma época de corta-mato com grande poder, ganhou muito bem os 50 m (6,6 s.) ficando a 3/10 s.

Fátima Matos Fernandes passou 1,47 m em altura: «record» absoluto

do máximo que pertence a Fernando Silva (U.), com 6,3 s. desde 1967.

António Fonseca e Silva (Bf.) — um dos melhores «sprinters» da actualidade — apareceu com poder, como se pode depreender dos 5,9 s. nos 50 m e que fica a 1/10 s. do seu «record» nacional.

Os lançadores de peso Carlos Aguiar e Ricardo Mota, ambos do Sporting, venceram as provas de seniores e de juniores, mas com marcas frías. Não alcançaram sequer os 12,50 m.

O mesmo podemos dizer dos saltadores com vara — Manuel dos Santos (Benf.) e Raposo Borges (Sp.), que fizeram respectivamente, 3,80 e 3,30 m.

Na categoria de juvenis, os «encarnados» contam com uma futura «estrela» — Luís Silva, que, nos 700 metros,



O sportinguista Faria Rodrigues: 6 metros e 82 centímetros no salto em comprimento

roçou o «record» nacional (1 m. 50,8 s. contra 1 m. 49,9 s.), que pertence a Abílio Nunes, também do Benfica, desde 1967.

Finalmente, a equipa do Benfica dominou a estafeta 4x3x2x1 volta, obtendo a marca de 3 m. 39,8 s., contra 3 m. 36,4 s., que é «record» nacional desde 1967, e de posse do conjunto Carlos Tavares, Barceló de Carvalho, Mena Antunes e Manuel Andrade.

Eis os resultados técnicos: 50 metros (Juniões femininos) — 1.ª série: Umbelina Nunes (Bf.), 7,2 s.; 2.ª série: Adelaide Marques (Vit. Set.), 7,2 s.

500 metros (juniões femininos) — Amélia Carrico (Vit.), 1 m. 27 s.

400 metros (juniões e seniores femininos) — Eduarda Cruz (Sp.), 1 m. 2 s.

Altura (juniões e seniores femininos) — Maria Fátima Fernandes (Bf.), 1,43 m.

500 metros (iniciados) — Artur Pinto (Bf.), 6,6 s.

Comprimento (seniores) — Faria Rodrigues (Sp.), 6,82 m; (juniões) — José Silva (Bel.), 5,71 m; (juvenis) — José Singéis (Bel.), 6,12 m.

50 metros (juniões) — António Silva (Bf.), 5,9 s.

Peso — (seniores) Carlos Aguiar (Sp.), 12,26 m.; (juniões) Ricardo Mota (Sp.), 12,14 m.

Vara — Manuel dos Santos (Bf.), 3,80 m.; (juniões) — Raposo Borges (Sp.), 3,30 m.

700 m (juvenis) — Luís Silva (Bf.), 1 m. 50,8 s.

Estafeta 4x3x2x1 volta — Benfica, 3 m. 39,8 s.

VOLEIBOL

VITÓRIA DO TÉCNICO SOBRE O LISBOA GINÁSIO

Principou ontem, no Ginásio do L. S. Técnico, a 2.ª volta da série A do Campeonato de Lisboa de Voleibol, em seniores.

O Técnico venceu o L. Ginásio, por 3-0 (15-4; 15-8; 15-5) e, sob a direcção de Fernando Alves e João Veiga, as equipas apresentaram:

TÉCNICO — André Mendes, Wellington Fernandes, Raul Carrejo Carlos Canas, Pina Gil, Costa Reis, Luís Brinz e António Correia.

L. GINÁSIO — Casal Ribeiro, Joaquim Azevedo, Fernando Simões, Armando Jerónimo, Fernando Boletto e Rodrigo de Carvalho.

Superioridade absoluta do Técnico, que, mesmo sem ter efectuado uma boa partida, constituiu, sem dúvida, a melhor formação.

O L. Ginásio melhorou bastante em relação aos últimos jogos, mas ainda sem atingir aquilo que está ao seu alcance, revelando o seu ataque carência de força.

Em «reservas», o Técnico também venceu, mas por 3-1 (15-7; 12-15; 15-13; 17-15).

Para o campeonato de juniores, o Benfica venceu o C. D. U. L., por 3-0 (15-12; 15-13; 15-12).

Assentes as datas do Técnico-P. U. C.

Em virtude do atraso na decisão da Direcção-Geral dos Desportos quanto à atribuição do título de campeão nacional de voleibol da época passada, o Técnico solicitou o adiamento dos encontros referentes à primeira elimi-

natória da Taça dos Campeões Europeus de Voleibol. Assim, o Paris Universit Club, próximo adversário dos campeões portugueses, aceitou o adiamento e ficou decidido que o jogo da 1.ª mão se realizará em Lisboa, no próximo dia 26, jogando o Técnico em Paris, no dia 1 de Fevereiro.

Novos corpos gerentes do Illiabum Clube

ILHAVO, 16 — Sob a presidência do sr. dr. Amílcar de Castro, reuniu-se a assembleia geral do Illiabum Clube para discussão e aprovação das contas da gerência de 1968 e eleição dos novos corpos gerentes para 1969.

Depois de aprovadas as contas, procedeu-se à eleição, tendo sido eleitos presidentes da assembleia geral, conselho fiscal e direcção, respectivamente, os srs. eng.º José Manuel Bastos Cachim, José da Velha e eng.º João Seros Fonseca.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSOS PARA O ANO DE 1969

Material de Sutura Conc. Público n.º 33/69

Material de Osteossíntese Conc. Público n.º 34/69

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados (das 9 às 12,30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1969. O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Manuel Brioso Pina de Jesus

CARREIRA LISBOA-PORTIMÃO

A Empresa «BELOS» — comunica que a partir de 19 do corrente a carreira que explorava entre BARREIRO (Est.)-PORTIMÃO, será substituída pela carreira LISBOA-PORTIMÃO, com partida de Alcântara — Centro de Coordenação Norte.

Os Srs. Passageiros provenientes de Barreiro (Est.), Barreiro, Lavradio, Alhos Vedros, Moita, Olhos de Água e Vale de Touro, terão ligação em PALMELA com a nova carreira LISBOA-PORTIMÃO.

APARTAMENTOS NO CENTRO DE CASCAIS

(JUNTO À ESTAÇÃO C. F. E PRAIA)

Apartamentos de luxo, em construção na Avenida Valbom, junto da Estação e das Praias, c/ 2 e 3 assoalhadas, em edifício de luxo c/ galeria comercial e aparcamento para automóveis

Proprietária: BARAONA & BARAONA, LDA.

ESTRADA MARGINAL, LOTE JME - 2.º C

(por cima do supermercado)

Telefs.: 282345 - 282388 - 283792 — CASCAIS

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — «LE VIOL» — O DESCONHECIDO DESEJADO
— ESTUDIO 444
— O MARIDO É MEU MATO-O QUANDO ME APETECER — ROMA

IMPÉRIO

(M. 12 anos) Tel. 555134
 As 15.15 e 21.30
 2.ª SEMANA

Technicolor — Franscope
 Um filme de Edward Dmytryk
BRIGITTE BARDOT E SEAN CONNERY em
SHALAKO

ESTÚDIO

(M. 12 anos)
 As 15.30, 18.30 e 21.45
 2.ª SEMANA

Um filme de Joseph Mankiewicz, com Marlon Brando, Deborah Kerr, James Mason e Greer Garson
JÚLIO CÉSAR

CONDES

Telefa. 32 25 23 - 32 67 10
 (Adultos)
 As 15.15, 18.30 e 21.30

O amor desvarado de uma mulher no outono da vida e o egoísmo atroz de um jovem que a desdenha!

24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER
 com Danielle Darrieux e Robert Hoffmann

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
 As 15 e 21.30
 4.ª SEMANA

70 mm — no «ecran» gigante
AS SANDALIAS DO PESCADOR
 com Anthony Quinn, Oskar Werner e Sir Laurence Olivier

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
 As 21.45 — ESTREIA

A comédia das situações incríveis!

com Catherine Spaak e Hugh Griffith
O MARIDO É MEU MATO-O QUANDO ME APETECER
 TECHNICOLOR

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
 As 21 horas
ELA E OS SEUS MARIDOS LAÇOS ETERNOS

POLITEAMA

Tel. 32 63 05
 HOJE, 15.15 (p. r.) e 21.30
GRANDIOSO ÊXITO!

A arrojada proeza de um «comando» inglês para destruir uma base naval alemã
ATAQUE À MURALHA DO ATLÂNTICO
 com Lloyd Bridges e Andrew Kevi

(Col.) (M. 12 anos)
 HOJE, 18.30 — SESSÃO CLASSICA, com Greta Garbo (Adultos)

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 5 05 95
 As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

UM FILME NOTÁVEL
 que criou uma fórmula nova de «suspense»

O ESTRANGULADOR DE BOSTON
 c/ Tony Curtis, Henry Fonda e George Kennedy

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
 As 15.30 e 21.45
 2.ª SEMANA

Um filme de Robert Hossein
COMO MATEI RASPUTINE
 com Kert Frobbe, Geraldine Chaplin, Robert Hossein e Ira Furstenberg
 Franscope — Eastmancolor

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
 As 15.15, 18.30 e 21.45
 5.ª SEMANA

CANTINFLAS no mais «explosivo» dos seus filmes
AS MINHAS PISTOLAS

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375
 As 21.30

ARMADILHA ISTAMBUL
 com Michel Constantin e Jean François Pordon

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
 As 21 horas
TODAS AS NOITES AS NOVE OS PRAZERES DE PENELOPE

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54754
 As 15.15, 18.15 e 21.30
 2.ª SEMANA

Um filme truculento, viril, actual
CAÇADORES DE ESCALPES
 com Burt Lancaster e Shelley Winters

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
 As 15.15, 18.30 e 21.30

Extraordinário filme de Paul Newman, candidato aos Oscars da Academia
RAQUEL, RAQUEL
 Uma mulher descobre o amor... com Joanne Woodward e Estrella Parsons

ODEON

Telef. 32 62 83
 As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

UM ÊXITO EXTRAORDINÁRIO COM CARMEN SEVILLA A GUERRILHEIRA
 A história dos trágicos dias de um povo que forjou nas ruas a sua glória mais sublime (Col.) (M. 12 anos)

LUMIAR

(M. 17 anos) Telef. 791574
 As 21.30 horas

ÓDIO QUE GEROU O AMOR
 c/ Sidney Poitier, Judy Gerson, Christian Roberts Suzy Kendall The Mindbeders

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
 As 15.15 e 21.30
 5.ª SEMANA

Real. Carol Reed
 com Ron Moody — Mark Lester Oliver Reed e Shany Wallis
OLIVER!
 70 mm — Technicolor

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
 As 21 h.

PETÚLIA

UM PRESIDENTE DE SAÍAS

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
 As 21 horas
AS FESTAS GALANTES
 c/ Jean-Pierre Cassel, Marie Dubois, Jean Richard e Geneviève Casile

ALVALADE

As 15.45 e 21.45
 (Adultos) Tel. 763080

2.ª SEMANA
 Extraordinário filme de Paul Newman
 com Joanne Woodward e Estrella Parsons
RAQUEL, RAQUEL

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779087
 Um filme de Jacques Daniel-Valeroze

LE VIOL — o desconhecido desejado
 com Bihi Andersson e Bruno Cremer
 EASTMANCOLOR

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
 As 15.15, 18.30 e 21.45
 4.ª SEMANA

O discutido filme de Charlie Chaplin

A CONDESSA DE HONG-KONG

com Sophia Loren e Marlon Brando
 TECHNICOLOR
 Metro: Picoas

LIDO

Tel. 93 75 93 AMADORA
 (M. 12 anos) As 21.30 h.

O ELOGIO DA PREGUIÇA

Atenção: Por motivos alheios à nossa vontade o filme «Laços Eternos» é transferido para os dias 5 e 6 de Fevereiro.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VASCO SANTANA — As 21 e 45: «Noite de Verão» (12 anos).
 TRINDADE — As 21 e 45: Sabina Freire (17 anos).
 CAPITÓLIO — As 21 e 45: «Tango» (17 anos).
 MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Grande Posta é o Zé» (17 anos).
 VARIEDADES — As 21 e 45: «O Amor 68» (17 anos).
 VILLARET — As 21 e 23: «A Pregaia» (17 anos).
 LAURA ALVES — As 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — As 21: «Golpe sobre golpe» (17 anos).
 PARIS — As 21: «Os Filhos do Leopardo» (12 anos).
 ROYAL — As 21: «Matar para não morrer» (12 anos).
 OLÍMPIA — As 19: «Os Cavaleiros do Terror» (12 anos).
 ARCO IRIS — As 21 e 30: «Rosto de Violência» (12 anos).
 JARDIM — As 21: «A Fera amansada» (12 anos).
 CINE-ORIENTE — As 21: «Passos na noite» (17 anos).
 SALÃO LISBOA — As 15: «7 Pietosas Magníficas» (12 anos).
 CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Queda mortal» (17 anos).
 ENCARNACÃO — As 21: «A Rapariga do Mal» (17 anos).
 UNIVERSAL — As 21: «3 Dentados na Moeda» (17 anos).
 SPORT LISBOA E BENFICA — As 21 e 15: «O Carrasco de Veneza» (12 anos).
 A VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «As duas faces do perigo» (12 anos).
 PROMOTORA — As 21: «Os 5 dragões de ouro» (17 anos).
 BOMB VOL. LOURES — As 21 e 30: «Enganei-me no número» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGES — STADIUM — As 21 e 15: «O regresso do Ídolo» (17 anos).
 OIRAS — OIRAS-CINE — As 21: «Sexta-feira 13» e «Belarmino» (17 anos).
 PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «Não façam ondas» e «A tentação do dinheiro» (17 anos).
 ESTORIL — CASINO — As 17 e às 21 e 30: «As festas galantes» (12 anos).
 CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Das Ardenas ao Inferno» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15: «As quatro bodas de Marisó» (17 anos) e «ACADEMIA» — As 21 e 15: «Cabeça de Martelo» (17 anos).
 TRAFARIA — PAVILHÃO-JARDIM — As 21 e 15: «Processo Quilens» e «Diga 33 1/2» (17 anos).
 COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 15: «O Carrasco de Londres» (17 anos).

Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — As 21: «O adeus às armas» (17 anos).
 DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «O homem de Oklahoma» (17 anos).
 VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «Chubasco» e «Agora ou nunca» (17 anos).
 AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Profissionais do crime» (17 anos).
 QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Madame X» e «Lorápias de alta roda» (17 anos).
 MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «A grande paródia» (12 anos).
 SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «A volta do pistoleiro» (12 anos).

RECINTOS DE DIVERSÕES

★ Encontra-se a actuar no restaurante «Tic-Tac», em Matosinhos, a artista Adriana Franco.
 ★ Conclui o seu contrato com o casino do Funchal, no próximo dia 26, o artista Nuno de Aguiar.
 ★ Tem actuado com bastante agrado em espectáculos nos arredores do Porto os artistas Manuela Moura e Neca Rafael.
 ★ Reaparece dentro de dias aos microfones da Emissora Nacional a cantora Ana Hortense.
 ★ Continua em S. Paulo a artista Estela Alves que deve regressar a Portugal antes de se instalar definitivamente em Toronto.

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno H

ALVALADE — Alvalade, Av. do Igreja, 18-A (712070) * Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (700465) * Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) * Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Água 710131).
 ALCANTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020).
 ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (840122) * São José, R. dos Anjos, 4 (50730).
 ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale 53 (842152).
 AREIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-E (72494) * Onildo, Av. João XXI, 13-A (726848).
 ARROIOS — Oriental de Lisboa Rua de Arroios, 215 (45079).
 AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (40592) * Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71 (47213) * Cordeiro, Av. Duque de Ávila, 32-C (43495).
 BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172).
 BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B. da Rua Marquês de Olhão, 7 (333800).
 BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. António, 88 (321211) * Unita, R. da Vitória, 21 (323793).
 BELÉM — Ocidental, R. D. Jerônimo Osório, 3 (610256).
 BENFICA — Benfita, Est. de Benfita 678-E (720532) * Sousa, Est. Benfita, 429-431 (780027).
 CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 38 (774682).
 CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Franc. Metraes, 59 (663349) * Ivone, R. Silva Carvalhal, 232-C (650760).
 CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 7 (680304).
 CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780181).
 CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C. de Redondo, 9-A (44158).
 ESTRELA — LAPA — Paiva & Parente, R. de St. António 4 Estrela, 96-98 (665196) * S. A. E. Silvas, Filhos, R. de S. João da Mata, 74 (661010).
 GRAÇA — Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940).
 LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 20-B (790942) * S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-C (790704).
 MARVILA — Tavares, R. Direita de Marvila, 25 (381612).
 MOURARIA — Tavares, R. da Palma 194 (863350).

OLIVAIS (Sul) — Higiene — Rua

Cidade Villa Cabral (ex-Rua B. 4 Lote 43 zona poente * São Paulo — Rua 2 Lote 823 (á Estrada de Moscavide) (Tel. 310711).
 PENHA DE FRANÇA — Zional, R. Morais Soares, 56-C (847708).
 PICHELEIRA — Marlux, Col. do Picheleira, 40-B-C (720703 e 728395).
 REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728).
 RESTELO — Tanaro — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (á encosta do Restelo — próximo dos Mo-nhos). Telefone: 611814.
 S. BENTO — Silva Santos, R. do Esc. Politécnica, 82-A (660280) * São Bento, R. dos Poais de S. Bento, 13 (679673).
 DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) * Martins, Lda., R. Fernão de Magalhães, 33 (849448).
 MOSCAVIDE — Império, R. Oliveira, 44 — Tel. 2511820).

Linha de Cascais

ALGES — Almeida Nito — Av. Comb. Grande Guerra, 64 (Tel. 212070).
 CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839).
 PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás R. Costa Pinto, 85 (2432034).
 OIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (2430090).
 PAREDE — Brandão, Av. da República, 77-C (247054).
 ESTORIL — Parque, Arcadas do Parque, 3 (260191).
 CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 19, 14 (280141) * Cascais, Rua Conde de Monte Real — Bairro Caixas (282407).

Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (934589) * Campos, Rua Elias Garcia, 85 (930072) * Clabel, R. António Sardinha, 28-D (938551) * S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 — Reboloira (938703).
 DAMAIA — Damale, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523).
 QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 151 (950043) * Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (951841).
 CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
 MEM MARTINS — Químico, Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
 S. PEDRO DE SINTRA — Valermim (Tel. 980456).
 SINTRA — Marraxos, (Estefânia) L. Afonso Albuquerque (980058).
 VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, 10 (938920).
 COLARES — Colares — Abrejo (295088).

Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge 5 — (234100).
 ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (22400).
 ALMADA — Castro Rodrigues, R. Capitão Leão, 49 (270075).
 BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional 14 (224302).
 BARREIRO — Normal, Av. Alfredo da Silva, 16 (2273035).
 COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. das Barracas 50-A (Tel. 276 82).
 MOITA — Silva Rocha, P. do Rep. pública, 16 (Tel. 239029).
 MONTIJO — Diogo, R. Amante Cândido dos Reis, 42 (230032).
 SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
 SETÚBAL — Rosado Pinto, R. do Bocage (22484) * Nova, R. General Gomes Freire (22052).
 SETÚBAL — Oliveira, L. do Me-nicórdia (22488).
 SEIXAL — Godinho, L. do greja, 51 (Tel. 2218580).

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
 AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gaxdila, 538821 * Gaxdila (dom. e feriados), 382069.
 BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524.
 POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 e G. N. R. (área rural), 36865.
 SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio 538524 * Centro de Intoxicações (Informativo), 767777, 761176 e 763456.
 TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos de ferro (C. P.), 869029 * Caminhos de ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcantara, 663195 * Estação Marítima de Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
 E. da Torre - Lumiar - 790168
 ESPECIALIDADES DIÁRIAS
 AOS SABADOS E DOMINGOS
 ORQUESTRA PRIVATIVA
 DESTA RESTAURANTE
 (Maiores de 15 anos)

PASTELARIA FÓIA
 RESTAURANTE
 C. Mártires da Pátria, 59-A
 Telef. 54549
 ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
 PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIA

MINABELA
 Restaurantes Churrasqueira Pastelaria
 Diariamente
 várias especialidades
 AMADORA — Telef. 939191/2
 QUELUZ — Telef. 951611

XANGAI
 Av. Duque de Loulé, 20-B
 Telef. 57378
 (frente à Embaixada Americana)
 ESPECIALIDADES DIÁRIAS
 CARNE DE PORCO
 ACRE E DOCE

TIQUE TAQUE
 AGORA TAMBÉM COM RESTAURANTE E SNACK-BAR
NOVA GERÊNCIA
 AVENIDA DE ROMA, 29-B
 TELEF. 777723

TARANTELA
 RESTAURANTE * SNACK-BAR
 L. D. Estefânia, 23 e 27
 Telef. 535203
 ESPECIALIDADES DIÁRIAS
 Solo no 1.º andar para Banquetes
 Lanches de Casamento

QUINTA DE S. VICENTE
 RESTAURANTE
 JANTARES
 DANÇANTES
 com o conjunto privativo
 Telheiras de Cima, 144
 Tel. 790211
 Aos Sábados e Domingos
 AMBIENTE FAMILIAR
 (Maiores de 15 anos)
 Parque privativo para automóveis
 (AR CONDICIONADO)

Tamborim
 Restaurante — Snack-Bar —
 Cervejaria
 Especialidades diárias
 AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
 Rua Gomes Freire, 14
 Telefones: 4 62 47
 (Ao Campo Santana)

Diário de Lisboa

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João G. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telet. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O Município discutiu a ampliação (urgente)



Florbela Veitas Alferes, de 15 anos, foi eleita pela Secção Recreativa da Senofilia para a representar no concurso da Rainha dos Clubes Desportivos e Recreativos

O tempo da rede do Metropolitano de Lisboa

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco a moderado de Oeste por influência de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão em enchimento centrada da Inglaterra. TEMPERATURAS E XTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira e Praia da Rocha, 16°; mínima: Penhas de Saúde, 1°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 7°; Faro, 14°; Funchal, 15°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, 0°; Portalegre, 6°; Porto, 4°.

TEMPERATURAS O B SERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 12°; na água do mar: 13°/4.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado, por vezes pouco nublado. Aglomerados dispersos nas regiões montanhosas ao norte do conjunto Montejunto-Estrela. Agravamento do tempo durante a madrugada, com períodos de chuva, vento fraco a moderado de noroeste, rondando para sudoeste moderado e com rajadas fortes nas terras altas.

Amanha
Nascer às 8 e 54
Ocaso às 18 e 41

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 16 — 2 e 28 (3,8 m) 15 e 04 (3,7 m); Dia 17 — 3 e 23 (4,0 m); 15 e 55 (3,9 m); Dia 18 — 4 e 12 (4,2 m) 16 e 43 (4,0 m) BAIXA-MAR: Dia 16 — 8 e 26 (1,1 m); 20 e 48 (1,1 m); Dia 17 — 9 e 18 (0,9 m); 21 e 36 (0,9 m); Dia 18 — 10 e 06 (0,7 m); 22 e 20 (0,9 m)

O ministro das Finanças está pronto a levar por diante, a curto prazo, o estabelecimento das medidas necessárias para a concretização de um empréstimo destinado à conclusão lógica (até Alvalade) do ramal do Metropolitano, que se interrompe nos Anjos. Assim respondeu, hoje, o general França Borges, em sessão pública da Câmara Municipal de Lisboa, a dois vereadores interessados na solução do problema.

Foi este, em resumo, o tema central da reunião. A presidir esteve o general França Borges, ladeado pelos dois vice-presidentes, eng.º D. Segismundo da Câmara de Saldanha e sr. Aníbal David. Presentes oito vereadores.

Aprovada por unanimidade a dispensa de leitura da acta, o problema do Metropolitano (comparado em extensão aos transportes à superfície) teve dois intervenientes, dr. Pereira Bernardes e eng.º Santos e Castro.

Para o primeiro orador, não pode ser indiferente a esta Câmara como «Corporação dos homens da rua», e inadiável necessidade, que subitamente foi posta em evidência, de ampliar a rede do

Metropolitano de Lisboa. As linhas já em serviço têm accorrido público nestes últimos dias, dando-lhe uma espectacular preferência. E mais não ocorre apenas porque os percursos servidos ainda são poucos. É que o Metropolitano é o transporte colectivo, em serviço na nossa cidade, mais económico, mais rápido e mais cómodo.

Seguiu-se a comparação com os autocarros e eléctricos, cuja morosidade e incomodidade o dr. Pereira Bernardes acentuou.

«É mais rápido ir ao Porto no avião da T. A. P. do que de Moscavide à Baixa em autocarro», foi um dos seus comentários.

Pior um pouco: segundo o orador, a Carris melhorou as condições de trabalho do seu pessoal, mas esqueceu-se da mínima comodidade a oferecer aos utentes. Solução? Construir rapidamente «toda a rede» do Metropolitano, «grande aspiração dos homens da rua».

No mesmo sentido falou o eng.º Santos e Castro: «Não sofre contestação a imperiosa necessidade de levar o transporte subterrâneo ao Areeiro e a Alvalade, construir a linha de beirarrua de Alcantara a Xabregas, com correspondência no Rossio, e ainda estudar, projectar e realizar a grande li-

nha transversal prevista no Plano Director da Cidade.

Argumentos do vereador: o congestionamento progressivo do tráfego automóvel, a lentidão dos transportes colectivos de superfície, «o vultuoso e rápido encarecimento das tarifas destes».

Lamentou que as obras do Metropolitano tivessem sido interrompidas, porque afinal a necessidade é tão urgente que exige uma acção pronta e eficaz.

A isto respondeu o general França Borges referindo o interesse do actual ministro das Finanças em dar andamento à solução, interesse coincidente com o da Câmara. Simplesmente, esta investiu já 170 mil contos no Metropolitano e entende não poder ir muito mais além.

Habitação e lixos

Terceiro (e último) vereador a falar, o dr. Antunes Branco abordou o problema n.º 1 de Lisboa: a habitação. No seu entender, as instituições que visam a construção

de casas de baixa renda «sentem as dificuldades resultantes da falta de unidade no critério para estudo do problema, e da carência de soluções planificadas a nível nacional». Terminou pedindo ao Governo «rapidez nessa solução».

O general França Borges registou as palavras do vereador e sublinhou que a Câmara tem feito todos os esforços no sentido de promover o alojamento das famílias pobres, habitantes de barracas ou quartos.

«Há um único caminho a seguir: construir o mais possível. Cada família alojada é uma família que passa a viver nova vida. Mas nem tempo temos para alegrar-nos. Milhares de outras famílias aguardam a sua hora.

Foram, por último, apresentadas várias propostas a mais importante das quais (aprovada em votação particular) anulando o concurso — realizado em 1 de Abril de 1968 — para adjudicação da rede de tratamento dos lixos urbanos. Feita uma adjudicação provisória, verificou-se que a solução não acautelava certos requisitos de salubridade e estabilidade, e muito menos, por falta de referência ao valor do produto, a posição da lavoura nacional. Daí a proposta.

A próxima sessão foi marcada para 20 de Fevereiro.

Conselho de Ministros para Assuntos Económicos

No Palácio de São Bento voltou a reunir-se, esta manhã, sob a presidência do prof. Marcello Caetano, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, em prosseguimento dos trabalhos iniciados na passada terça-feira.

ROTARY CLUBE DE LISBOA (OESTE)

Realizou-se, hoje, no restaurante da Feira Internacional, o almoço do Rotary Clube de Lisboa (Oeste). Durante o repasto o sr. Eurico Fonseca, do Rotary Clube de Almada, proferiu uma palestra intitulada «O Voo da Apele 8».

VIDA POLÍTICA

PRESIDENTE DO CONSELHO

O prof. Marcello Caetano trabalhou, esta tarde, com o dr. Correia de Oliveira, ministro da Economia.

Ministro das Corporações

O prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações, recebeu, esta tarde, o governador civil e o presidente da Câmara Municipal de Santarém, acompanhados da Comissão Executiva da Feira Nacional de Agricultura; e a direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Artes Gráficas.

Ministro das Comunicações

O titular da pasta das Comunicações recebeu, esta tarde, em audiências de trabalho os srs. governador civil e presidente da Câmara Municipal de Santarém; eng. Jo-

sé Frederico Ulrich; eng. Thireau, da Empresa Corte; Feliciano dos Anjos Pereira e Filipe Solmos.

Ministro das Obras Públicas

O ministro das Obras Públicas recebeu, em audiência de trabalho, o governador civil de Setúbal.

Secretário de Estado da Indústria

O secretário de Estado da Indústria recebeu, em audiência, o sr. dr. Osório Vaz, ex-governador civil de Lisboa; os srs. eng.º Teixeira Lobo e Sampaio e Melo, respectivamente presidente da Corporação da Indústria e representante da mesma Corporação na Comissão de Regulação das Substâncias Explosivas, acompanhados dos delegados da Bellerud, da Companhia Portuguesa de Celulose, da Soda-Póvoa e da União Fabril de Azoto, e, ainda, o sr. António Champallaud, presidente do conselho de administração da Siderurgia Nacional.

O sol (de pouca dura?) voltou hoje a Lisboa

Embora o Inverno continue, parece ter melhorado sensivelmente o cariz apresentado pelo tempo. Esta manhã, em Lisboa e arredores, o céu apareceu azul, pintalgado de nuvens inofensivas. A ver vamos se será sol de pouca dura...

Em consequência do tempo temporal, muros e terras dão de si, provocando perigo nalguns lugares. Em Lisboa, por exemplo, um desmoronamento de terras ocorreu às 23 horas de ontem provocou ruínas em dois prédios da Travessa das Terras do Monte, á Graça.

Também no impasse entre a Calçada de Carriche e a Estrada Militar se verificou um desabamento de terras que coloca em perigo os prédios da área (o proprietário de um deles declarou que há um ano havia entregue, tal como os outros proprietários da área, 43 contos á C. M. L. para construção de um muro de suporte, o qual não foi levantado, quer porque a Câmara o não fez, quer porque a sua construção particular não foi autorizada). O aluimento afectou o pavimento da Estrada do Desvio, que ameaça ruir a qualquer momento, principalmente junto do prédio n.º 42. O facto foi verificado pelos Sapadores Bombeiros e, depois, confirmado pelos peritos da Comissão Permanente de Visitas do Município, que resolveu vedar o trânsito no local a veículos pesados. As viaturas ligeiras, por seu turno, circulam nos dois sentidos.

Na Praça de Espanha, cerca das zero horas de hoje, rebentou a conduta de água, que saiu em jacto volumoso, provocando danos no piso, junto á Embaixada de Espanha. A reparação, efectuada

durante a noite por brigadas da Câmara, ficou concluída ao princípio da tarde, sendo então reatado o fornecimento de água á zona.

O corte da água afectou a Clínica de São Lucas

Para que a reparação se pudesse efectuar foi, evidentemente, necessário proceder ao corte de abastecimento de água na vizinhança da Embaixada de Espanha. Entre os mais graves inconvenientes da medida, que pela sua natureza não permitia qualquer aviso á população, figura a situação criada á clínica de S. Lucas, onde se encontram 20 doentes graves, para cujo tratamento o preço líquido tem grande impor-

tância. Os responsáveis da clínica tentaram durante toda a manhã, uma solução junto da Companhia das Águas, mas sem qualquer resultado.

Em face da gravidade da situação procuraram ainda o auxílio dos bombeiros, mas este — prontamente fornecido — revelou-se improficuo, dado que a água cedida estava imprópria para consumo.

Reabertura de um acesso à ponte

Quanto á vedação de um acesso á ponte sobre o Tejo, informamos o Gabinete respectivo que os trabalhos devem estar concluídos ainda hoje, devendo o trânsito ser autorizado a partir de amanhã.

JULGADO EM SANTA CLARA O RECURSO DO MILICIANO CONDENADO POR MATAR O FILHO

No dia 30 de Novembro do ano passado, o Tribunal Militar Territorial do Porto condenava a 9 anos e 10 dias de prisão maior o primeiro-cabo miliciano Carlos Manuel Ataíde Coelho da Rocha por ter causado a morte a um filho de tenra idade.

Esta tarde no Supremo Tribunal de Justiça Militar, em Santa Clara, foi julgado o recurso interposto pelo condenado.

Presidiu á audiência o general da Força Aérea Carlos da Costa Macedo, sendo relator o juiz desembargador dr. Mouta Rodrigues. Inter-

veio no julgamento, como promotor de Justiça, o coronel de artilharia Enes Brandão.

A mulher do réu, que se constituiu assistente no processo, esteve representada pelo dr. Luís Veiga, conhecido advogado português. Da defesa do cabo miliciano encarregou-se a advogada dr.ª Alcina de Vasconcelos, também do Porto.

Nas audiências do julgamento efectuado no Porto ficou demonstrado que o casal se não dava bem. «Não estava preparado para a vida conjugal» — como então se disse.

Carlos da Rocha, temperamental, nunca se deu bem com aquela que veio a ser

a mãe do seu filho. Ela tinha, por vezes, reacções que exacerbavam o temperamento do marido. No decurso de uma das audiências no Tribunal Militar Territorial do Porto contou-se que «visitando o réu com a mulher um casal amigo com oito filhos, aquele manifestou o desejo de ter muitos filhos, no que foi contrariado pela mulher, que lhe disse que o que tivera viera por acaso».

O cabo miliciano, certo dia, vendo o filho agitado, ter-lhe dado um comprimido de um sedativo que utilizava com regularidade — e a criança teria morrido. Este foi um dos argumentos da defesa, além do mau ambiente familiar.

AS ÁGUAS DO TEJO CONTINUAM A BAIXAR NA REGIÃO RIBATEJANA

SANTARÉM, 16. — Há já alguns dias que as escalas hidrográficas de Vila Velha de Ródão, Barquinha e Santarém vêm acusando subidas e descidas. Entretanto, desde ontem que o Tejo começou, de novo, a baixar de nível e de volume.

As escalas, em Vila Velha de Ródão, marcaram, ás 3 horas, 4,14 m.; ás 6, 4 m.; ás 9, 3,86 m. Na Barquinha, as medições deram o seguinte: 4,33 m.; 4,27 m e 4,15 m. Em Santarém, e nas mesmas horas, verificaram-

se as seguintes medidas: 5,55 m.; 5,47 m e 5,42 m.

Em todo o caso, continuam ainda interrompidas ao trânsito as estradas de Pombalinho a Azinhaga; da Ribeira de Santarém a Alcanhões (no sítio de Palhais) e do Vale de Santarém a Valada (estrada do Campo). Com a melhoria do tempo que, ontem e hoje, se tem notado em toda a região ribatejana, as águas devem continuar a descer, se não voltarem as grandes chuvadas.

Alcides de Campos
Alcides de Campos
Alcides de Campos
Alcides de Campos
Alcides de Campos
Alcides de Campos
Alcides de Campos
Alcides de Campos
Alcides de Campos
Alcides de Campos

N.º 546/16 DE JANEIRO DE 1969

A beleza, a intuição, o juízo do tempo

em função da velha e da nova crítica

por João Gaspar Simões



Diálogo com o «novo crítico»

«A nova crítica não é ciência...»

«Os críticos científicos ou para-científicos
passam a vida a proferir juízos errados»

DO DIÁLOGO aqui travado com o «novo crítico» — chamemos-lhe «novo crítico», visto não ser do seu agrado que o consideremos «jovem crítico» — Eduardo Prado Coelho depreen- dem-se, pelo menos, duas coisas: que a nova crítica não é uma ciência, embora empregue métodos ou técnicas científicas, e que a intuição só por si, sem o auxílio da técnica literária, corre o risco de naufragar. Aceitando, que assim seja, em nada fica prejudicada a tese que sustentamos. Com efeito, não só o «novo crítico» não responde ao ponto capital do nosso artigo Baudelaire, a criação e a crítica, segundo o qual existe hoje entre nós uma proliferação crítica anormal, com prejuízo dos valores criadores, como nem sequer alude à afirmação do autor das *Curiosités Esthétiques* por nós citada — alude a ela, mas não a rebate — de acordo com a qual todo o grande poeta pode tornar-se um crítico, mas não um crítico tornar-se poeta.

Temos, portanto, que a «nova crítica» não é ciência,

ela, fala com ela, e que a intuição sem o apoio das técnicas para científicas da crítica, pouco ou nada vale. Esta a posição do «novo crítico». E, para fundamentá-la, cita não sei quantos autores franceses, todos eles eminentes, autoridades que são para os seus seguidores, que afinal de contas acabam por andar à trela da inteligência francesa, nesta hora, valha a verdade, bem pouco digna de se lhe confiar o primado do pensamento europeu. Muito mais sólidas que as aferições do gosto e os critérios da Beleza são, na opinião do «novo crítico», as múltiplas linguagens científicas. E isto porque eu próprio sustento que ao tempo cabe a última palavra no juízo de valor sobre as obras literárias, embora eu próprio, campeão das contradições, sustente algures que é sempre a crítica, mesmo quando parece ser o tempo, quem, em última análise, se pronuncia sobre a obra literária.

Com efeito, assim me parece ter desenvolvido o ponto de vista em questão num dos meus pequenos

ensaios de *Literatura, Literatura, Literatura*, mas sem sombra de contradição. Em verdade, associo o juízo do tempo ao juízo da crítica, sustentando que o tempo se manifesta através dos que sabem ler, e aqueles que melhor têm em qualquer época são os críticos. Rectificaria agora: os críticos de gosto e intuição, não os críticos científicos ou para-científicos. Esses, louvado seja Deus, passam a vida a proferir juízos errados. Haja em vista o que entre nós se passou com os naturalistas julgados pela «nova crítica» do século XIX ou o que se verificou em França quando Stendhal, apreciado criticamente por Balzac — um crítico de intuições, coitado! — era desdenhado criticamente pela crítica paracientífica da França, inclusivamente a de Brunetiere.

Um aspecto me vejo novamente obrigado a rectificar. Já o fiz na minha tribuna crítica do «Diário de Notícias» e precisamente a propósito de Eduardo Lourenço citado pelo «novo crítico». Onde ele sustenta

que «o universo literário está em perpétuo julgamento», de acordo, mas que tal afirmação sirva ao «novo crítico» para afirmar que o critério da Beleza intemporal não resiste à mais leve crítica e que a única ponte estável para as obras literárias é «a leitura e a releitura, que sempre retoma a obra para nela integrar a totalidade dos seus elementos», como quem diz que de época para época varia o grau de inteligibilidade e de validade da obra literária, eis o que se nos afigura especioso. Já na nossa apreciação crítica ao *Sentido e Forma da Poesia Neo-realista*, do citado Eduardo Lourenço, tentámos pôr os pontos nos fi. Uma coisa é a perspec-

tiva do tempo na focagem das obras-primas, outra a eleição para a galeria das obras-primas dos documentos literários sucessivamente produzidos no tempo. Varie, embora, o critério de validade da crítica relativamente à *Odisseia* ou a *Os Lusíadas*, nunca variou na sua aferição, dentro do critério da Beleza literária, o juízo que em épocas sucessivas se tem formado de tais obras. Desde que se estabeleceu a validade estética da obra de Homero ou de Camões, nunca mais a obra de Homero ou de Camões deixou de valer o que vale. E se algum dia alguém ousou invalidar a obra camoniana — um José Agostinho de Macedo ou um Castilho — é que o cri-

tério por eles adoptado a respeito de *Os Lusíadas* se não fundamentava no gosto, mas em vieses críticos de natureza passional e linguística, precisamente, pelo menos em Castilho.

Não, «novo crítico», as obras-primas projectam-se, realmente, em perspectivas diversas nas várias épocas históricas, mas o único aspecto dessas obras que se não altera é aquele que se fundamenta no gosto e se alicerça na Beleza. Pode a nossa época ter de Camões uma visão diferente da da época romântica, ou, até, da da época modernista — o Camões de Pessoa é o épico, o Camões de Régio

(Continua na 7.ª página)

A vivência experimental

por Liberto Cruz

QUANDO UM DIA se escrever a História da Literatura Portuguesa de Vanguarda, o seu autor dará, certamente, uma relevância especial a E. M. de Melo e Castro. Na verdade, nestes últimos anos, ninguém como ele se debruçou em Portugal de maneira tão apaixonada, tão atenta e intensa sobre os problemas da vanguarda literária. Escrevendo ensaios, proferindo conferências, entrando em debates públicos, sujeitando-se às diatribes dos zollos e ignorantes, promovendo o lançamento de revistas, de colecções de poesia, e dando o seu contributo como poeta, E. M. de Melo e Castro constitui um caso notável de dinamismo que não é comum nos escritores portugueses.

Espírito inquieto e estudioso parece querer recordar a todo o momento a celebríssima e tão discutida frase de Rémy de Gour-

mont: o crime capital para um escritor é o conformismo, a imitação, a submissão às regras e ensinamentos.

Como tem sido encarada, no entanto, a sua acção doutrinária e poética?

Temos de concluir que, se não passou despercebida, não mereceu, todavia, a merecida atenção (*). E isto explica-se porque tanto os novos como os velhos literatos portugueses sabem tudo: viram ontem o filme que se estreia amanhã, têm na ponta da língua a destruição total do livro (que jamais lerão) a publicar muito em breve por alguém (célebre ou desconhecido) e, como é óbvio, sabem de cor tudo quanto se diz e faz e pensa dentro e fora do País. Ninguém diria, ao vê-los tão pacatos e tão ordeiramente sentadinhos nos «cafés» (a pensar, sempre a pensar), a soma de co-

nhecimentos fantásticos que, por osmose, lhes entra em avalanche pela «cachimónia».

Por outro lado não podemos deixar de reconhecer que todos nós somos vítimas da lucidez de Fernando Pessoa ao denunciar o provincianismo português. Tentando reagir a essa evidência que se nos pega à pele desde o nascimento, só temos em mente uma ideia: não nos deixarmos «épater» como vulgaríssimos burgueses. Burgueses, qualquer um de nós? Homens!

Daí o desconfiarmos de tudo e todos. Qualquer novidade que venha perturbar os cânones estabelecidos é rejeitada não só pelas razões apontadas mas também pela nossa inércia perante o original trabalho alheio. Há ainda os que, pacóvilmente preocupados com conceitos de geração, jamais encontram

onde lágrima
lá rima
com ama
sobra
um g de
gosto
gana
tem
um ri
de riso
amargo
onde
amar
é gosto
gasto
e b
amor é só
lágrima.
derrama

tempo para se ocupar das banalidades dos confrades que não têm cabidela na sua épocazinha. E assim, por ser demasiado novo ou

Fragmento de um mapa
do lirismo português

velho, de meia idade ou trintão, é um homem atirado aos mabecos da literatura. Cada grupo, cada escola, universitários ou autodidactas, exibe o seu humanismo de clã recusando aceitar mesmo as suas próprias ideias quando manifestadas de forma diferente.

Este Versus-in-Versus (?) de E. M. de Melo e Castro nada tem de experimental no sentido corrente da palavra. Estamos perante um livro maduro, fruto concreto duma dolorosa vivência humana que se exprime formalmente depois duma não menos dolorosa experiência. Aliás, a linha geral do livro e que atravessa electricamente cada poema com maior ou menor tensão é um desespero pungente, uma terrível angústia que limita e engrandece ao mesmo tempo cada

vocabulo e cada verso. Ape- sar do salutar disfarce antilirico observado em «Fragmento de um mapa do lirismo português» (p. 45) o autor escreve alguns dos mais belos poemas de amor de toda a sua poesia publicada. Sim porque Versus-in-Versus é essencialmente um livro de amor. Mas E. M. de Melo e Castro soube e aprendeu através da sua vivência experimental, isto é, duma vagabundagem sentimental e formal, que é urgente repelir com energia a poética onde amor é só / a lágrima / derrama (p. 45). A esse tom decadente e falso opõe com virilidade o nome que na chama se incendia (p. 15). Observe-se, contudo, ser este poema iniciado por uma chama não chama a mesma chama o que, ao leitor desatento, poderá parecer

(Continua na 6.ª página)

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUEASAS

A vivência experimental, por *Liberto Cruz*.

CRÓNICAS

A beleza a intuição, o juízo do tempo em função da velha e da nova crítica, por *João Gaspar Simões*.
O conselheiro, por *Alexandre O'Neill*.

CRÍTICA LITERÁRIA

Ainda a poesia de Régio, por *Eduardo Prado Coelho*.

LETRAS ESTRANGEIRAS

Ben Suc, aldeia morta, por *Alcides de Campos*.

ARTES PLÁSTICAS

Programa para 1969, folhetim artístico de *José-Augusto França*.

Um surrealista em retrospectiva, por *Francisco Bronze*.

CINEMA

A ilusão embaladora, por *José Vaz Pereira*.

FOLK-MUSIC

Caminhando com Vandrê, por *Júlio Morcira*.

Dez anos de renovação

Na árdua e tantas vezes incompreendida carreira das publicações culturais portuguesas dez anos são uma etapa assombrosa. Olhamos o passado recente, e desde uma *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, em que a exigência intelectual e o rigor ético da programação foram sinais inequívocos de presença, até uma revista como *Almanaque*, de consequentes e fundamentadas irreverências, o que se nos depára na actividade cultural da imprensa periódica é, na generalidade, uma sucessão de experiências fugazes que sucumbiram à ausência de estímulos e aos entraves de toda a ordem que lhes foram postos.

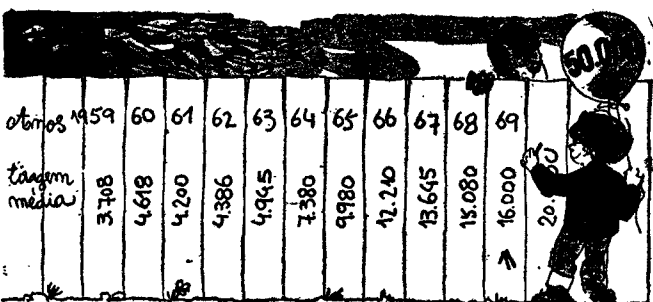
Neste panorama taciturno, e entre as raras excepções que se lhe abrem, ressaltam-se todavia três títulos: *Vértice*, *O Tempo e o Modo* e *Seara Nova* que, agora, ao cabo de dezasseis anos, e sob a direcção de Augusto Abelaira, prossegue uma fase renovadora iniciada em Janeiro de 1959. Fiel às constantes essenciais de uma atitude ci-

vica e cultural que vem do seu primeiro número, mas revitalizada por uma atenta e dinâmica actualização, *A Seara* alargou a sua área de prestígio em termos verdadeiramente encorajadores. Os «seareiros» de longa data têm na revista a projecção crescente do seu sonho e podem com legítimo orgulho reconhecer nela uma herança dignamente retomada.

«Dez Anos de Renovação» assinala-se agora, no número 1479, de *Seara Nova*. A etapa de crise que durante anos dominou a vida da publicação sucedeu-se bruscamente uma vigorosa actividade de reorganização. Os resultados obtidos foram significativos. O alcance público de opinião veio a traduzir-se em números de tiragem que, por si sós, constituem um índice objectivo de apoio e influência. Dos 3708 exemplares por número da *Seara* durante o ano de 1959, a tiragem média passou em 1969 para 16 000, o que corresponde a um aumento de mais de 330%.

A análise destas cotas de aumento sobrepõe-se a quaisquer comentários. É um sinal promissor, uma realidade que contradiz os cepticismos apressados e as apatias mais consistentes.

esboçado no discurso de 27 de Novembro do Presidente do Conselho, um comentário económico de Eduardo Guerra sobre o Relatório em que se fundamenta a Lei de Meios e



tes. Por isso, o «Suplemento DL» sublinha com especial empenho este número da *Seara*, como um voto de prosperidades do novo ano cultural.

O número 1479 (Janeiro 1969) de *Seara Nova* inclui um artigo de Sottomayor Cardia («A Continuidade e o Destino da Adaptação» em que se comentam as linhas gerais do programa

uma breve análise sociopedagógica sobre a Juventude Rural Portuguesa. Alberto Pedroso escreve «Acerca da Nova Legislação Sindical» e David Ferreira, com «As Raízes da Conspiração Monárquica», inicia uma série de artigos a propósito da «Escalada de Monsanto». Das habituais secções desta revista publica-se «O País de Mês a Mês».

Pinocchio para adultos

PINOCCHIO

por *C. Collodi*
prefácio de Giovanni Jervis
Einaudi, ed.
Milão 1968

PINOCCHIO PER ADULTI
por *Emma Nasti*
Fondazione Collodi, ed.
Florença 1968

A ABRIR esta nova edição de «Pinocchio», Jervis diz que sobre uma obra universal de tantas e tão ricas facetas se pode escrever uma imensidade de juízos e reescrever exactamente o contrário. «Pinocchio», é ainda Jervis que o

que aquelas que porventura lhe teria concedido uma escrita reflectida e atenta. Pedagogo, moralista e burocrata da Itália grandu- cal, mas homem livre na vida privada, céptico e mordaz, Collodi transferiu para «Pinocchio» tudo aquilo que lhe era impedido de pôr noutras obras mais meditadas e mais em foco perante as instituições.

Giovanni Jervis, no notável estudo desta glória da literatura infantil, sustenta que Collodi, não obstante a preocupação circunstancial de escrever uma narrativa despretenhosa e colorida de aventuras e imaginação, deixou

a evasão do real, mas isso obriga-o a participar eternamente de um mundo subjectivo que está para além do bem e do mal... O seu carácter vagamente sub-humano fá-lo-lhe assemelhar-se a um bobo minúsculo, a um fantoche, se noutras vezes não se mostrasse tão pungentemente real e tão vizinho da demência infantil. «Pinocchio» é, a um tempo, liberdade e conformismo, mas a relação entre estas duas oposições assenta unicamente na recusa, e mesmo essa incompleta, do artifício moralista tradicional.

Emma Nasti, no seu estudo *Pinocchio para adultos*, desenvolve uma interpretação bastante divergente daquela apresentada por Giovanni Jervis: Na lenta transformação de uma «marionette» em ser humano, na longa viagem de um boneco articulado através da maldade, da indiferença e das raras benevolências dos homens, todas as suas ingenuidades, toda a sua estupidez infantil se resolve na única razão de ser válida e positiva: o trabalho.

Para Emma Nasti as raízes de comportamento do famoso personagem são uma transposição da «mentalidade toscana» acima de tudo — interpretação indiscutivelmente demasiado regionalista e sentimental para servir de base a um estudo profundo e objectivo. Jervis, ao contrário, procura universalizar o significado de «Pinocchio», objectando, muito justamente, que embora criado como livro para crianças é também um livro para adultos.

Nada mais certo, Aconteceu o mesmo com «Gulliver», com «D. Quixote» — livros «para adultos» que também agradaram às crianças. Mas estes estão em condições precisamente opostas às de «Pinocchio» porque chegavam às crianças pela queda do mundo adulto. A explicação está talvez na qualidade admirável da poesia que a todos envolve.

G. R.

Fogo de poesia

POEMAS

de *Eugénio de Andrade*
Portugália ed.
Lisboa 1969

«O acto poético é o empenho total do ser para a sua revelação. Este fogo de conhecimento, que é também fogo de amor, em que o poeta se exalta e consome, é a sua moral. E não há outra.»

Assim abre Eugénio de Andrade, em 1968, uma colectânea dos *Poemas* que escreveu durante vinte anos, e quem remove o seu primeiro verso, as primeiras linhas que em 1945 lançou em *As Mãos e Os Frutos* compreenderá a constância de uma atitude que jamais se perturbou na sua devoção constante e empenhada em fazer da poesia uma experiência total, a sua entrega.

Poemas (Portugália Editora, col. «Poetas de Hoje», abrange toda a obra do autor. Estão neste volume al-

gumas das maiores e mais decantadas poesias portuguesas dos nossos dias, livros que relembramos, como *Os Amantes Sem Dinheiro* ou *As Palavras Interditas*, tão distantes e tão próximas, e agora com o mesmo ímpeto de frescura com que há anos os desfolhámos pela primeira vez.

Sim, «poesia límpida» — como a definiu Oscar Lopes, no ensaio «Morte e Ressurreição dos Mitos», que serve de estudo a este volume de Eugénio de Andrade. «Poesia límpida», escreve ele, «poesia que vem das mãos humanas, do sangue rumoroso, do amor corpóreo, do trigo, dos frutos, da luz, do mar; poesia sem metafísica, simples nascer para o dia de um subterrâneo rio de palavras»; poesia ora matinal e clara como a adolescência (*Coração Habitado*), ora densa de toda a elegia de pretério imperfeito português (*Os Amantes Sem Dinheiro*) — conhecer a Poesia de Andrade é descobrir nalguns dos ritmos



e das palavras mais coerentes da língua uma bela intenção desconhecida que tinham mas se perdia.»

Ofício de poeta — eis o que a par e passo se sente neste livro. Ou seja, sabedoria de fazer versos. Razão de estar na Terra e de a viver.

Missão de consciência

GREECE AND AMERICAN CONSCIENCE
por *Stephen Rousseas*
Doubleday Inc.
Nova York 1968

STEPHEN ROUSSEAS, liberal de tendência centrista e, logo, adepto do reformismo do Andrea Papan-dreu, apresenta nesta obra uma concisa exposição de factos e documentos em que põe em causa a política externa americana na tomada do poder da Grécia pelo golpe militar.

A lógica do golpe de Estado é estudada com clareza e objectividade. Nas vésperas da afirmação eleitoral do partido do Centro essa intervenção de força revela-se com oportunidade e utiliza as técnicas e expressões características da política externa dos Estados Unidos na América Latina e

na África. Andrea Papan-dreu, professor universitário e «leader» moderado que viveu largos anos na América do Norte, foi teatralmente surpreendido por esta reviravolta brusca dos políticos ianques — como demonstra Rousseas. O seu prestígio e as suas relações



nas altas esferas de Washington foram subitamente eliminadas quando a popularidade que veio a obter por via parlamentar fez prever ao Pentágono

que poderia, em caso de vitória eleitoral, arrogar-se de uma relativa liberdade de acção.

O autor de *American Conscience* num documentário vivo e informado esboça o quadro moral e social das casernas de «putsch». A fuga teatral de Constantino e a acção da esquerda são interpretadas por ele sob uma perspectiva de intelectual do centro que vê no «Kennedynismo» de Andreas Papan-dreu um caminho «avancado» de reforma. Esta posição centrista permitiu-lhe todavia obter um conhecimento de dentro acerca da situação da Grécia nos meses que antecederam o movimento militar. Os «lobbies» da diplomacia da Grécia e a atitude do Departamento do Estado aparecem-nos, por isso, descritos com precisão e surpreendentes de novidade.

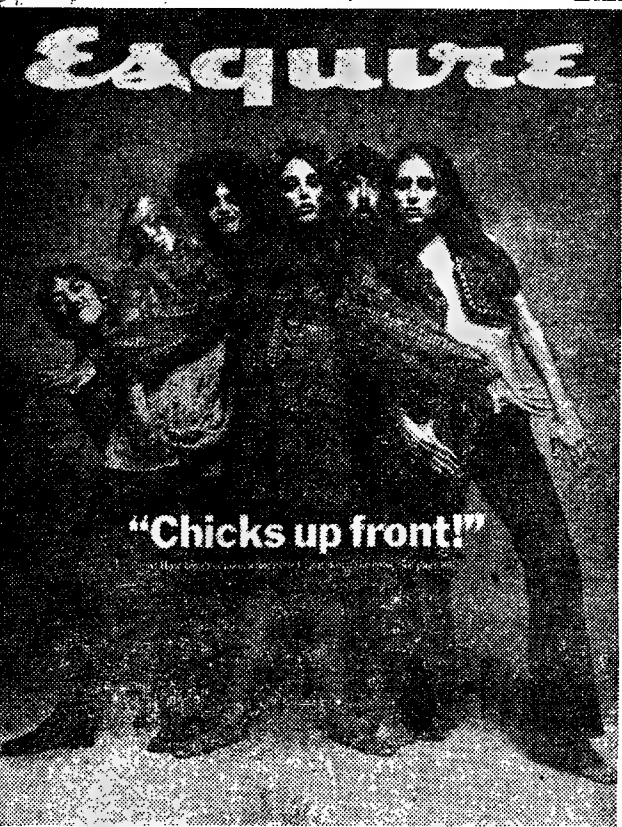
N. C.



Ilustração da 1.ª edição de «Pinocchio»

afirma, «beneficia da inocência com que foi contado, da preocupação de constituir entretenimento e escapando-se da pena do plica: «Pinocchio» é uma seu autor, acabou por revelar muito mais coisas do

nela uma profunda marca de pedagogismo que provém da própria contradição do personagem. E expiação: «Pinocchio» é uma criança falhada. A única coisa que pode libertá-lo é



As várias vanguardas

THE BLACK DWARF
quinzenário de opinião
Londres 1968

«The Black Dwarf», o reputado quinzenário da vanguarda que se publica em Londres comenta numa nota de Roland Muldoon a inflação e os oportunismos de certas interpretações rotuladas de vanguarda e os superficialismos que revelam «subculturas». Chama ele a essa tendência que irónicamente se designa também por «Pop Culture» e que, no fundo, é nas suas especulações, uma contestação de quem-mesmo e de festival. «Num país (a Inglaterra) onde presentemente os valores que se negam não têm uma expressão evidente, o aparecimento de uma cultura rival daquela que durante anos e anos tem sido possibilitada e propagandeada ao homem médio — através do disco, da TV e da Imprensa — não deixa de preencher uma função de esclarecimento (...) mas pode vir a transformar-se numa alienação-pesadelo.» «The Black Dwarf», traz, assim à questão um problema que ultimamente tem sido largamente deba-

tido na Europa: o da nova alienação dos «vanguardismos» que conquistaram os mercados das *mass media*. O magazine «It» («International Times») é um exemplo a citar (embora Roland Muldoon não se lhe refira). O «pot raly» absorveu, pouco a pouco, a justificação libertadora que se propõe ao homem das sociedades de consumo, e o jornal vem de numero para numero a desenvolver uma argumentação que não desagradaria de todo aos fanáticos drogados do apostolado inconsequente de Timothy Leary.

Em contrapartida, o magazine americano «Esquire» continua, à sua maneira, dando sistematicamente uma resposta violenta às formas culturais e de comportamento vanguardista. No último numero o assunto vem, uma vez mais, destacada em título de capa e ali os ingredientes da crítica são a caricatura das experiências mais sérias realizadas nos diversos sectores sociais e intelectuais. O campo a que tudo se limita nas páginas do «Esquire» é uma redução pelo absurdo dos mesmos territórios em que o magazine «It» vai limitando o conjunto de valores do vanguardismo.

A QUESTÃO DO BIAFRA

Pelo Dr. EDUARDO SANTOS

DO INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLITICA ULTRAMARINA

Um livro que não é apenas uma reportagem dos actuais acontecimentos, mas a HISTÓRIA DO BIAFRA com um desenvolvido estudo sobre causas e razões do conflito.

O PRIMEIRO GRANDE EXITO EDITORIAL DE 1969

Portugalense Editora

Porto Lisboa

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Um surrealista em retrospectiva

por Francisco Bronze

ANTÓNIO DACOSTA foi um dos pintores que melhor exprimiram uma problemática surrealista na nossa pintura. Esta retrospectiva vem recordar um artista que, nos seus quadros mais representativos, os que foram pintados entre 1939 e 42, deixou expressa uma força, uma autenticidade, que permite classificar tais obras entre as que melhor atestam a positividade da nossa arte moderna. Nestes três breves anos deu-nos Dacosta o que de melhor nos podia dar, e somente sobre os quadros pintados neste período de tempo valerá a pena determo-nos. O que fez depois ficará sempre como algo de marginal, testemunho de uma inquietação apaziguada, quadros que já não correspondem a uma profunda necessidade de pintar, solucionados, decerto, os problemas que explicavam o agir do artista.

Nestes quadros apresentados na Buchholz, uma das peças que mais evidentemente sublinham o carácter enigmático que reveste a mensagem do Inconsciente é, certamente, «Cena Aberta», obra impar na produção do artista, já que nos outros quadros pintados entre 39 e 42 existe uma continuidade na problemática a que este, de algum modo, se furta. Temos referido algumas vezes os artificios da «mise-en-scène» a que a pintura surrealista não desdenhara recorrer. «Cena Aberta» é um exemplo típico do que acabámos de dizer, não só atendendo ao título, mas, ainda, a outros factores, que, como noutras peças, poderão muito facilmente comprovar a ideia «teatral» à qual se submete esta pintura.

Precisamente no centro deste quadro, em 2.º plano, é representado um pequeno teatro de fantoches, em que surgem, certamente como personagens de um drama que se processa *nelles e através deles*, um homem e uma mulher ainda jovens. Algumas cenas desse drama desenrolam-se sob os seus próprios olhos, e vemos bem como as suas expressões podem iluminar-se de inquietação, ansiedade ou talvez esperança. No 1.º plano, duas crianças estabelecem relações com outros seres da criação: um pássaro e um carnívoro, talvez um lobo. Mas são relações assaz ambíguas estas de que nos fala o quadro; e neste intenso clima de expectativa que envolve a cena, elas tanto podem ser de convívio e amizade como de oposição feroz. Sobre a nudez da criança a pata do lobo tanto pode acariciar como ferir. Vemos, assim, que existe aqui um problema central, que é o da continuidade da vida (necessariamente ligada a problemas de amor e de sexo, que veremos, também, expressos no quadro) e o das relações que se estabelecem não só entre os humanos, como, também, entre estes e os outros seres vivos. Uma análise mais demorada desta obra levar-nos-ia muito além dos limites deste artigo. Digamos apenas que vários problemas aqui se imbricam, se sobrepõem, possibilitando uma «abertura» que nos pode levar através de algumas interpre-

tações. Deste modo, o lobo e o pássaro podem, ainda, funcionar como o símbolos da impiedade e da liberdade, já que noutras peças do autor podemos verificar estas figuras funcionarem assim.

Um dos problemas que supomos ligar-se ao tema maior desta tela é o do conflito que se estabelece no homem entre a sua própria Animalidade (aqui simbolizada pela Besta, mítica figura monstruosa com corpo de animal e rosto humano, de olhos cegos, isto é, sem alma) e a sua Consciência, a qual pode ferir de morte essa mesma Animalidade.

Mas estas figuras, que correspondem a uma mitologia muito antiga, colocam-se no quadro em último plano, subjacentes, portanto, à existência real dos homens, contudo vinculando esta existência à amplitude do espaço e às origens do tempo, mais remotas ainda que a tremenda força erótica que no 1.º plano é expressa por uma simbologia fálica, em formas que se revestem de um carácter vegetal e que nascem das profundezas da Terra. É, porém, no bafo quente da Besta que elas se incendiam.

Mais significativos numa constante problemática que melhor define a arte de Dacosta serão outros quadros em que se incluem «Diálogo», «Serenata Açoriana», «Antítese do Responso», «Um Cão e Outras Coisas», encerrando-se, como numa série, com essa magnífica tela que é «Amor Jacente». Obras de denúncia, correspondem todas elas a uma funda necessidade confessional e a sua feição expressionista pode dizer-se relevar de um conflito a que não são alheias as contradições de uma consciência informada por um pensamento de essência cristã. Dilacerada, esta consciência ergue-se num protesto lancinante contra a violência e os crimes do homem, e alguns quadros um conflito mais fundo se revela, com implicações de ordem metafísica, a que esse pensamento cristão não consegue dar resposta satisfatória.

Em «Diálogos», a cena que se nos apresenta é já a de um drama escatológico, como se tivesse soado sobre a Terra a hora do



António Dacosta: expressão da problemática surrealista

Julzo Final, e todos os seres da criação se congregassem para lançar ao rosto do homem a pesada culpa dos seus crimes. São os cães esventrados, todos os animais escoraçados pela sua soberba e impiedade, que se juntam nesta hora suprema do ajuste de contas, para o acordarem do seu sono imemorial.

Ora, é precisamente esta ideia de culpa, esta «qualquer asa de pecado», referida por Dacosta num poema, que poderá, ainda, explicar um quadro como «Serenata Açoriana». Aqui o drama mítico de Adão e Eva parece reviver-se na expiação da sua culpa, expulso de há muito do Paraíso, e adicionando crime sobre crime na sua necessidade de sobrevivência. Mas essa ave morta que o homem depõe aos pés da mulher caída por terra, numa postura dolorosa de miserável servidão, tanto pode significar o «crime» quotidiano da sobrevivência, à luz de uma consciência culpada, como a liberdade perdida nos jogos de amor. E o «paraíso perdido» bem pode situar-se no outro lado do mar, aí onde o pintor reencontra a solidão das Ilhas e a casa paterna, onde, decerto, revive

a sua infância. De crime, ainda, e da consequente culpa, nos falará o quadro «Um Cão e Outras Coisas». E, perante o drama de violência, a Natureza (o cão enrolado sobre si, dormindo ou cismando) conserva-se imóvel, indiferente, enquanto o Tempo flui, inexorável (a água que jorra da fonte), numa permanência de sentido... ou de absurdo.

Mas em «Antítese do Responso» os problemas visam uma realidade mais concretamente situada. A referência à guerra é aqui evidente no homem estendido como quem repousa, mas que segura uma granada na mão. Perto dele, uma serpente com a cauda truncada. O braço esquerdo do homem parece enlaçar um touro, o qual tem as patas traseiras no mar. Referência a uma realidade ibérica? Toda a simbologia das figuras ganha neste quadro uma dimensão acentuadamente dramática: a mensagem traduz-se numa cifra para a qual não é fácil obter chave. No primeiro plano, uma figura feminina ergue o busto e um braço, num ges-

(Continua na 6.ª página)

EXPOSIÇÕES (1)

GALERIA BUCHHOLZ Rua Duque de Palmela	ANTÓNIO DACOSTA, UM DOS CRIADORES DO SURREALISMO PORTUGUÊS
SOCIEDADE DE GRAVADORES Travessa do Sequeiro	EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS, CONJUNTO SIGNIFICATIVO DE PEÇAS EDITADAS PELA SOCIEDADE
GALERIA PERMANENTE S. N. B. A. Rua Barata Salgueiro	EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES
GALERIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN R. Marquês de Fronteira	DESENHOS ITALIANOS DA ACADEMIA CARRARA DE BÉRGAMO
GALERIA 111 Campo Grande	BARTOLOMEU CID, EXPOSIÇÃO DE UM GRAVADOR CONSAGRADO
GALERIA QUADRANTE Avenida Luis Bivar	ROCHA DE SOUSA, UM ARTISTA EM EVOLUÇÃO — F. B. (1)

(1) Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.



O CONSELHEIRO

por Alexandre O'Neill

XANINHA é meu conselheiro literário. Volta não volta, avança com excelentes sugestões e já me salvou algumas crónicas do lirismo de lapela a que o género se encontra exposto nas mãos de gente tão cultora de amavios e atávios como é a nossa. Eu não participei na campanha camarária dos vasos de sardinheiras para embelezamento das janelas da cidade. Também não defenestrei nenhum desses minicanteiros que parecem segredar-nos, com modéstia e garridice, a fórmula (pacata) da felicidade: pobrete mas alegrete. Até acho comovente que a sardinha grimpasse e se amansasse. O que procuro é não fazer flores. Nem sempre (mal-me-quer, bem-me-quer...) o consigo. O pendor-flor está-nos na papoila do sangue. Que se há-de fazer?

Chamar o Xaninha, claro!

Xaninha dispôs-se a ouvir com atenção a história. Foi prevenido de que ela era «literária».

Um homem conversa com uma mulher, algures em Lisboa. O homem tem pressa. A mulher, vê-se que nenhuma. É à hora em que os candeeiros, depois de regados pelos cães durante a sessão da tarde, fluem. (Xaninha riu-se. Já topa — o citadinozinho! — que não há relação senão poética entre o alçar-de-perna dos cães e o acender dos candeeiros. E deixou-me, passar a fluorescência...). O homem-com-pressa fica com o cabelo a brilhar muito quando o candeeiro por cima deles se acende. («Porquê, papá?» / «Porque o homem tinha o cabelo cheio de brilhantina» / «Ora...»). A mulher-sem-pressa faz uma festa na cabeça do homem («E sujou a mão de brilhantina, não foi?», divertiu-se o Conselheiro). O homem foge com a cabeça e pergunta bruscamente à mulher:

— O onassis?
Os nove anos vigilantes do Conselheiro interromperam-me vivamente:
— Estava a pedir-lhe dinheirinho, não era?
— Pois...
— Em moedas ou em notas?
— Acho que em notas...
— Então devia dizer «Passa daí os rectângulos!» ou «Passa daí os retratos!».
— Mas onassis é mais giro, Xaninha...
— Isso é o que tu pensas... As pessoas vão julgar que é aquele senhor que apareceu na televisão.
— Quem?
— O homem que tem uma ilha só p'ra ele.
— Uma ilha! Pode lá ser...
— Ah pois não, meu espartinho... Já te disse! Uma ilha só p'ra ele!
— Que sorte, Xaninha!
— Sorte? Ele só lá pode chegar de submarino...
— Quem te enfiou essa?
— Palavra, pá! Senão os fotografos não o largam.
A conversa derivava. Amarrei-a com a promessa de que se algum dia escrevesse a história poria rectângulos ou retratos em lugar da «flor» onassis. Xaninha, que nunca perde o sentido das coisas práticas, pediu-me, então, que lhe pagasse o ordenado. Passei-lhe um retrato dos mais pequenos.
— Esta é uma aflição, sabias?, desafiou o Conselheiro.
— Sabia... fiz eu já remando de volta à minha ilha.



Geraldo Vandré: Eu sou um homem livre

Caminhando com Vandré

por Júlio Moreira

— **DIZEM** que não faço gestos, sem recusar a dimensão de espectáculo: *acho que todas as canções são de amor. Querem talvez dizer que não faço canções de amor particular. Mas nem isso é verdade. Vou cantar para vocês uma canção de amor particular.*

Foram as primeiras palavras que ouvi a Geraldo Vandré, no fim do almoço onde me iniciava na feijoadinha, na batidinha de maracujá e no informalismo carioca ao nível de Academia de Letras.

Só muito mais tarde tive oportunidade de «bater um papo» sem limite de tempo, com o Geraldo. Entretanto encontramos-nos, assisti ao «show» do Teatro do Grupo Opinião que viria a ser interrompido por uma «bomba de fabrico caseiro», ouvi pessoas diferentes dizerem coisas diferentes a respeito de Vandré. Assim se foi abrindo entre Geraldo e Vandré um parêntesis onde cabiam muitas contradições e algumas ambiguidades.

«EU SOU UM HOMEM LIVRE»

No III Festival Internacional da Canção Popular (Outubro de 68), Vandré teve o 2.º prémio da parte brasileira. *Para não dizer que não falei das flores* — é o título da canção. O 1.º lugar foi para Sabiá.

Já em 1966 no mesmo festival, uma canção de Geraldo Vandré recebeu um 2.º prémio: *Cavaleiro*, com música e apresentação de Tuca.

Mas desta vez o público reagiu contra a decisão do júri. *Caminhando*, como é conhecida a canção *Para não dizer que não falei das flores*, era de facto a canção favorita.

No festival do Maracanãzinho, Vandré emocionado pelas ovações do público que cantava o refrão:

*Vem, vamos embora
Que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer*

estendia o violão, com as mãos ambas, num gesto ritual de oferta e comunicação. O gesto, para lá da adesão imediata do público, foi comentado como exibicionismo, espectáculo. Como se o «show» da canção pudesse deixar de o ser!

Geraldo defende o seu

gesto, sem recusar a dimensão de espectáculo:

— *Não foi premeditado, nem estudado. Foi quase um gesto de timidez. Não sabia o que fazer quando toda aquela gente me aplaudia com aquele entusiasmo.*

Ao confessar implicitamente timidez, Geraldo vem talvez facilitar o acesso ao conteúdo do parêntesis que deixámos por resolver entre a pessoa e a figura, entre Geraldo e Vandré.

Geraldo nasceu em 1935 em João Pessoa, Paraíba do Norte, filho do médico José Vandregiselo de Araújo Dias. Nasceu em casa da família, sendo primeiro neto e primeiro bisneto, esperado por três gerações, que por unanimidade o destinaram à carreira das leis. Aos 14 anos deixa o Recife e fixa-se no Rio. Em 1961, com o 3.º ano de direito, vai trabalhar para S. Paulo, vindo ao Rio apenas para fazer os exames.

Foi em S. Paulo que começou a carreira musical, como intérprete da canção «Quem Quiser Encontrar o Amor» de Carlos Lyra e Vinícius de Moraes. Mas apesar da intenção de trocar as leis do foro pelas regras da canção, continuava até ao fim do curso de direito.

As razões porque terá aceite esse compromisso, não serão apenas da ordem do respeito pelos valores tradicionais de família; talvez pelo contrário pertençam a um domínio que confusamente quis exprimir ao afirmar «Eu sou um homem livre».

INTERVENÇÃO DA NUMEROLOGIA

Quando nasceu a irmã de Geraldo destinaram-lhe o nome de Geisa Helena. O pai José Vandregiselo calculou as potencialidades do nome e verificou que o número propício exigia a alteração de uma vogal: Geise Helena é o nome da irmã.

Geraldo ao iniciar a sua carreira de trovador — talvez seja o menos inexacto dos termos de classificação — procurou a protecção do saber paterno. Do segundo nome próprio de José Vandregiselo, fez Vandré e os números aprovaram.

O ano de 66 traria a confirmação dos resultados da numerologia:

— 1.º Festival da Record

(Radio e TV, canal 7 de S. Paulo): 1.º prémio com *Disparada* (música de Teobaldo cantada por Jayr Rodrigues), «ex aequo» com banda de Xico;

— 2.º Festival da Música Popular Brasileira no canal Excelsio: 1.º prémio com «*Porta Estandarte*» (música de Fernando Lona cantado por Tuca);

— 1.º Festival Internacional da Canção: 2.º prémio com «*Cavaleiro*» (música e apresentação de Tuca).

Em 1968 novos sucessos: o já referido 2.º prémio para «*Caminhando*» e 5 medalhas de ouro no Festival da Canção de Protesto, na Bulgária.

O Grupo TEJO — Teatro Experimental de Jornalistas da PUC (Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo), levará (levará?) ao Festival de Nancy deste ano, uma peça adaptada da *Paixão Segundo Cristo*, texto e música de Geraldo Vandré.

ENTRE PARENTESIS

As coisas diferentes ditas por diferentes pessoas, que se foram acumulando no parêntesis entre Geraldo e Vandré, em nada ameaçavam o sucesso real previsto pela numerologia. Mas

*Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não,*

e por isso mesmo temos o (dever e obrigação) natural desejo de saber até que ponto nos sentiríamos bem no lugar do parêntesis, isto é, de braço dado com Geraldo e com Vandré.

Em que consistiam com efeito as ambiguidades que poderiam cindir a unidade da pessoa com a figura? E as dúvidas que poderiam levantar-se quanto à irmandade proposta pela canção?

A origem num retrato social de burguesia abastada, as «boas relações» na sociedade carioca, o Galaxie de luxo, poderiam impedir-nos de seguir *caminhando e cantando* com Geraldo Vandré?

Não, para quem

*Acredita nas flores
Vencendo os canhões.*

Mas quando a dúvida (sobre a ambiguidade) existe o melhor é tirá-la a limpo.

Será Geraldo Vandré

sincero na sua poesia e no seu canto?

Ou explora o filão do sucesso, hábilmente, *Nas escolas, nas ruas, campos, construções?*

A PROVA DE SER

A prova de ser, que para René Descartes, o nobre senhor de Perron do séc. XVII, estava no pensamento (*Penso logo existo!*) para Geraldo Vandré, qualquer que fosse a sua origem, só poderia estar no canto.

A prova de ser (ou não ser) sincero (no canto) onde poderíamos procurá-la? Na linha seca das perguntas e respostas da entrevista?

Hotel Ouro Verde, Avenida Atlântica, Copacabana: as linhas arredondam-se em forma de copo, o «barman» sabe mitigar qualquer secura por mais exigente. A prova de ser faz-se por si sem o pensamento nem o canto, sem perguntas nem respostas.

O parêntesis desfaz-se. Geraldo aproxima-se de Vandré. A numerologia vence o abstracismo.

Pouco a pouco as dúvidas (metódicas como nos exige o sr. de Perron) e as ambiguidades que se deslocam em Galaxie perdem o sentido.

Sem problemas de consciência podemos acompanhar Geraldo Vandré

*Caminhando e cantando
E seguindo a canção*

Uma única dúvida ficou para mais tarde.

Que queria ele dizer com a história de *ser um homem livre*?

— Eu sou um homem livre! — insistia ele.
— Mas que diabo é isso? — insistia eu.

A prova de ser (ou não ser) ele (Geraldo Vandré) um homem livre ficou por fazer.

Mas não será melhor afirmar como realidade um simples desejo, do que ignorá-lo?

Nota: Geraldo Vandré virá à Europa em Fevereiro, segundo informação recente, e tenciona parar em Lisboa. Espero que tenhamos então oportunidade de conhecer um caso da música brasileira actual bem mais importante do que tantas outras que tem passado por cá com (in)discutível sucesso.

SUCESSOS LITERÁRIOS

PEÇA CATALOGO GRATIS AO AP. 1381

LISBOA 1 — PORTUGAL



Programa para 1969

Folhetim artístico de José-Augusto França

Ano Novo é convenção, mas de convenções vive o homem, e de pretextos para fazer e não fazer coisas. Ao começo de cada ano, tais pretextos animam-se e às vezes até chegam a promover programas de trabalho. Qualquer altura é de começar, mas talvez agora dê mais jeito. Do que não resta dúvida é de que há muitíssima coisa para fazer no domínio de artes visuais — aqui e agora, como repito, nesta optimista convicção de que há um aqui a verificar, e um agora a aproveitar.

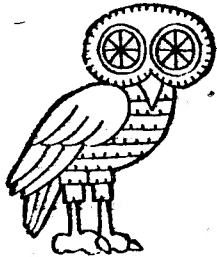
Que é preciso então fazer em 1969? Sem dúvida a reforma da estrutura do ensino das Artes Visuais, antigamente chamadas «Belas». Alterar a organização das escolas superiores, separando bem a arquitectura (e o urbanismo e o «design») num instituto superior e pondo as outras artes, que ainda há pouco eram a pintura e a escultura, em regime de «ateliers» ou laboratórios. E fazer da História da Arte e da Estética disciplinas a sério, nelas entendendo a Sociologia, como é indispensável hoje. Isto também nas Faculdades de Letras, é claro, com a possibilidade de se criar um Instituto de História da Arte — e a necessidade urgente de fazer formar no estrangeiro especialistas que em Portugal só amadores podem ser. Enviar a fazer «maîtrises» de História da Arte em Paris (ou diplomas equivalentes em Londres e em Roma) a jovens licenciados é o único caminho indicável.

Outra coisa de fazer é reabrir, com acerto de funções, o Museu de Arte Contemporânea, praticamente inexistente desde a morte de Diogo de Macedo — há dez anos! Preconizo, com razões que já apresentei, um museu do século XIX. Arranjem-lhe um director decente — e arranjem outro para o museu de Coimbra, que está sem ele há ano e meio. Ali é também de arranjar a electricidade que há muito estava desligada quando o visitei, em Novembro — o que paralisava os desumidificadores e punha em breve perigo as telas expostas...

Tanta coisa em perigo no património

nacional, o tecto de Baecarelli, na portaria de S. Vicente de Fora, por exemplo, há anos a estragar-se. Trata-se de uma preciosa cabeça de série, que explica toda a subsequente decoração de tectos em Portugal. Lembro também o «Eneas» de António Manuel da Fonseca, que é o único exemplo de pintura académica erudita de meados do séc. XIX — e que há anos se está estragando no Convento de Mafra. E Tibães, que se está perdendo? E o Cabo Espichel, que a boa vontade de Keil do Amaral quis salvar, e que cai em ruínas?

E Lisboa, que se vai esvaziando e perdendo definição de imagem por sortidos interesses de uns e triste falta de impulso cívico de outros?



Também em 1969 se poderia programar o aproveitamento do Casarão de S. Francisco, aliviado da Biblioteca Nacional — e onde caberia um centro de artes, para proveito de todos nós. Etc., etc.

Vai haver, neste ano, várias exposições importantes, umas já certas, outras prováveis. Na S.N.B.A. haverá uma magna exposição da Bauhaus. O prémio SOQUIL será normalmente atribuído, o Banco Português do Atlântico realizará a sua exposição. — Concurso, com largo leque de aquisições além dos prémios, e essa será com certeza a manifestação mais importante no seu género. O mesmo banco me encarregou de organizar uma grande exposição de arte contemporânea parisiense: «Presença de Paris»

— enquanto outra empresa bancária estuda o ambicioso projecto de uma exposição de âmbito internacional, com prémios importantes, interessando um certo número de países. Outra entidade comercial do Porto vai lançar-se na criação de um museu de arte moderna nessa cidade — abençoada iniciativa que se traduzirá por aquisições regulares e regulamentadas, nas exposições do País.

Tudo isto implicará uma actividade da crítica de arte portuguesa, que deve organizar-se também, e enfim, numa secção nacional da Association Internationale des Critiques d'Art (A.I.C.A.), que não existia desde há catorze anos sob a presidência teórica de Reis Santos, e que agora se está a estruturar. Poderá ela desempenhar o papel que lhe caiba, de relevo, na vida cultural do País? Tudo dependerá da direcção, singular ou colectiva, que escolher.

Paralelamente, a S.N.B.A. deverá, como casa dos artistas que é, responsabilizar-se por uma possibilidade de profissionalização destes, estudando a maneira de defender os seus interesses e de os promover. Um encontro de artistas (neste jornal sugerido por Francisco Bronze) parece-me maneira aconselhável de discutir abertamente os problemas que é preciso pôr — e talvez a S.N.B.A. caiba organizá-lo. É, por assim dizer, uma das suas ultimas «chances», senão a última, de se definir numa nova conjuntura nacional — aqui e agora.

Mas o programa para 1969 ficaria incompleto e coxo sem a Fundação Gulbenkian que, à data, deve ter generosamente despendido no domínio das artes cerca de meio milhão de contos, importância milagrosa que ali teria sem dúvida permitido realizar uma reforma substancial. De qualquer modo, está fora de questão a boa vontade da Fundação e é preciso compreender que os seus serviços de Belas-Artes dificilmente escapariam ao grande defeito nacional do empirismo — e da falta de programação.

Aqui, porém, fala-se de programação

e, a propósito desta instituição prestimosa, impõe-se a lembrança da sede que vai inaugurar — notável edifício, pensado «em grande» pelo dr. Azeredo Perdigão, como deve ser, admitido desde já a dimensão do futuro que quisermos dar à nossa vida nacional. Que ele não fique, como infeliz e justamente se dis-



se do Convento de Mafra, «maior do que o País inteiro»...

Todos aguardam que a inauguração da sede da Fundação seja o sinal de uma nova e verdadeira partida, capaz de recuperar algum do tempo perdido na responsabilidade que esta instituição deseja assumir no quadro artístico-cultural do País. Tudo depende duma programação de tarefas, dependendo esta programação do conhecimento dos problemas da vida artística portuguesa. O estudo desses problemas foi-lhe proposto, e por ela aceito, sem consequências, em Abril de 1967, como moção final do I Encontro dos Críticos de Arte. Sem tal estudo, acertado e empenhado — nada ninguém poderá fazer.

Desde já, porém, a Fundação poderá dar provas de actualização dos seus esquemas, realizando uma exposição inaugural «aberta» e «dinâmica». E pensando no Centro de Estudos há muito falado. Onde a informática possa dar entrada. E uma programação cultural audiovisual.

Cheguet ao fim do papel; a este assunto voltarei no próximo folhetim.

A ilusão embaladora

por José Vaz Pereira

A CONDESSA DE HONG-KONG de Charlye Chaplin com Sofia Loren e Marlon Brando

A ILUSÃO era embaladora. Porque não havia Chaplin de filmar ainda uma comédia deliciosa? Porque não havia o velho mágico, o «clown» apaixonado de conceder-nos ainda o privilégio dum daqueles apontamentos fulgurantes que, provisoriamente, coroam a dimensão majestosa da sua obra? Chaplin é Chaplin. Trata-se de Chaplin e alguma coisa tem de acontecer.

Marlon Brando e Sofia Loren, duas supervetadas dirigidas pelo supermestre, garantiam o êxito dum alta-comédia, passada num transatlântico, com música de Chaplin, argumento de Chaplin, família de Chaplin, tudo de Chaplin. A história lembrava um cacharote de sedução, brincadeira, humor entre gente encantadamente louca. Havia lugar para o sorriso e, quem sabe, para uma lágrima.

Mas, entretanto, desde «As Luzes da Ribalta» que continuava a existir cinema. Ou, pior ainda, o cinema continuava a evoluir, mesmo sem pedir licença a Cha-

plin. Evolução que não perdoa, que ultrapassa, que é implacável para os que ainda acreditam na varinha de condão. «A Condessa de Hong-Kong» é mais uma prova da vulnerabilidade dos mitos. Só uma política de autor levada até às últimas consequências poderá encontrar, nesta comédia falhada, um lampejo de qualidade.

E, evidentemente, não nos referimos só ao seu carácter inútil. Podem-se dizer coisas inúteis com graciosidade. As vezes com elegância. Nunca com vulgaridade. Cenas como as do enjoo não se limitam a ser toscas. São também vulgares. Serem assinadas por Chaplin não é uma desculpa.

Entra-porta, sai-porta, planos dum mar ora agitado, ora romântico e os gracejos penosos que já não fazem rir ninguém, «A Condessa de Hong-Kong» não vai além desse nível de primarismo. Fosse assinada não por Chaplin, mas por um tarimbeiro qualquer, que ninguém repararia nela a não ser para decretar a sua chateza sem glória. Lembra os folhetos de propaganda turística anteriores à II Guerra Mundial, tudo nela é falso desde os violinos até aos casamentos, desde o luar até às ementas dos restaurantes. Escreveram-se seguramen-

te milhares de páginas e dezenas e dezenas de ensaios sobre o humanismo de Chaplin. As suas posições, embora sempre mais sentimentais do que realistas, valeram-lhe a admiração de milhões de pessoas. A estúpida perseguição que lhe foi movida pela miopia do puritanismo e do reaccionarismo americanos consagraram-no como mais uma vítima da intolerância.

Nem uma lupa poderosa poderia descortinar qualquer preocupação humana na última obra de Chaplin. O problema em que se dilacera o herói é a alternativa entre ser embaixador na Arábia Saudita ou «apenas» filho dum multimilionário. A obsessão de Natasha (Sofia Loren) reduz-se a pular para dentro dos E. U., paraíso da sociedade de consumo, se possível com um marido capitalista. Os mesmos E. U. que fizeram de Chaplin um herói para depois o expulsarem. Toda a história do mordomo gira à volta do sarcasmo feito à custa dum pobre diabo subalterno. Mas como se a subalternidade não fosse castigo suficiente, ainda se cobre a criatura de ridículo e a fugaz e compreensível alegria que o homem experimenta por casar, ainda que só simbolicamente, com uma brasa de 1.ª classe é



Chaplin dirige Sofia Loren: mas Chaplin já não é Chaplin

espezinhada com truculência, fazendo da personagem o último dos idiotas.

Aliás, a condessa limita-se a «lançar o anzol» ao embaixador que se serve do pateta do mordomo para desenvolver um romance

mais tranquilo e seguro. Toda a história é um elogio da mentira... e o próprio desenlace, obrigando Brando à «dolorosa» decisão de trocar uma esposa gelada e convencional por Natasha e a embaixada na Arábia

por uma existência de «play-boy» sem problemas, é a maior delas todas. E os «playboys» podem dar-se a todos os luxos: mesmo o de casarem com «sex-taxis girls».

Evidentemente que algumas das velhas receitas podem ser sempre tentadas. Tal o ilusionista que retira pombas e lenços e gaiolas e canários duma cartola, Chaplin experimenta uma infinidade de «gags». Mas alguns repetem-se tantas vezes que se torna insuportável presenciar-los. Outros vêm abastardados pela falta de agilidade cômica que demonstram. E, hoje ainda, os filmes já não vivem disso. O público é mais ansioso por obras dum tipo, os intelectuais e os jovens chamam sucata a comédias cheias de ambiguidade hipócrita como «A Condessa de Hong-Kong» que acabam por pregar a moral do di-nheiro. Para eles, Chaplin está certo se for considerado tal como deve ser: a partir de 1952 («Luzes da Ribalta») uma figura de cineclubes ou de museus.

O resto significa deixarmo-nos embalar pela ilusão, pelos últimos lampejos de talento dum mestre de cerimónias fora de moda. Trata-se de Chaplin e alguma coisa tem de acontecer. Desta vez, nada aconteceu. Chaplin já não é Chaplin.

A vivência experimental

(Continuação da 1.ª página)

mero virtuosismo mas constitui um ponto de partida para o seu canto de amor. Propositadamente monótono e repleto de vogais fechadas e surdas surge em tom de cantilena aflição e obsessiva. A predominância das nasais concede-lhe um tom neutro tirando-lhe deste modo todo o fatalismo da lirica convencional. Não é pois de estranhar que os únicos momentos álgidos neste poema de 16 versos e 112 palavras sejam dados por *chamar, incendeia* (4 vezes) e *nomeia* (2 vezes). Os verbos têm aqui um valor real, palpável, actuan-

ginal ligeireza ou superficialidade. Mas, como diz o poeta, *esta ilusão liberta-se depressa* (p. 21) porque lhe descobrimos certa *na mão a solidão tristeza*, e num enquadramento onde a coisa domina há um grito contido, uma ânsia de explosão que apenas murmura no verso final:

*eu nada tenho a tua fria
[mão (p. 25)]*

É então a vez do humor (simples disfarce), a tentativa vã de escapar ao quotidiano, de adiar o tempo convulsivo e afirmar peremptório:

*livra-te de ti que peso morto
as coisas são o medo mais
las coisas
vai esmagar-te o mundo
[dos cometas
dos que comem as coisas
[mais abjectas (p. 33)]*

Mas esta corajosa atitude não o impede de retomar o diálogo com a amada para reconhecer lucidamente que:

*eu vejo que mentes so
bre o tejo.*

Presença inamovível para o poeta e-lo, apesar de tudo, a confessar, mergulhado na sua irremediável solidão, enquanto lembra (ou verifica?) as *subtis ligações limo liame onde alice o laço aliciante cresce*:

*agora nada tenho e o presente está preso pelo fogo
que tem. (p. 35)*

A aventura terminou. O ciclo fechou-se. E regressamos a o nome que na *chama se incendeia*. Sem surpresa e com naturalidade aceitamos os últimos versos da primeira parte de Versus-in-Versus.

*..... não
distraias as asas que não há.*

Mais longa e, penso, intencionalmente de leitura mais difícil (conquanto nos sejam propostas várias leituras) na segunda parte

E. M. de Melo e Castro dá largas à sua *invenção*, contributo que, como observa Haroldo de Campos (3) não costuma ter grande aceitação. Embrenhando-se numa louca (mas consciente) viagem através das palavras e dando-lhes o valor primitivo, ou, mercê do entroschamento entre o corrente e a novidade, consegue inventar um clima indispensável para a força da sua poética. Aquela novidade de que falava Vladimir Malakóvski: «a novidade, novidade do material e do procedimento, é indispensável para toda a obra poética».

De forma deliciosamente irritável e-lo a contestar fundo e forma enquanto atinge estruturas sociais. Depois de vários *contra* o primeiro poema termina assim: *contrário in/venção* (p. 40). E o segundo

poema começa: o *envolvimento da matéria* (p. 41). Seguem-se várias considerações sobre a *matéria mater* (p. 42). O terceiro poema inicia-se por *virtude em si se em virtude* (chamo a atenção para a margem de liberdade concedida ao separar-se no verso os dois elementos) e termina deste modo: *tudo esquecer virtude em si* (p. 43). A reforçar o seu concreto programa aparece em seguida o já citado Fragmento de um mapa do lirismo português. Para que o choque seja ainda maior E. M. de Melo e Castro propõe-nos a meditação de três blocos brancos. No primeiro Bloco Branco é-nos fornecido, no primeiro verso, o seguinte material: *válvula avena úvula aveia úrsula areia* (p. 47). Colaborando com o poético utente o autor sugere como primeira leitura: *valena avula avala ureia urseia urena*. Mas o primeiro poderá inventar na sua própria leitura algo como: *valvena anúvula laveia vúrula lareja*.

No Segundo Bloco Branco parte-se de: *deixa o vinho encher tuas visões de sal para se atingir: del mil valor que val el al* (p. 49).

No terceiro Bloco Branco temos como primeiro elemento: *de que que de e como últimos: queda de que de que dar* (p. 51).

Tudo isto para nos dizer (após diversas razões que é preciso descortinar e saber ler nos blocos) que consoante o vinho com que cada um enche as suas visões de sal assim queda a sua *lágrima lorina* neste *durar dura* que acaba na queda de que de que que dar.

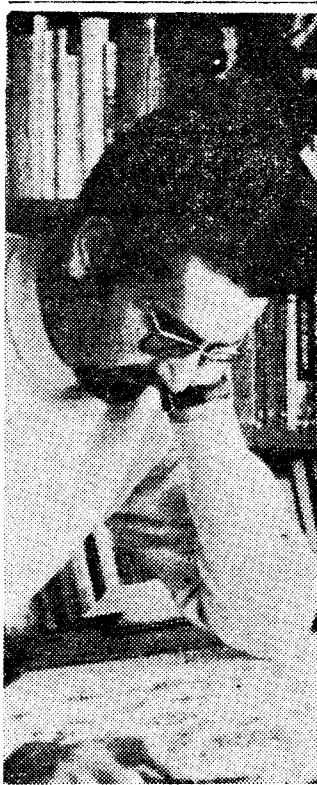
O tom do restante livro é dado pelo título dum poema: *Redundância Aberta* (p. 57). No meio duma enorme prolixidade sabemos que *não há arte sem homem mas vai sem homem a arte / vai sem arte o homem*.

E ainda: *tanto na espera atenta / um sinal luminoso / que não vem mas inventa / um líquido reverso* (p. 63).

Flagrante tomada de consciência temos em 3 versos aleatórios (p. 65 a 67) uma das mais incisivas e pertinentes críticas realistas da nossa poesia contemporânea, pese embora aos detentores do monopólio do realismo. A água chilra da demagogia realista opõe com inteligência e cruzeza a irreal realidade do seu tempo. Citemos de «rural»: *nunca não será / a indiferença uma / floração séria / a navegação é pobre / par a par a vinha*. E de «clínico-filosófica»: *a obra agorina antiga / uma ilusão até / envolve / o rosto / desafia*. E finalmente de «financeira»: *a lei da fraude / foi estudada nos / mínimos detalhes / sua garantia / programação do até / controle / escudo / nostalgia*.

Damos aqui por terminada a nossa leitura de Versus-in-Versus, um dos mais importantes, senão mesmo o mais importante e problemático livro de poesia portuguesa publicado no ano de 68.

Integrado no «sentido novo e prospectivo» de que fala Max Bense, merece bem que lhe apliquemos a afirmação do conhecido



crítico e ensaísta: «a inovação é um acréscimo à civilização sob a forma de informação».
Remmes, 13/12/68

(1) Na sua muito discutível História de las Literaturas de Vanguardia, Guillermo de Torre justifica as magras e erradas linhas dedicadas a Portugal do seguinte modo: «víctima de la escasez bibliográfica y documental común a todo lo ibérico moderno». p. 173. Ed. Guadarrama, Madrid, 1965.

(2) Versus-in-Versus por E. M. de Melo e Castro. Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1968.

(3) In Metalinguagem. Colección Nosso Tempo. Editora Vizes, Lda. Petrópolis, 1967.

A literatura em debate

QUE PODE A LITERATURA
por Simone de Beauvoir
Jean-Paul Sartre, e outros
ed. Estampa
Lisboa 1969

Em prosseguimento da edição de interessantes e mentosas temáticas, lançou a Editorial Estampa para o mercado mais dois livros cujos títulos — «O Problema Racial nos E. U. A. visto por portugueses» e «Que pode a Literatura?» — são, em si mesmos, suficientemente explícitos para atrair a atenção do leitor de todas as camadas.

No colóquio sobre «O Problema Racial nos E. U. A.» intervieram: mons.

Surrealista em retrospectiva

(Continuação da 3.ª página)

to que pode ser de angústia, a cabeça levantada para o alto, mas que pode significar, também, na intensidade do gesto e no verde do seu vestido, o sinal de uma esperança que não morre. Esta mesma atenção ao real-imediato, a uma verdade histórica que o pintor não quer alienar, manifesta-se, ainda, nalguns desenhos, também de 1940, onde a tragédia da guerra é revelada nos grupos de fugitivos que se afastam das cidades incendiadas.

«Amor Jacente» é, dir-se-ia, uma das cenas finais desse drama da Vida e do Homem que Dacosta vinha representando nos seus quadros. Sobre uma espécie de palco agrupam-se algumas figuras, personagens doutras cenas que já tiveram ocasião de referir. A bela mulher estendida, de longos cabelos louros, como um símbolo da Virtude, tem na sua mão uma das patas do leão, cujo olhar implacável nos penetra, possuído de uma majestade terrível. Alusão, decerto, à tão procurada união dos contrários que a estética surrealista tão vivamente desejou. Sentado no tablado, o espadachim curva as costas ao peso da sua culpa. Segura, ainda, a espada. A sua cabeça é apenas a mão de ferro que só conhece a lei da violência. Todos eles aí estão, imó-

veis, sózinhos, depois do drama ter terminado, á espera de um Juízo que não vai tardar. O céu é uma pura labareda e no meio da planície deserta as casas de pedra são abrigos que já não servem para nada.

Talvez fosse neste quadro que a verdadeira obra de Dacosta se concluiu. Depois dele tudo quanto o pintor fez parece já inferior e desnecessário. Algumas pequenas telas de 42



falam-nos de um artista que vai descobrindo as causas profundas dos seus problemas por uma via mais intelectual. Ora, a criação artística parece exigir do artista uma candura, uma certa ingenuidade, sem a qual o impulso se quebra na dúvida, morrendo após. Assim, não poucas vezes este conhecimento de raiz intelectualista tem sido a principal causa do esgotamento de uma inspiração. O que não deve lamentar-se, mas simplesmente servir-nos como matéria de reflexão.

diferentes, cujas opiniões, portanto, nem sempre coincidem, mas se justapõem num clima de respeito mútuo.

«Que pode a Literatura?» é um debate entre intelectuais franceses que, à pergunta tentaram responder, tendo em vista não só o alcance sócio-político da Literatura como também o que ela implica e pode dizer-nos do mundo em que vivemos. Nele depuseram: Simone de Beauvoir, Yves Berger, Jean-Pierre Faye, Jean Ricardou, Jean-Paul Sartre e Jorge Semprun e. longe de restringir o interesse da pergunta ao campo dos intelectuais, este importante debate amplia o problema a todos os homens.



Jorge de Sampaio, dr. Mário de Sottomayor Cardia e dr. Urbano Tavares Rodrigues, também director e apresentador da colecção, nomes sobejamente conhecidos, de meios intelectuais

CAMINHOS DE FERRO

Carruagem directa de Castelo Branco a Paris, às 3.ª e 6.ª feiras no período de 3 de Janeiro a 11 de Abril de corrente ano

A fim de facilitar o regresso de trabalhadores portugueses destinados a França e além, a C. P. põe em circulação, no período indicado, uma carruagem directa de 2.ª classe, com o seguinte horário:

Castelo Branco	p. 10.15 h.
Guarda	c. 13.45 h.
Vilar Formoso	p. 15.02 h.
Hendaye	p. 16.57 h.
Paris	c. 18.40 h.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria, 18-A.

«VM» semanário

V. M.
Suplemento de
«A Voz de Moçambique»
Lourenço Marques

Mais um número de V. M. — A Voz de Moçambique, que se publica em Lourenço Marques, e que dedica uma importante parte da colaboração às letras e às Artes. A vivacidade e o sentido jornalístico desta publicação justificam que se lhes atribua um especial interesse, ao mesmo tempo que sugerem uma necessi-

dade, cada vez mais premente, na difusão dos melhores periódicos ultramarinos na Metrópole. O enriquecimento mútuo que daí adviria, quer no plano de formação de quadros jornalísticos, quer na amplitude da informação, seria uma consequência inestimável desse alargamento do mercado cultural. Em particular nos sectores artístico e literário parece de todo o ponto evidente a vantagem de um mútuo conhecimento de valores, no interesse da sua justa promoção.

Ainda a poesia de Régio

(Continuação da 8.ª página)

bém ela é não-expressiva, na medida exacta em que é impossível.

Não sou eu quem o diz, mas Régio: «Se o que chamel expressão mística transcende, pois, não só a expressão artística como qualquer outra forma expressiva, — é que exactamente o místico se não exprime como místico senão por meios que humanamente considerados são a própria negação da expressão: aquele silêncio que é um tácto dialógico com Deus...» (p. 36). Donde, toda a expressão mística comunicante é já expressão artística não-mística.

Como se explica então que na teoria estética de Régio apareça a mística, mas não a ciência?

APONTADAS as dificuldades, vejamos as consequências:

a) Se a arte é expressão da expressão vital — de que é expressão a expressão vital? Eis a resposta de Régio: «... ao longo deste ensaio designei por expressão vital ora a própria vida interior, ora a sua expressão ou manifestação primeira: perante as nossas possibilidades de conhecimento, confundem-se vida interior com a sua expressão imediata» (pp. 73-74). E observa: «Quando alguém se exprime só para si, parte-se em dois e exprime um-de-si ao outro» (p. 73).

Ora bem, se a arte é expressão da vida interior, temos que ter agora em conta que existe um interior na própria vida interior, quando o sujeito se exprime só para si. Pergunta-se: que instrumentos (senão a linguagem como «voz da consciência») utiliza o sujeito para se exprimir só para si? E pergunta-se ainda: se uma vida interior é tanto maior quanto mais denso e complexo for o sentido do humano que contém, como se gera o sentido nesse interior que dentro da própria vida interior se abre? Que existe lá, onde nenhuma expressão ainda existe, que é esse lá, esse «um-de-si» de que o sujeito parte para a si mesmo se exprimir? Lugar onde todo o sentido é puro e reservado, onde ele existe como objecto sem que nenhum sujeito o conheça, onde o objecto engendra o próprio sujeito, onde se estabelece a unidade integral de um Sujeito-Objecto: lugar de Deus.

b) Indicámos que o sujeito para se exprimir a si mesmo tem de utilizar um meio de expressão e que esse meio só pode ter a forma de uma linguagem. Contudo, Régio fala-nos sempre da expressão vital como algo de *informe e imediato*. Porquê? Porque se a expressão vital tivesse já a forma de uma linguagem, o poeta ao escrever a sua poesia estaria a fazer um trabalho de transformação duma forma ideológica numa forma estética: estaria a construir um discurso a partir de outro discurso, e não do *puro-espirito* a que Régio se refere.

Mas o que Régio nos diz é diferente: para ele, é a expressão estética que dá forma à expressão vital (e trata-se de um interior que se *encarna* num exterior — p. 52) e é neste ponto que a linguagem aparece como meio de expressão.

Leia-se o seguinte passo: «... o poeta serve-se da palavra escrita, o músico dos sons, o pintor das linhas (...) o actor ou bailarino de seu mesmo corpo (tal na expressão vital), mas tomando-o não como entidade animada de vida própria, sim como *matéria inerte* que maneja à semelhança do escultor manejando massas mortas, do poeta manejando palavras, do pin-

tor manejando cores e linhas. Não bastaria este obrigado recurso a um *material exterior* para que a expressão do artista se revelasse irredutível à expressão vital?» (pp. 24-25). Para Régio, a linguagem é material exterior e matéria inerte de que o poeta se serve. Ponto capital.

QUE sucede na poesia de Régio? Analisemos o processo. Na medida em que Régio considera a linguagem instrumento e material exterior, a linguagem é uma forma de dizer de uma maneira bela (literária) um conteúdo que lhe preexiste. Nessa medida, a linguagem tem de apresentar ao leitor as credenciais que provam que ela é literatura. Para tal, a linguagem recorre às *credenciais mais visíveis*, isto é, aos padrões de «beleza» literária que a *ideologia estabelecida* põe em circulação. Em cada poema de Régio, sentimos que a linguagem se aponta a si mesma como literatura, exhibe os emblemas que assinalam a sua «beleza».

Mas, ao dizer de si mesma que é literatura, a linguagem separa-se do dizer que lhe competia veicular, deixando este dizer exposto na sua nudez de *ideologia*.

O que é importante é verificar que entre a ideologia que aponta os modelos da «beleza» e da Literatura e a ideologia que como conteúdo os poemas de Régio exprimem, existe uma correlação — uma homologia. Repare-se: quando a teoria da linguagem de Régio nos diz que essa linguagem é material exterior, e que o poeta se serve dela — como o bailarino do seu corpo (p. 25); quando Régio nos diz que a expressão artística exprime a expressão vital como um interior se *encarna* num exterior (p. 52); quando Régio nos diz que para o senso comum «é a obra de arte uma unidade, como é *corpo-e-alma* um ser humano» (pp. 91-92) — então tudo se torna claro. É o dualismo de uma *ideologia espiritualista* que se refracta em todos os níveis da poesia de Régio: na relação alma/corpo; na relação interior/exterior; na relação conteúdo-expresso/linguagem-meio-de-expressão. E verificamos que o segundo elemento é sempre expressão do inexprimível do primeiro; ou melhor, é sempre o mero e mesquinho instrumento de que o primeiro se serve para se exprimir.

POESIA que se reduz à expressão cindida de uma ideologia — poderéi eu lê-la como arte? Não creio. Na medida em que o texto é expressão de um sentido preexistente, o texto é *ideologia*. Sómente se eu concebesse a linguagem como lugar e meio-ambiente onde a poesia se produz pelo trabalho do poeta, poderia eu definir o texto como *produção de sentido*, e portanto encarar-lo na *indeterminação, disponibilidade e irredutibilidade* que o constituem como *efeito estético*. Doutró modo, o texto esgota-se na ideologia que exprime.

Vejamos um exemplo. Quando Régio escreve em *Cântico Suspenso* (*):

Havia na cidade estádios amplos o bas-
[tante]
Para acolherem turbas que os enchiam
[lêis a lêis,
Ansiosas de seguirem uma bola salti-
[tante]
E uns homens de calções dando-lhe
[pontapés.

O jogo era regrado por leis éticas.
Desporto-educação, eis o binómio.

Mas, nas tardes de glória aquelas mas-
[sas apopléticas
Descompunham-se, a uivar, como num
[manicómio.]

quando Régio escreve este passo de um poema, que leio eu? Muito simplesmente, a opinião de Régio sobre o futebol numa pseudo-ingenuidade (o não reconhecer o significado das coisas que vê, e lê-lo numa aparente evidência primeira) que foi o grande trunfo de uma famosa descrição de um desafio de futebol por um cómico brasileiro que há anos esteve em Lisboa.

Outro exemplo:
Também se expunham flores, obras de
[arte, objectos raros,
E havia mesmo exposições itinerantes
De belas jovens alagadas por cabides
[— os mais caros —
Das «criações» mais imbecis dos costu-
[reiros elegantes.

Havia na cidade instituições
Em prol dos jovens dos dois sexos.
Onde lhes eram ministradas instruções
De higiene sexual e tratamento dos
[complexos.

Felizmente reduzidas
A um número de escol, sempre pequeno,
Certas facções dos jovens sócios des-
[troçavam bens e vidas
Humilhavam os velhos, cultivavam
[todo o obsceno.

Lido este passo, que acontece ao leitor? Fica a conhecer o que Régio pensa sobre as passagens de modas, os manequins e as escolas de educação sexual (que deve ter lido que existem em certos países), mas confesso que saber tais opiniões me interessa realmente muito pouco. Identificado o sentido, o texto acabou-se — tal e qual como acaba o comunicado de uma qualquer instituição pública falando de problemas administrativos, e que eu nunca pensaria em ler. Não se trata pois de ser moderno ou antigo. Porque os textos antigos não se esgotam, não se esgotaram: e por isso é que até hoje os fomos lendo e comentando.

IÚTIL analisar este longo poema que inicia *Cântico Suspenso*: «Havia na cidade». É ideologia pura e simples — e retrógrada. É ideologia na linguagem também: ou não será ideologia esta forma já tão «literária» de descrever prostitutas: «mercenárias/Bocas de hálito podre, dentes ruins, línguas azedas»? Inútil demonstrar a inconsistência deste libelo contra a cidade — a cidade-técnica, a cidade-vício, a cidade-pecado, a cidade-multidão, a cidade povoada de estrangeiros e estrangeirismos (e não emprega Régio palavras como *affiches*, *marchands charmes*, para apontar o vício na própria desnacionalização da língua?).

Apenas um confronto: para Régio, na cidade vive-se «à luz de sóis eléctricos» ou (em «O baile») «as flores emurcheciam/antes do tempo, em jarros de cristal/Mandadas vir de onde é ainda natural/Desabrocharem flores» isto é, a natureza *perverte-se*. O homem recorre à técnica para a dominar e assim «havia na cidade jardins públicos, tratados/por cuidadosas mãos de sabedores». Ora leia-se a página 22 de *Três Ensaio sobre Arte*: «o puro ou espontâneo manifestar-se vitalmente um ser humano nada exige senão este próprio». E por isso a expressão vital é «*inocentes*» (p. 28).

Mas aqueles que utilizam técnicas afastam-se dessa inocência — e aproximam-se do pecado. Por isso escreve Régio: «Decerto será um triunfo da

arte a ilusão tanto quanto possível perfeita da vida» (p. 23). Reconhece que isso é uma grande ilusão, e, contudo, é essa ilusão que aponta como *objectivo último* da arte. Que transforma esse ideal em ilusão? A necessidade da linguagem. Para Régio, a linguagem é um mal necessário. Como instrumento de que o espírito se serve ela contém já em si o germen da per-versão.

E encontramos o resultado dessa *perversidade da linguagem* em toda a poesia actual que Régio não compreende nem aceita. Por isso ele escreve que a arte «atravessa um período de decadência, tendo vindo avançando num sentido cada vez mais completo de desumanização. Como hoje sucede, e é natural que suceda, particular relevo assumem nestes períodos as preocupações da forma, o gosto de extravagâncias afinal conducentes a becos sem saída, a substituição da inspiração pela técnica (ou da intenção criadora pelo intelectualismo)...» (pp. 81-82).

O que este texto significa é a recusa de tudo o que nos afasta duma natureza tão misticamente transparente que ela é o puro espírito no limiar da sua aparição.

MAS não se suponha que o processo exemplificado apenas se verifica nos poemas satíricos como «Havia na cidade». Veja-se, por exemplo, «O grito», onde se conta a passagem do politeísmo inicial para o politeísmo actual (feito de fetiche que nem gente são, talvez Eros, talvez a Violência...), passando pelo monoteísmo e pela falsa morte de Deus. Veja-se «O Relógio» com os fantasmas de «um ilustre doutor» e de um «marcial, juvenil/Alferes encantador». Veja-se «A última deusa», onde a Esperança, «essa mendiga louca», resiste à aparente destruição dos deuses. Veja-se ainda aquela insólita história que se intitula «Canção do moço jardineiro», e que começa assim:

O moço jardineiro
Ergueu-se de manhã.
Faz florir as mimosas, Fevereiro!
Cheirava a terra na atmosfera sã.

Ergueu-se de manhã, nascia o sol,
Desceu ao seu jardim.
Por que já te calaste, ó rouxinol?
E deu sol nas folhinhas do alecrim.

Desceu ao seu jardim a ver as flores,
Mas nem junquinhos; só violetas.
«Bons dias, meus amores!»
Disse ele àquelas pretas.

para acabar assim:

Nenhum signo sinistro ou agoireiro
Disse aos viventes que morrera alguém.
Mas, se morrera, o moço jardineiro
Mais do que nunca — morto — cheira
[bem.

E num só verso se indica tudo o que ideologicamente nos afasta da poesia de Régio:

«Apressuravam-se os peões lá com o seu fito em vista.»

Não, José Régio, o fito das pessoas não é lá, onde sobranceiramente o apontamos: é cá, entre nós, homens entre homens.

(*) José Régio, *Três Ensaio sobre Arte*, Portugal Editora, 1967
José Régio, *Cântico Suspenso*, Portugal Editora, 1968

EDUARDO PRADO COELHO

Em função da velha e da nova crítica

(Continuação da 1.ª página)

é o lírico, o Camões de Castilho não é nem um nem outro — que essa visão diferente em nada modifica os valores intrínsecos da obra camoniana, os quais dizem respeito à tal Beleza, flutuante, frágil, para o «novo crítico», mas estável, sólida, para a crítica que se estriba na intuição. Aliás, esta flutuação dos juízos de valor relativamente às obras lite-

rárias só atinge as obras mediocres: essas é que, válidas hoje, nada valem amanhã. Haja em vista as *Fototipias do Minho* no século passado, colocadas em posição de relevo ao pé de *O Crime do Padre Amaro*. A respeito desta obra, quem se enganou foi a nossa pretensa crítica científica — a crítica dos «novos críticos» da *Revista de Estudos de Livres* —, não a nossa crítica intuitiva — Oliveira Martins ou Ramalho Or-

tigão. Flutua, varia, a crítica ou o critério valorativo da crítica em relação às *Soledades*, de Góngora, ou à *Nova Fénix Renascida*, porque estas obras pertencem a um sector da criação literária onde a Beleza e o gosto funcionam subjectivamente. Quer dizer: as *Soledades* e o gongorismo, hoje na moda e em favor crítico, inserem-se no capítulo das «modas» literárias, que, pela sua relativa importância,

não ascendem ao plano clássico da Beleza. Este é realmente, intemporal. E não me diga o «novo crítico» que há para a *Odisseia* ou para *Os Lusíadas* um critério flutuante. Não. Se não existe a «última palavra» em arte, é apenas no sentido da intelligibilidade total das obras-primas. Mas há uma «última palavra» para apreciar, julgar, ou colocar em órbita essas obras-primas. Estas, que podem vir a be-

neficiar de leituras e releituras científicas ou paracientíficas, na maior parte dos casos colocaram-se em órbita graças à intuição. Balzac, valorizando Stendhal, Ramalho Ortigão, valorizando Eça, Régio, valorizando Pessoa, não actuaram criticamente de acordo com critérios, linguagens ou métodos científicos. Usaram exclusivamente da intuição. Usando critérios, linguagens, métodos científicos, valorizam-

-se as *Fototipias do Minho* ou os versos de um camarada integrado na mesma ordem de ideias literárias. Assim sucede com as valorizações caducas a que se dá a «nova crítica», sem excluir a do «novo crítico», que terá muito que pasmar quando, dentro de vinte ou trinta anos, verificar que um Cruz qualquer a *la page* vale muito menos que um Régio «ultrapassado». E para diálogo já basta.

JOÃO GASPAR SIMÕES



Eduardo Prado Coelho:

ainda a poesia de Régio

O grande paradoxo é, quanto a mim, o seguinte: José Régio procura transmitir na sua poesia «uma qualidade superiormente humana», e contudo a impressão que me deixa a leitura dessa mesma poesia é a de que seria possível defini-la com os próprios termos que Régio aplica à expressão retórica: «Na realidade, bem pouco nos tocarão tais obras. Ahamos que não convencem o mais fundo e vivo do nosso ser».

Não se trata pois de negar a sinceridade das experiências humanas de Régio, até porque tal sinceridade nem é da conta do crítico. E a poesia que nós temos funciona em certa medida como sintoma do drama complexo e dilacerante que o poeta talvez viva. Mas um sintoma não é nunca uma apresentação estética.

A raíz do paradoxo apontado podemos talvez encontrá-la ao lermos *Três Ensaios sobre Arte*. (*) Nesses três estudos reunidos por Régio defende-se toda uma concepção da literatura que nos irá esclarecer pontos essenciais. Ora vejamos.

DEVEMOS distinguir, segundo Régio, entre expressão vital e expressão artística, partindo do princípio de que toda a arte é expressão de algo. A expressão vital é «um manifestar-se espontaneamente, irresistivelmente, a própria vida ou o próprio indivíduo», manifestação essa que parece «informe, incoerente ou indisciplinada» (p. 21). A expressão vital é «inocente e primária» (p. 28). Por exemplo, o gaguejar dum indivíduo emocionado ou o choro provocado por um enorme desgosto. Notemos que «o puro ou espontâneo manifestar-se vitalmente um ser humano nada exige senão este próprio», e o manifestar-se em arte, «por mais pura ou espontânea que seja, ou pareça, tal manifestação, não pode dispensar a palavra escrita ou falada mediata...» (p. 22).

Quanto à expressão artística, ela é «uma expressão segunda, mediata, indirecta, em relação à expressão vital, tendo ambas, embora, o mesmo conteúdo ou objecto, que é o ser humano e tudo o mais através dele» (p. 24). Por conseguinte, «a expressão artística dá forma à expressão vital» (p. 21 e p. 26). Ela é «dirigida, intencional, interessada, em relação ao reflexo, espontâneo, imprevisível de uma expressão vital» (p. 27).

CONCLUINDO, e da perspectiva da arte, Régio dirá que existe:

- a) uma expressão que não chega a ser arte — e que é a expressão vital;
- b) uma expressão que transcende a arte — e que é a mística (e que pode por sua vez ser objecto da expressão artística);
- c) e uma expressão que, ou por insuficiência ou por excesso, pretende e não consegue atingir a arte (a retórica).

Notemos ainda um aspecto da teorização de Régio: se o indivíduo emocionado revela nas suas palavras «certa escolha ou insistência, certo propósito ou cálculo», e se mostrar que «um certo prazer arranca já de se exprimir», «como se não se exprimindo já por se exprimir, mas para se exprimir» (p. 18), estamos perante «uma atitude impura, de compromisso entre a atitude vital e a atitude artística» (p. 15).

EXPOSTA nas suas linhas gerais, e com um máximo de objectividade, a teorização de Régio, indiquemos agora as observações que ela sugere:

- a) Definir a arte como expressão de algo é desde logo pressupor que o «conteúdo» da obra *preexiste* à própria obra. Perguntamos: onde? Régio responderá que existe na expressão vital, a que a expressão artística dá forma. Mas existe antes com que forma (dado que um conteúdo exige sempre uma forma)?

Leia-se o capítulo que Régio dedica às expressões retóricas. Ai não há arte porque «o fundo cuja riqueza queremos correspondente àquela riqueza de forma — o interior que desejamos encarnado naquele exterior — houvera de ser a própria subjectividade do criador da obra; (...) houvera de ser uma integral expressão vital que *devera preexistir*...» (p. 52 — o sublinhado é meu).

Deste modo, o escritor é aquele que tendo uma coisa para dizer a diz numa forma que deverá ser rica e bela. E, por conseguinte, há grande arte quando sentimos que «não poderia aquilo ser dito de outra maneira, ou que essa é a melhor maneira de dizer aquilo» (p. 93).

Conclusão: «aquilo» é anterior à «maneira» de o dizer. Está antes. Pergunta-se: *mas estás antes onde?*

b) Se considerarmos o que Régio considera expressão vital (o gaguejar da emoção, as palavras comovidas de um homem, etc.), veremos que não há em Régio lugar para a expressão quotidiana normal, em que uma pessoa se não exprime por exprimir, (por descontrolo, descuido ou abandono), mas se exprime para se exprimir. Quer dizer, Régio omite pura e simplesmente a expressão normal — que definiremos como expressão ideológica.

Note-se o caso da «expressão impura» a que Régio se refere; aí um ligeiro cálculo ou uma leve premeditação faz passar *sem transições* a expressão vital para expressão artística. E, nesse caso, qual a diferença entre todas as situações em que alguém se exprime para se exprimir, com uma intenção determinada, e a arte? Ponto que Régio não chega a tocar.

c) Caso curioso e sintomático, Régio omite também a existência da ciência — do discurso científico. Omite-a porque se trata de um discurso não-expressivo — sem a marca expressa do sujeito que o enuncia. Portanto, o problema das relações entre a arte e a ciência como modos de conhecimento fica eliminado. Mas Régio inclui essa expressão estranha que é a expressão mística: e digo estranha porque tam-

(Continua na 7.ª página)



Ben Suc, aldeia morta

por Alcides de Campos

EM JANEIRO de 1967, o Estado-Maior americano desencadeia no Vietnã uma das suas mais vastas operações militares a fim de «pacificar, definitivamente», uma zona de guerra particularmente dura. Esta zona estratégica, denominada um dos ângulos do célebre «triângulo de ferro», situava-se a cerca de cinquenta quilómetros ao norte de Saigão, abrigando dentro das suas pobres casinhas cerca de três mil e quinhentos habitantes. Seu nome, agora tristemente célebre, Ben Suc...

UMA REPORTAGEM OBJECTIVA

Um dos objectivos da referida operação consistia no isolamento e na evacuação da aldeia antes da sua total destruição. Dos preparativos e execução do plano americano fala-nos Jonathan Schell, repórter do «New-Yorker» que seguiu passo a passo as tropas do seu país, registando os mais banais acontecimentos (se acontecimentos banais podem verificar-se em tais circunstâncias) com a precisão e a objectividade de uma máquina fotográfica. Publicada integralmente no «New-Yorker», a reportagem do jovem jornalista nova-iorquino, em razão do enorme sucesso alcançado, foi pouco depois editada em volume pelas edições A. Knopf. Três meses mais tarde, Jean Rosenthal escrevia uma excelente tradução francesa da obra, que as edições Grasset publicaram sob o título «Le Village de Ben Suc». O êxito alcançado em França foi então quase tão grande como o que já se verificara nos Estados Unidos, consideradas as proporções políticas e demográficas, evidentemente.

Ben Suc surgiu entre as muralhas erguidas pela dinastia Nguyen nos fins do século XVIII, crescera na dor, tornara-se fértil em arroz, frutos e legumes de primeira qualidade que faziam o regalo de toda a província de Binh Duong. A maioria dos habitantes vivia, por consequência, da agricultura, ajudados na árdua labuta diária por juntas de búfalos. Regra geral, as famílias da região, grandes e pequenas, engordavam porcos, patos e galinhas. Os mais felizes, orgulhavam-se da vaca de que eram proprietários. Relegados nos campos, privados de electrici-

dade, os comerciantes do burgo (o boticário, o vendedor de bicicletas e o barbeiro) fechavam cedo as portas das suas lojas — e os aldeãos, privados de quaisquer divertimentos, não tardavam a ir para a cama. Uma existência patriarcal, apta a engordar suínos, pintainhos e outra criação...

OS «BONS» E OS «MAUS» OU VICE-VERSA

Mas, em 1955, a República do Vietnã (A. R. V. N., «Arvin» para os americanos) vem quebrar a paz monacal da aldeia de Ben Suc com a instalação de um posto avançado que a F. N. L. (ou Vietcong, ou V. C.) destruirá em 1964. Um ano antes, várias equipas de missionários de nacionalidade americana e vietnamita tinham aparecido na aldeia na esperança de evangelizar budistas e confucionistas. Em vão. Finalmente, em Janeiro de 1967... Mas peguemos no livro de Jonathan Schell que, em 188 páginas de uma objectividade pouco comum em relatos de acontecimentos próprios a desencadear as mais vivas paixões, nos narra a tragédia de três mil e quinhentos camponeses cercados por uma força imprevisível e violenta que, sem tardar, os selecciona e separa em «bons» e em

«maus», lhes ordena de fazer as malas e de subir a trote para os camiões que os conduzirão, sem tempo para fazer uma necessidade, ao campo de Phu Loi — imensidão nua, despojada de tudo para lá dos muros de arame farpado. Três mil e quinhentos homens, mulheres e crianças arrastando com eles os magros sacos de arroz, panelas, galinhas, patos, pequenos e leitosos bacoritos com o rabo a dar a dar, ignorantes da sorte que os espera...

UMA ESTRANHA MERCADORIA

Os camiões partem, carregados desta estranha promiscuidade. Da estrada poeirenta, pelas fendas do oleado, os olhos dos velhos fixam-se nas casas e nos arrozais uma derradeira vez. Os jovens (os «bons» e os «maus») interrogam-se. As mulheres gritam, incapazes de calar o choro das crianças. Lá em baixo, na várzea fértil, o inferno começa: os «B-52» e os *buildozers* disputam-se a última casa de pé, a última pedra... Quando o trágico cortejo penetra no campo de Phu Loi, Ben Suc terá desaparecido do mapa: rasgada pelas bombas, esmagada pelos *buildozers*, devorada pelo fogo. Para os seus habitantes, para aqueles que, com o esforço dos seus braços a ergueram pouco a pouco, ao longo de dois séculos, o pesadelo dos campos de concentração começará: brutal, espasmódico, sem esperança. Os homens rasaram-lhes as casas, os homens rasaram-lhes as vidas. Lentamente, sem dor, segundo os bons métodos orientais... Um pouco como o estilo de Jonathan Schell, que adoptou com brio a frieza do processo-verbal, a secura do relatório de polícia esquecendo no tin-telro, voluntariamente, todas as considerações políticas. Cingindo-se exclusivamente aos factos em termos de reportagem sucinta, o jovem escritor americano dá-nos um retrato coerente de uma realidade que nos penetra. Oxalá o sucesso alcançado com este primeiro livro o predisponha a novas criações sobre um tema tão grave e tão importante como o é esta guerra absurda (Verdum ao máximo expoente) entre um novo David e um outro Golias que, mesmo cego pela fúria, procura desesperadamente nas trevas o seu minúsculo mas astucioso inimigo.

LIBELO

ACUSATÓRIO

A segunda edição de um livro que aparece pela primeira vez com o nome do seu verdadeiro autor

António Modesto Navarro

PREFÁCIO DE JOSÉ SARAMAGO
ESC. 30\$00

PRELO EDITORA
R. da Misericórdia, 67-2.º
Tel. 37 06 91 LISBOA